

O avivamento da compaixão

R. Franklin Cook e Steve Weber

2021

Missões Nazarenas Internacionais

O EVANGELHO NOS ANDES

CEM ANOS DA IGREJA DO NAZARENO NO PERU

Roger Winans

Edição de R. Alfred Swain

O AVIVAMENTO DA COMPAIXÃO

R. Franklin Cook e Steve Weber

EU NC EM MISSÃO

Klaus Arnold

O avivamento da compaixão

R. Franklin Cook e Steve Weber



Copyright © 2021

Nazarene Publishing House/The Foundry Publishing

ISBN

Impresso nos

Estados Unidos da América

Publicado originalmente como “The Greening”

Copyright 1986 Nazarene Publishing House

Design da capa: John Haines

Diagramação: John Haines

Agradecemos e apreciamos a permissão para citar a seguinte versão da Bíblia: Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® Copyright © 1993, 2000 Biblica, Inc.™ Uso mediante permissão. Todos os direitos reservados.

NOTA: Em muitas das histórias contadas neste livro, nomes foram alterados para proteger a identidade dos envolvidos. Junto a estes nomes há um asterisco* para indicar a mudança de nome.

Índice

Apresentação	7
Prefácio	15
Capítulo um: O choro dos bebês	23
Capítulo dois: Combate ao tráfico humano	33
Capítulo três: Por que um círculo?	55
Capítulo Quatro: Emergência!	71
Capítulo Cinco: Um pedaço de pão	97
Capítulo Seis: Capacitação, a liberação de potencial	109
Capítulo Sete: O toque de cura	127
Capítulo Oito: Sem um lugar para chamar de lar	147
Capítulo Nove: O cadinho	167
Capítulo Dez: Sempre existiu	171
Posfácio	177
Apêndice: Uma linha do tempo da obra social	182
Sua hora de agir!	205
Reflexões pessoais	207
Créditos	208

Apresentação

Em 1949, o escritor inglês George Orwell publicou um romance que se tornou a obra mais influente do século 20. O livro que incendiou a consciência do público foi intitulado simplesmente 1984. Repleta de tristeza e desgraça, a obra foi definida por um crítico como um “purgatório futurístico”, pois prevê um mundo cheio de conflitos e revoluções, com o *Grande Irmão* observando cada aspecto da vida das pessoas.

No ano de 1984, dois jovens escritores se reuniram para contar a história dos Ministérios Nazarenos de Compaixão. Essa história foi intitulada *O avivamento da compaixão* e introduziu o mais novo escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão. Orwell foi lido por milhares de pessoas. Já *O avivamento da compaixão*, apenas por alguns. Recentemente, os dois jovens escritores, agora não tão jovens, receberam o pedido para que *O avivamento da compaixão* fosse atualizado. Portanto, aceitamos o pedido. Ao atualizá-lo, tivemos tempo para pensar sobre a vida e a igreja, em meados dos anos de 1980.

Temos refletido sobre as transformações ocorridas no mundo. O ano de 1984 era um mundo sem celulares e senhas, anterior aos computadores pessoais e iPads. Era um mundo em que os padrões e a moral pública eram muito

diferentes, em que a vida era mais restrita e menos controlada. Ronald Reagan era o presidente dos Estados Unidos, Margaret Thatcher era a primeira-ministra do Reino Unido, e Helmut Kohl ainda comandava a Alemanha. A gasolina custava entre 0,89 centavos e 1,13 dólares nos Estados Unidos, e os automóveis passavam por uma grande transformação tecnológica.

No entanto, em meio a toda a agitação daqueles anos, os Ministérios Nazarenos de Compaixão foram fundados como missão e simplesmente refletiam os ministérios compassivos como um testemunho de que os nazarenos sempre foram um povo piedoso. Desse modo, o livro original era basicamente um relatório das iniciativas locais e distritais da igreja. Ao compilar essas iniciativas, quatro prioridades foram listadas:

1. Resposta a necessidades urgentes.
2. Atendimento aos “mais pobres dentre os pobres” (definidos como aqueles que vivem com 250 dólares americanos ou menos por ano).
3. Refugiados.
4. Os “relativamente pobres” (definidos como desempregados, desabrigados, imigrantes recém-chegados, pessoas que vivem em pobreza esmagadora; essa categoria vive principalmente em lugares considerados áreas “desenvolvidas”).

O que surpreendeu esses escritores é (1) o quanto o mundo mudou nos últimos 36 anos e (2) quão pouco mudaram as necessidades humanas.

Sendo assim, tentaremos atualizar uma história muito antiga: os nazarenos são pessoas compassivas. Isso vem da nossa teologia, da nossa herança e história, e do próprio Evangelho (“Boas Novas”). A missão dos Ministérios Nazarenos de Compaixão (MNC) tem evoluído e amadurecido ao longo dos anos. Atualmente existem cinco princípios básicos levados em conta pelos MNC para lidar com esses tipos de problemas.

✿ Liderança da igreja. Os Ministérios Nazarenos de Compaixão existem na igreja e atuam por meio dela. Os MNC formam parcerias com congregações locais e as apoiam em seus esforços de servir aos outros, transformar a comunidade e guiar as pessoas ao amor de Deus através de Cristo. Visto que as igrejas locais estão envolvidas com as suas comunidades, elas entendem as necessidades de seus vizinhos, e por permanecerem onde estão, mesmo depois da realização de programas ou projetos específicos, o trabalho que realizam com o apoio dos MNC se torna sustentável.

✿ Visão Holística. A pobreza é um assunto complexo. Ela inclui a falta de bens materiais ou recursos financeiros, mas vai além disso. Para se chegar às raízes da pobreza, é necessário enfocar os aspectos espirituais, relacionais e sistêmicos que mantêm as pessoas presas à pobreza. Uma abordagem holística de desenvolvimento comunitário tem como objetivo a integridade física, relacional e espiritual de indivíduos e comunidades.

✿ Foco nas crianças. Os Ministérios Nazarenos de Compaixão reconhecem a importância de ver as crianças como indivíduos que possuem valor e dignidade, porque

cada uma delas foi criada à imagem de Deus. Os MNC trabalham para capacitar crianças a se tornarem as pessoas que Deus as criou para serem. Para atingir esse objetivo, procuramos atender a necessidades específicas das crianças, como estabilidade, educação, alimentação e água limpa. Por reconhecermos que as crianças fazem parte de um contexto mais amplo, também atendemos a necessidades mais gerais, incluindo a situação de suas famílias e comunidades.

✿ Base Comunitária. Por serem pessoas feitas à imagem de Deus, os membros de uma comunidade têm dignidade, valor e capacidade de produzir mudanças. Os Ministérios Nazarenos de Compaixão capacitam igrejas para trabalhar lado a lado com membros da comunidade a fim de melhorar suas comunidades e resolver situações e desafios próprios.

✿ Transformação. O objetivo do trabalho dos Ministérios Nazarenos de Compaixão vai além dos projetos de desenvolvimento comunitário e assistência humanitária. Nosso objetivo é que haja transformação individual e coletiva, em Cristo. Nossa fé é a essência de quem somos, do que fazemos e de como trabalhamos. Nós afirmamos a obra de Deus como a base de toda transformação.

Como esses princípios são implementados? Afinal, isso é o que mais importa. Há muitas histórias de esperança no site dos MNC que mostram a compaixão traduzida em ações práticas em reconhecimento à dignidade dada por Deus a todas as pessoas. Os ministérios estão divididos em nove áreas de atuação:

Desenvolvimento holístico da criança

Auxílio emergencial

Antitráfico humano

Desenvolvimento econômico

Segurança alimentar

Água limpa

Assistência médica

Apoio a refugiados e imigrantes

Apoio a mulheres e meninas

Ao se aprofundar em qualquer um desses tópicos, você irá descobrir a profunda compaixão que permeia e transborda o coração daqueles que são chamados Nazarenos. Nos primeiros dias da missão, estávamos procurando um lema que expressasse a chama que ardia nos corações por causa de tudo que víamos. No mundo inteiro, pessoas extraordinárias se colocavam ao lado dos que passavam por grandes necessidades. Fossem pessoas lutando para encontrar comida durante um período de seca, ou que sofreram exploração e abusos, ou que moravam em casas precárias ou nem mesmo tinham um teto, ou grupos deslocados por causa de guerras ou conflitos perigosos, as igrejas locais do Nazareno e voluntários estavam exercendo a compaixão, em nome de Jesus.

Começamos a caminhar ao lado desse exército de pessoas, procurando ver com os olhos de Deus. Amar de forma incondicional e sem limites, cuidar das pessoas apesar dos

obstáculos ou oposições, romper barreiras criadas pelos que não têm visão. O lema que volta e meia surge, e acabou sendo adotado, foi: COMPAIXÃO COMO UM ESTILO DE VIDA.

Isso nunca se limitará a um programa ou à natureza do auxílio. Vai muito além disso. É uma tentativa de viver na prática o que o romancista, poeta, e pregador Frederick Buechner descreveu: “Compaixão [...] a capacidade, às vezes fatal, de sentir o que é viver na pele do outro. É entender que nunca existirá paz e alegria para mim enquanto não existir paz e alegria para você também”.¹

Ou ainda, nas palavras do teólogo Henri Nouwen: “A compaixão nos pede para ir aonde dói, entrar em lugares de dor, para compartilhar quebrantamento, medo, confusão e angústia. A compaixão nos desafia a clamar com os angustiados, a lamentar com os que estão sós, a chorar com os que estão em prantos. A compaixão requer que sejamos fracos com os fracos, vulneráveis com os vulneráveis, e incapazes com os incapazes. Compaixão significa total imersão na condição de ser humano”.²

Em outras palavras, COMPAIXÃO É UM ESTILO DE VIDA.

1 BUECHNER, Fredrick. *Beyond Words: Daily Readings in the ABC's of Faith* (San Francisco: HarperCollins, 2004).

2 MCNEILL, Donald P.; MORRISON, Douglas A.; NOUWEN, Henri J.M. *Compassion: A Reflection on the Christian Life* (New York: Image Books, Doubleday, 2006).

Que você possa ser abençoado e desafiado por estes breves capítulos que tratam de um assunto tão relevante. Oferecemos a você *O avivamento da compaixão*.

Vamos começar.

Prefácio

Sentado aqui, em frente à tela do computador, com os olhos fixos na atual crise global conhecida como COVID-19, sou levado a refletir sobre como os MNC funcionam para facilitar a missão da Igreja do Nazareno. Seja em casos de terremoto, furacão, escassez ou contaminação da água, exploração infantil ou inadequação habitacional, o corpo de Cristo é chamado a agir. A verdade é que o mundo está permanentemente em crise, e os seguidores de Cristo são chamados a servir e amar exatamente em meio a essas crises. Como muitos desastres, doenças e pestes, tanto naturais quanto provocados pelo homem, que ocorreram anteriormente, a COVID-19 será lembrada por muitos anos.

Contudo, há esperança. Assim como várias gerações da igreja cristã, sou testemunha de que o corpo de Cristo age resolutamente para combater o medo, levando amor e ajuda às pessoas mais afetadas, e discernindo a todo momento como ser as mãos os e os pés de Jesus em meio ao sofrimento. Essa é a nossa responsabilidade e o nosso chamado como cristãos, e essa é a nossa missão como Igreja do Nazareno. O sistema de apoio e assistência dos Ministérios Nazarenos de Compaixão, facilitado pela igreja local, foi criado para uma situação como a que estamos vivendo.

“Compaixão como um estilo de vida” se torna uma verdadeira prova de fé em tempos difíceis. Portanto, seguindo os ensinamentos de Jesus e a fidelidade da igreja primitiva, a compaixão como maneira de viver em momentos como este significa: Não deixaremos nossos irmãos ou irmãs em Cristo, tampouco nossos vizinhos, ou até mesmo nossos inimigos, sofrerem sozinhos, pois somos seguidores de Cristo e nos esforçamos para moldar nossas ações segundo o exemplo que Ele nos deixou.

Portanto, a resposta inclusiva de nossa igreja às crises deve exemplificar uma igreja que se levanta unida para ser sal e luz, uma testemunha da paciência e do sofrimento de Jesus e Seu chamado para fazermos a mesma coisa.

Chamados para ser sal e luz

“Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” (Mateus 5:13-16, NVI)

Partindo de uma perspectiva cristã, durante um período de crise, temos incentivado nazarenos em todo o mundo

a adotarem a atitude de serem SAL. Vamos analisar esse tipo de atitude, já que está relacionada com a crise da COVID-19:

Sofrer com aqueles que são mais vulneráveis.

Avaliar e ajudar: rever continuamente quem são os mais afetados pela crise, pensar de forma crítica, organizar assistência de acordo com prioridades essenciais a seguir.

Aprender e liderar: modelar novos comportamentos aprendidos, através de conscientização e educação, que irão mitigar a ação do vírus e promover a saúde e o bem-estar (física, emocional, intelectual e espiritualmente) no corpo de Cristo.

Informar, ensinar, treinar: onde for possível, encontrar formas de se conectar e compartilhar com outros; essa é a essência das Boas Novas que devemos espalhar. Nós também compartilhamos o que aprendemos sobre prevenção, atenuação e novas maneiras de conviver, aprendidas durante este tempo. Para os que estão na linha de frente, nossa resposta será presencial; para os demais, pensaremos de forma criativa sobre como podemos conectar o corpo de Cristo utilizando os diversos meios a que temos acesso no século 21.

Nossa igreja está bem posicionada para ser um agente de amor e compaixão durante esta crise. Muitas das ações indispensáveis em relação à COVID-19 estão centradas no modo como nossas igrejas estão posicionadas para mobilizar pessoas quanto a cuidados, conscientização, e prevenção, assim como para construir confiança e comunidade,

em nome de Jesus. Tudo isso é um recorte que ofereço de como nossa igreja atua com compaixão em meio a crises. Embora esta crise venha a ser lembrada por muitos anos, nós pertencemos a uma família de cristãos maduros que sabem como reagir. Devemos ser um povo de esperança, um povo composto de pessoas chamadas a amar umas às outras, ainda mais em meio à uma crise. Não fomos chamados a temer, mas sim a seguir o exemplo de Jesus em providenciar ajuda concreta, amor, e esperança para todas as pessoas, em nome de Jesus.

A experiência dos MNC em caminhar lado a lado com as igrejas, em conjunto com nossa rede de relações, tem preparado a Igreja do Nazareno para atuar de forma efetiva em meio a crises. Embora em todos os momentos a natureza compassiva da igreja esteja viva e atuante, o espírito da resposta dos MNC continua firmado em Mateus 25, onde somos instruídos a dar de comer ao que tem fome, a dar de beber ao que tem sede, a dar o que vestir ao nu, a acolher o estrangeiro, e a visitar aqueles que estão doentes ou na prisão. Enquanto as igrejas estendem compaixão e nós buscamos ajudar e capacitar, os MNC se apoiam em cinco valores fundamentais, mencionados no Prefácio deste livro. ***Nós somos liderados por igrejas, holísticos, temos nosso foco nas crianças e trazemos transformação.*** Falaremos mais sobre esses valores fundamentais nas páginas seguintes.

A atuação dos MNC se encaixa totalmente na missão da Igreja do Nazareno de “formar discípulos semelhantes a Cristo nas nações” e com a visão de “transformar pessoas, comunidades e nações”. Os MNC dependem da estrutura

da igreja global, a qual estabeleceu a forma de atuação dos MNC para ajudar a igreja a viver a compaixão em sua comunidade, principalmente em tempos de crise. Os MNC têm décadas de relacionamentos sólidos e meios de comunicação estabelecidos com igrejas e comunidades ao redor do mundo que implementam ministérios, além de servir como vozes da experiência “na prática”. Eles têm ajudado a igreja a responder com compaixão em meio a guerras civis, a genocídios, aos grandes terremotos que abalaram o Haiti e o Nepal, ao surto do Ebola, em 2014, na ajuda aos refugiados sírios e em inúmeros outros desastres naturais. Como o leitor verá nos próximos capítulos, os MNC contam com a rede existente e com líderes no mundo inteiro que têm experiência e conhecimento a respeito desse tipo de atuação.

Nossa rede abrange todas as seis regiões nazarenas, e a conexão e comunicação são mantidas e dirigidas pelos coordenadores regionais dos MNC, por seus coordenadores de campo e pelos conselheiros dos programas globais dos MNC a fim de formar uma equipe de MNC verdadeiramente global. Essa rede de líderes espalhada pelos campos e regiões nazarenas é o conjunto de agentes pelos quais distribuição e ajuda são providenciados. Nos momentos em que uma comunicação clara e relacionamentos confiáveis são necessários, essa rede de líderes nos permite avaliar com confiança, responder e monitorar intervenções, especificamente servindo aos mais vulneráveis em vários países em todas as regiões.

Para apresentar um retrato da esfera de atuação dos MNC, de acordo com os dados de 2019 somente, a rede inclui:

✦ **257 centros nazarenos de desenvolvimento infantil em 38 países.** Esse trabalho nos capacita a ajudar 11.708 crianças, juntamente com suas famílias (3.682 são crianças em casas pastorais).

✦ **80.000 pessoas em 15 países** têm se beneficiado de forma direta e indireta dos nossos projetos, já existentes ou novos, de abastecimento de água, saneamento e higiene.

Como resultado, poderemos alcançar diretamente mais de:

✦ **310 igrejas** (257 igrejas por meio de centros de desenvolvimento infantil e 61 igrejas do programa WASH – do inglês, água, saneamento e higiene) trabalhando com comitês WASH (estabelecidos por meio de projetos WASH) e líderes de desenvolvimento infantil.

Igualmente importantes são os relacionamentos e canais de comunicação que os MNC têm estabelecido através de treinamentos e respostas de Ajuda Emergencial.

✦ Durante o ano passado, mais de **44 igrejas foram mobilizadas e 1.440 voluntários treinados atuaram em situações de desastre.**

Os MNC têm servido constantemente ao lado de congregações do mundo inteiro, a fim de apoiá-las como “agentes de amor e transformação” com o conhecimento de como servir aos mais vulneráveis em suas comunidades.

Quando chamados a servir, traçamos orientações técnicas para nossos coordenadores regionais e de campo dos MNC, bem como para líderes treinados pelos MNC, que coordenam e treinam congregações locais. Mais importante ainda, os MNC caminham juntamente com a igreja local, vivendo a compaixão como uma expressão tangível das Boas Novas encontradas em Jesus Cristo. O coração e a alma dos MNC continuam sendo os pastores, líderes e leigos que vivem a compaixão em suas comunidades com fervor, coragem e criatividade. Esses são os líderes que garantem que nossas respostas sejam lideradas pela igreja e baseadas nas comunidades. São eles que conhecem melhor as necessidades e são as mãos e os pés que levam as Boas Novas de Jesus.

Nos capítulos seguintes, Franklin Cook e Steve Weber descrevem como seguidores fiéis se desenvolveram até formar e moldar o que chamamos de Ministérios Nazarenos de Compaixão dentro da Igreja do Nazareno. É uma honra participar de uma comunidade forte e que tem uma história tão rica, em termos de pregar e viver as Boas Novas em todo o mundo.

Nell Becker Sweeden
Diretora dos MNC, 2020

Capítulo um:

O choro dos bebês

O vento era constante e intenso. Atravessava as planícies do nordeste da África, quente e abrasador, incessante e incontrolável. O vento ressecava a pele e queimava os olhos. Sem piedade e com uma força implacável, açoitava as montanhas, descendo pelos vales, atravessando as planícies empoeiradas, que um dia foram campos férteis, e levava pedaços de palha e terra até o mar Árábico.

Mbuze nasceu para cultivar a terra. Era tudo que ele sabia fazer, e era muito bom nisso. Seu pai e o pai de seu pai e todas as gerações conhecidas antes dele trabalharam cultivando a terra. Tempos de seca haviam ocorrido antes. Leonard e outros agricultores até que conseguiram aguentar aquelas secas. Mas não essa. Essa era a pior e mais devastadora na memória de Leonard.

Mbuze olhou com cautela para os brotos sem vida do que era para ter sido uma colheita abundante. Seu olhar se desviou em direção ao horizonte. Duas ou três nuvens apareceram, mas enquanto ele continuava olhando, elas se afastaram sem rumo, e logo foram absorvidas pelo calor seco. Era a temporada de monções. O céu deveria estar carregado de humidade; em vez disso, exibia um tom azul-acinzen-

tado, queimando com o calor e com ventos que agitavam nuvens de poeira sufocantes. Esse era o terceiro ano. A fome continuaria e outros milhares morreriam de fome e sede, com os lábios inchados, o corpo dos bebês malformado e desnutrido. O choro dos bebês iria em breve desvanecer. Chorar requer energia, energia que era esgotada pelo calor e pela poeira.

Já fazia muito tempo que os tanques onde o gado e os pássaros bebiam água haviam secado. A terra era uma crosta coberta de grandes rachaduras. Os lagos tinham sido reduzidos a pequenas manchas úmidas. Os rios eram pouco mais que cicatrizes cheias de pedras na paisagem. Sem a ajuda de barragens, reservatórios, nascentes ou poços, a sede juntou-se à fome em um casamento mortal.

Geraldine Scott, uma enfermeira ligada ao Serviço Mundial da Igreja, dedicava seu tempo em um acampamento de ajuda parcialmente financiado pelos Ministérios Nazarenos de Compaixão. O acampamento ficava perto da fazenda de Mbuze. Mais de 70% das crianças estavam abaixo da altura ou peso ideal. Alguma ajuda vinda de fora daquela área havia chegado por caminhão ou avião. Pequenas refeições de biscoitos com alto teor de proteína, mingaus, leite em pó desnatado, soja, farinha de ervilha, misturas de açúcar e óleo, e gérmen de trigo compunham as rações simples para combater a fome.

No entanto, as crianças no acampamento eram a minoria sortuda. Elas tinham conseguido chegar ao acampamento, algumas quase que não conseguiram. A maioria das crianças daquela área não teve êxito. Dentre as que che-

garam ao acampamento, 40% tinha desnutrição energético-proteica (DEP). Muitas precisavam de reidratação com solução de Hartmann³ ou sais de reidratação oral.

O acampamento era um refúgio, não só para fugir da devastação da natureza, mas de grupos de “enganadores” que, em desespero, estavam se aproveitando dos que tinham pouco. Até mesmo no “refúgio” os problemas médicos agravados pela fome estavam presentes: malária; pneumonia; tuberculose; tipos de diarreia como a parasitária, a causada pela desnutrição e a bacteriana; e uma variedade de doenças associadas à deficiência de vitaminas, como beribéri, pelagra e xerofalmia.

As crianças eram cuidadas 24 horas por dia, que eram divididas em seções de tratamento, limpeza e banho e alimentação. Essas crianças, sem condições de comer por não terem forças, eram colocadas no soro, alimentadas por uma sonda nasogástrica, ou recebiam alimentação forçada com copos ou seringas de 20ml. Geralmente 24 a 72 horas de tratamento resultavam em um aumento da força. Quando as crianças não resistem, as famílias em luto se conformam e recebem os corpos para o enterro e rituais de morte. A morte é algo tão comum, que os rituais de morte fazem parte do cotidiano da vida do acampamento. E os que estão no acampamento são a minoria que teve sorte.

3 A solução de Hartmann era uma solução de ingredientes como cloreto de sódio, lactato de sódio, cloreto de potássio e cloreto de cálcio em água, usada para substituir fluidos e eletrólitos a fim de restaurar o volume sanguíneo.

A raiz da palavra monção está em uma palavra árabe que significa “estações”. Alguns definem as monções como um tempo de mudança nas estações. Por exemplo, o sudoeste dos Estados Unidos tem uma temporada de monção. No entanto, a infraestrutura em uma economia desenvolvida ameniza os efeitos severos da monção. Não é o que acontece em muitas outras partes do mundo. A temporada de monções pode ser um tempo severo e devastador. A chuva traz colheitas, comemorações e fartura. A falta de chuva pode levar à fome, aos acampamentos de refugiados e à morte.

A monção tem um outro lado. Ela pode resultar em inundações graves, levando a dezenas ou milhares de mortes. Por exemplo:

💧 Quando as águas sobem: Prestando auxílio após as inundações do sul da Ásia (Publicado originalmente na Revista MNC - Inverno de 2017)

Seria difícil pensar nos últimos meses de verão de 2017 sem lembrar dos desastres naturais. Para aqueles que viveram tais desastres, no entanto, seria difícil esquecê-los.

A maioria dos desastres naturais parece acabar rapidamente: terremotos que duram apenas minutos, tempestades que duram uma noite. Passar por eles, no entanto, pode parecer uma eternidade, e isso se torna ainda mais verdadeiro com o correr dos meses e anos de reconstrução. Em áreas empobrecidas e sem nenhum sistema de proteção, a recuperação pode ser um sonho distante. Por isso é tão importante

que a igreja esteja disponível para ajudar as pessoas que sofrem as consequências duradouras dos desastres.

Durante os inúmeros desastres desse ano, as igrejas locais foram — e continuam sendo — vitais. Isso se deve ao fato de que elas já estão no local e estão prontas a demonstrar profunda compaixão. Mesmo antes dos tremores pararem ou as águas recuarem, elas são capazes de avaliar a situação e cuidar dos que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Além da localização geográfica, a igreja também tem sistemas preparados para mobilizar membros para prestar assistência. Em primeiro lugar, estão as necessidades imediatas: garantir que as pessoas estejam alimentadas, alojadas e saudáveis. Depois disso começam a restauração e reconstrução de longo prazo. Muito depois de as notícias cessarem e as equipes de socorro emergencial terem voltado para casa, as famílias e pessoas sozinhas que foram atingidas pelos desastres são deixadas com a tarefa de fazer as coisas voltarem a funcionar novamente. É aí que a igreja preenche as lacunas e continua a caminhar ao lado dos membros da comunidade no longo caminho da recuperação. O diferencial da resposta da igreja nos desastres é que ela está presente antes, durante e depois dos desastres.

A palavra “mobilização” significa juntar e preparar para uma ação. O que torna singular a atuação da igreja nos desastres é o fato de que ela não está apenas se unindo, mas sim se unindo para expressar a compaixão profunda e voluntária que brota do amor de Deus. Estas são apenas algumas das incontáveis histórias de amor que surgiram de grandes tragédias.

E elas são apenas o início.

☞ **Quando a fome aperta: as igrejas estão agindo**

(Revista MNC — Verão de 2017)

Terra seca, chão rachado e colheitas murchas – essas têm sido cenas constantes em partes da África nos últimos anos. Por causa da pior seca em décadas, muitos milhões têm vivido sem a garantia de saber o que – ou se – irão comer.

Há um ano, igrejas do Zimbábue e de Lesoto sabiam que precisavam intervir para servir suas comunidades.

O fenômeno climático El Niño, que assolou a região, foi intenso, impedindo que a chuva caísse onde era mais necessária. Sem água, as colheitas não cresceram, e a maioria das pessoas não conseguiu enfrentar a súbita escassez de alimento. No Zimbábue, todas as 60 igrejas nazarenas daquela época foram afetadas.

Voluntários se reuniram para entrar em contato com igrejas locais, que conseguiram organizar listas dos indivíduos e das famílias mais vulneráveis que receberiam assistência alimentar. A tarefa era gigante — assim como a necessidade. Por três meses, voluntários prestaram assistência alimentar em 56 pontos de distribuição pelo país. Cada cesta de alimento ajudaria a sustentar até quatro pessoas por um mês. O trabalho das igrejas ajudou a garantir que mais de 12.300 pessoas tivessem o que comer.

A grave escassez de chuva também levou à falta de água potável, e as pessoas recorreram a fontes de água não tratada, que podem causar doenças transmitidas pela água,

como a cólera. Em Bulawayo, no Zimbábue, a Igreja do Nazareno de Nkulumane conseguiu perfurar um poço em pareceria com os Ministérios Nazarenos de Compaixão na África. Enquanto o poço tem obtido grande sucesso em disponibilizar água limpa, outros poços semelhantes são poucos e distantes. As pessoas formam longas filas, esperando sua vez de pegar água no poço. Ainda assim, cada gota de água conta.

Situado a quase dois mil quilômetros ao sul, o Lesoto também foi atingido pela seca e pela fome. As igrejas de lá também puderam ajudar suas comunidades providenciando alimento. Voluntários da igreja se uniram para prover assistência alimentar a mais de 700 famílias para ajudá-las a sobreviver ao período de fome. Equipes conseguiram levar alimento até áreas remotas, incluindo igrejas isoladas, situadas nas montanhas, para garantir que todos tivessem o suficiente.

Em ambos os países, igrejas se uniram para oferecer um lembrete concreto do amor de Deus e esperança para o futuro.

Em um momento em que a fome atingia pessoas em todo o Zimbábue e em Lesoto, igrejas locais atuaram providenciando alimento. Isso foi possível porque outras igrejas ao redor do mundo tinham feito doações ao Fundo para Desastres na África.

Países da África Oriental enfrentam fome frequentemente. Por vezes, mais de 20 milhões de pessoas podem estar necessitando de ajuda alimentar urgente. Em desespe-

ro, pessoas abandonam suas casas e fazendas e fogem para os campos de refugiados. A última vez que a região havia passado por uma fome tão extrema foi em 2011, e cerca de 260.000 pessoas morreram de inanição e desnutrição. A metade dos que morreram eram crianças abaixo dos cinco anos de idade. A região está em constante risco de insegurança alimentar; em 2020, gafanhotos dizimaram plantações e causaram uma grave ameaça à segurança alimentar.

Morte no escuro

Nos casos de fome na África, como no relato da fazenda de Mbuze, a maioria dos bebês morre à noite. Em estado de desnutrição grave, bebês ficam muito fracos para comer, beber ou até mesmo chorar. Eles permanecem em silêncio – os choros se dissipam no escuro. À noite, estão fracos demais para tremer, ou morrem de frio, mesmo estando envolvidos em um cobertor.

No caso das inundações das monções, a noite é um período de terror, em que as árvores, casas, cabanas, o gado e os corpos mortos flutuam rio abaixo, destruindo tudo em seu caminho. Muitas das mortes causadas pelas inundações ocorrem durante as horas escuras da noite. Não há som mais assustador que o de bebês chorando em uma paisagem alagada.

Em meio a tudo isso, há uma igreja preparada, disposta e capaz de ajudar. Às vezes, a ajuda vem através de suprimentos de emergência. Outras vezes, vem por meio de voluntários que decidem doar seu tempo e recursos. Ou

então a ajuda vem através de um compromisso duradouro com uma igreja recentemente plantada. Qualquer que seja a forma de auxílio, tudo é feito em nome do Cristo de compaixão e graça.

Capítulo dois: Combate ao tráfico humano

Algum tempo atrás, eu (Steve) fui convidado para presidir o Comitê Setorial da Comunidade da Fé da Coalizão de Tráfico Humano, do condado de Johnson (Kansas, EUA). Quando aceitei aquele cargo, eu acreditava sinceramente que entendia do que se tratava. Sempre achei que o tráfico sexual humano consistia em tirar pessoas de suas casas à força (geralmente jovens e mulheres) e vendê-las para o terrível cativeiro da escravidão moderna. Na realidade, o crime insidioso do tráfico humano vai além do tráfico de jovens mulheres em troca de sexo. Ele inclui a escravidão humana que está por toda parte e independe de país, gênero ou idade. As estatísticas mais recentes nos mostram que mais de 40 milhões de vítimas estão sendo traficadas no mundo inteiro neste exato momento.⁴ Elas estão sendo compradas e vendidas, forçadas a trabalhar e a ter relações sexuais.

Neste capítulo, iremos nos concentrar principalmente no tráfico e exploração sexual, e não no tráfico humano

⁴ Departamento de Estado dos EUA. Relatório sobre o Tráfico de Pessoas. Junho de 2019.

para trabalho, embora seja importante notar que os dois muitas vezes estão interligados. Uma dimensão frequentemente oculta do tráfico sexual começa com uma palavra raramente utilizada: “Sextorção”. Não é uma palavra nova.

A palavra “sextorção” vem de uma palavra mais conhecida: extorsão, que é a prática de obter algo pelo uso de força ou ameaça. Da mesma forma, os problemas contemporâneos de tráfico humano são também chamados de “escravidão moderna”, ressaltando a opressão brutal sofrida pelos corpos humanos. Por meio de força física, manipulação emocional e mental, dependência financeira e outros meios desumanos, a liberdade é vendida para fins lucrativos. O uso crescente das redes sociais e da exploração online têm alimentado o tráfico humano, facilitando tanto a compra como a venda de pessoas ou de suas imagens. É fácil para praticamente qualquer pessoa com um celular transmitir uma imagem inapropriada de si mesmo – ou dos que estão sendo explorados – para qualquer parte do mundo. No nosso mundo moderno, onde a pornografia é amplamente difundida e cada vez mais um vício socialmente aceito, a exploração social online é a principal porta de entrada para o tráfico humano. Enquanto parte disso é impulsionado por corporações e empresas internacionais, a realidade é que aqueles que fomentam a exploração são em grande parte ricos países ocidentais. O problema da exploração sexual online pela internet tornou-se uma crise global que destrói mais vidas jovens do que se pode imaginar.

Teoricamente, a exploração sexual online consiste no uso de formas não físicas de coerção para extorquir favores

sexuais da vítima. Um dos meios de que os exploradores se utilizam são as plataformas de redes sociais, tão amplamente utilizadas no mundo de hoje. A sextorsão é o uso de formas não físicas de opressão para obter favores sexuais da vítima. Ela geralmente se inicia em uma das plataformas de rede social. Muitas dessas plataformas são direcionadas especificamente para crianças. Elas oferecem uma ampla variedade de jogos, aventuras interativas, recursos de bate-papo, etc. O número de sites como estes cresce diariamente. O problema é que quase todos eles foram infiltrados pela indústria da exploração sexual, em que predadores podem usar um relacionamento online para coagir uma pessoa jovem a acessar conteúdos inapropriados. Muitos pais não estão cientes de que esses “aplicativos inofensivos” se tornaram um campo de batalha mortal para a vida de seus filhos.

O problema geralmente começa com um convite “inofensivo” para conhecer um novo amigo online. Esse suposto novo amigo, na realidade, é alguém altamente qualificado para manipular mentes jovens. Eles se passam por uma criança ou jovem com a mesma idade e perfil daqueles que eles estão tentando seduzir. Não há pressa no processo de construção de pontes de amizade. Se a criança tem entre quatro e oito anos, a abordagem mais comum é pedir uma foto e manter isso como um “segredo” entre amigos. (A ideia é manter todas as conversas fora do alcance dos adultos.) Sabe-se que esse processo de se tornarem “amigos” leva meses, ou até mesmo anos, antes que a criança se encontre presa em um estilo de vida que ela jamais poderia ter imaginado.

Só em uma cidade dos EUA, nos últimos cinco anos, a organização Stop Trafficking Project [Projeto Fim do Tráfico] entrevistou mais de 53.000 estudantes, com idades entre 10 e 17 anos. Essas pesquisas anônimas revelaram que mais de 56% dos jovens tinham assistido pornografia, e 32% estão envolvidos em atividades online que os tornaram vulneráveis a serem explorados por meio da sextorção.⁵ Isso se torna uma maneira de explorar alguém vulnerável, às vezes em combinação com contato pessoal e aliciamento.

Durante a pandemia de COVID-19, muitos países fecharam completamente suas escolas. Em meio a esse vazio, as buscas de sites de pornografia em todo o mundo dispararam 4.700% quando essas crianças (e muitos de seus pais) estavam em casa sem nada para fazer. Em muitos países, as empresas de pornografia mudaram suas estratégias de marketing para oferecer visualização gratuita, permitindo que os jovens entrassem em seus sites sem realizar pagamentos com cartão de crédito.⁶ A conclusão deve ser óbvia. A exploração online não é um evento isolado que afeta apenas algumas crianças, ou até alguns poucos adultos. Esse problema atinge a população de todas as sociedades com acesso à internet por meio de algum tipo de dispositivo eletrônico.

Uma das situações mais perturbadoras é a dos pais ou familiares que vendem crianças online. Esses pais fornecem materiais em troca de significativas quantias em dinheiro

5 Dados do site do Stop Trafficking Project.

6 Site da organização Shared Hope International. “Traffickers Are Taking Advantage of Covid-19” [Traficantes estão se aproveitando da COVID-19, em tradução livre].

para atender à crescente demanda mundial, por meio de transmissões ou vídeos gravados. Esse é um crime relativamente recente. Por causa da demanda inacreditavelmente alta por crianças pequenas realizando atos sexuais que não podem ser impressos, esse tipo de exploração online tem se tornado um dos mais rápidos aspectos do crescimento da exploração sexual infantil online (em inglês, OSEC). Os pais, que muitas vezes vivem na pobreza, descobrem que vender imagens de seus filhos pequenos online pode ser incrivelmente lucrativo. Em geral, eles também acreditam na mentira corrente de que não estão prejudicando seus filhos, desde que não haja qualquer contato físico real. O problema é complexo. A pobreza e as mentiras culturalmente aceitas são alguns dos propulsores da exploração sexual. No entanto, são os adultos em países ricos que muitas vezes estão comprando vídeos e imagens, usando criptografias que tornam o crime cada vez mais difícil de ser rastreado e processado. Se não houvesse alguém para comprar, não haveria crime.

Uma história mais completa sobre a exploração sexual online e a resposta da Igreja do Nazareno pode ser encontrada em *O Caminho de Volta*.⁷ Nesse livro, conta-se a história da Casa das Crianças Shechem [Shechem Children's Home], localizada nas Filipinas e administrada pela Igreja do Nazareno. Em Shechem, as crianças vítimas da exploração online podem crescer e serem curadas do trauma que sofreram.

7 FRISBIE, David e Lisa. *O caminho de volta: esperança, ajuda e cura para os sobrevivente do tráfico humano* (Lenexa: Global Nazarene Publications, 2020).

Até agora, focamos principalmente em exploração online. Embora essa seja uma crise cada vez mais generalizada, pessoas ainda são fisicamente compradas e vendidas também. Aqueles que já são naturalmente mais vulneráveis — refugiados, imigrantes, pobres, os que não têm redes de segurança — também se tornam os mais vulneráveis ao tráfico humano. Leia a seguir a história de ministérios que procuram oferecer outra opção para os que estão presos em exploração.

☞ **Redenção em uma zona de prostituição na Índia**

(Originalmente publicado na Revista MNC — Verão 2018, Luthye)

Do lado de fora de um pequeno edifício de dois andares, na periferia de uma grande cidade na Índia, uma escadaria de metal avermelhada pela ferrugem leva a uma pequena abertura. É grande o suficiente para permitir que um adulto passe por ela. No outro lado, encontramos uma pequena sala quadrada de aproximadamente 3 metros por 3 metros. Uma grande janela decorativa deixa a luz entrar no espaço limpo e luminoso, que tem uma mesa, três cadeiras e uma pequena máquina de costura. Em uma tarde durante a semana, cerca de 15 mulheres se espremeram para passar por aquela brecha e estão sentadas no chão. Elas se reuniram para orar.

No andar de baixo há uma fileira de pequenas habitações do mesmo tamanho. Aqueles quartos são mais escuros, sem janelas e com pequenas portas. Dentro de cada um, uma cama ocupa a maior parte do espaço. Esses quartos se estendem pelos dois lados de uma rua dentro de uma

pequena zona de prostituição. É lá que vivem as mulheres reunidas em oração.

Uma congregação nazarena próxima àquela área transformou o quarto de cima em um centro de acolhimento. A congregação chama aquele lugar de centro “Esperança de Vida”, e é isso que eles querem que as mulheres e crianças que chegam ali vivenciem.

Uma história muito comum

Estima-se que mais de 2 milhões de mulheres e meninas são forçadas a se prostituir nas zonas de prostituição da Índia. A maioria é vítima de tráfico humano. Elas foram vendidas para um cafetão ou uma cafetina que, em seguida, as forçou a venderem seus corpos a qualquer um que quisesse pagar. Outras não são tecnicamente vítimas de tráfico humano, mas recorreram à prostituição por necessidade desesperada de sobrevivência. A pobreza é o condutor que mantém o motor da exploração em funcionamento.

Muitas meninas acabam nessa zona de prostituição porque seus pais não podiam, ou não queriam, aguentar o custo de alimentar mais uma boca. Ao contrário dos meninos, as meninas em comunidades de toda a Índia são vistas como um fardo financeiro: elas requerem o custo de um casamento e um dote, e depois vão viver com a família do marido. Muitas famílias decidem que é mais fácil vender uma filha a um traficante quando ela é jovem. Os pais podem vender uma filha por algumas centenas de dólares americanos, mas muitas vezes eles recebem apenas 15 dólares na transação.

Muitas vezes as meninas são forçadas a se casar como noivas crianças, apenas para mais tarde serem vendidas por seus maridos a traficantes.

Várias mulheres jovens aqui foram dedicadas, quando ainda eram crianças pequenas, para serem “casadas” com uma divindade. Quando uma devadasi⁸ atinge a puberdade, sua virgindade é leiloada para quem der a maior oferta. Ao se tornar uma mãe adolescente, ela é então descartada e enviada para viver o resto de seus dias trabalhando em um bordel.

Um outro grupo são as meninas que foram atraídas para a cidade com a falsa promessa de um emprego legítimo. A maioria delas vem de pequenos vilarejos na Índia, com um número menor vindo de países vizinhos, incluindo Nepal e Bangladesh.

Outras chegaram aqui na faixa dos 20 anos, depois que seus maridos morreram ou as abandonaram, juntamente com seus filhos. Essas mães solteiras foram deixadas à mercê de um jogo cruel e realista de “O que você prefere?”. A pergunta terrível que elas têm de responder é: “Você prefere vender seu corpo ou ver seus filhos passando fome?” Essas mães escolheram não ver os filhos morrerem.

Independentemente de como ou por que elas chegaram, cada uma das meninas e mulheres aqui têm isto em comum: são vítimas de exploração desumana. Dia após dia, cada uma se senta do lado de fora de um dos quartos nesta

8 Uma *devadasi* é uma dançarina e cortesã hereditária em um templo hindu.

rua até que alguém queira comprá-las, e quem é comprada é forçada a servir homens 10 ou mais vezes por dia. Pelo preço de 100 a 300 rúpias (\$1,60 a \$4,80 dólares americanos), um comprador pode fazer o que quiser com sua propriedade alugada.

Reshma* é a dona da sala que abriga o centro Esperança de Vida. Ela veio para a cidade como vítima do tráfico humano. Seus pais morreram quando ela era adolescente, e depois disso ela foi forçada a se prostituir por um parente em quem confiava. Ela tentou escapar, mas finalmente parou de lutar depois de ser brutalmente “invadida”. Esse tipo de vida passou a ser a sua identidade, e ela mesma se tornou uma gharwalli, uma cafetina. Aos 45 anos, nunca se casou nem teve filhos.

Quando a congregação quis abrir um centro de acolhimento, Reshma ofereceu o quarto no andar de cima. Com o tempo, ela se abriu e contou para um conselheiro do Esperança de Vida sobre seus sentimentos de desesperança.

“Eu não tenho esperança de vida — não tenho relacionamentos, não tenho amor, não tenho respeito, não tenho ninguém que possa ficar comigo”, disse ela. “Estou sozinha nesta vida. Agora estou ficando velha. Ganhei todas as coisas, mas perdi todas as coisas. É muito difícil para uma prostituta sair desta vida na velhice”.

Quando pergunto a Reshma porque ela ofereceu aquele espaço para o centro de acolhimento da congregação, ela responde que quer impedir que meninas passem pela experiência que ela passou. Ela conta que conseguiu ajudar

cinco crianças a escaparem dessa área, colocando-as em um abrigo para crianças cujos pais não têm condições de as sustentar, conhecido na região como albergue.

“Uma das meninas está na 3ª série do ensino médio”, diz ela. “Outra se casou”. Enquanto ela fala, seu rosto se ilumina e sua voz se enche de orgulho.

“Nenhuma delas trabalha nisso”, diz ela, apontando para a rua abaixo.

Durante as tardes e noites, Esperança de Vida se torna um espaço seguro para 25 crianças, de 4 a 12 anos. Sem esse espaço, as crianças estariam no quarto enquanto suas mães estão sendo exploradas ou então seriam deixadas sem supervisão de ninguém nas ruas da vizinhança. O centro oferece uma forma de escapar dos horrores lá de baixo por algum tempo. As crianças têm a chance de experimentar a inocência da infância através de trabalhos manuais, jogos, canções e educação. Muitas estão tendo a primeira oportunidade de aprender a ler e escrever. Aqui elas também são capazes de conversar com adultos de confiança sobre seus pensamentos e sentimentos.

Embora ninguém queira que as meninas acabem tendo o mesmo destino de suas mães, a realidade é que muitas terão, a menos que algo quebre o ciclo de exploração que passa de geração em geração.

A esperança de poder ir embora

Nenhuma das mulheres que estão aqui quer esse tipo de vida. Todas elas gostariam de ganhar dinheiro de outra forma.

Uma mulher de 30 anos, chamada Kyra, foi trazida para cá por uma amiga quando tinha 16 anos. Agora ela é mãe de crianças pequenas e diz que quer sustentá-las fazendo o que chama de “trabalhar fora”.

Outra mulher, Prisha, diz: “Eu quero ir embora, mas o que posso fazer?”

Na verdade, Prisha foi embora uma vez. Ela saiu, se casou e teve filhos. Então seu marido teve um acidente e não pôde mais trabalhar. A família ainda precisava comer, então ela voltou para a única coisa que sabia fazer.

Um componente central do Esperança de Vida são as aulas vocacionais que oferecem às mulheres a oportunidade de trabalhar fora. O espaço atualmente oferece formação em costura e estética. As mulheres também vêm ao centro para aconselhamento e para participar de palestras sobre temas como conscientização sobre o HIV/AIDS, cuidados infantis e criação dos filhos, autoproteção e nutrição.

“Eu vim por causa da costura”, diz Anaya, 35 anos, mãe de duas filhas. Ela diz que entrou na zona de prostituição quando tinha 10 ou 11 anos, mas deseja desesperadamente uma vida diferente para suas filhas, que têm 15 e 12 anos.

“Se eu aprender a costurar, poderei — nós poderemos - ir embora daqui”, diz ela. “Quero que minhas meninas estudem”.

Diya, de 45 anos, veio de uma pequena aldeia, há muitos anos, quando seu marido a vendeu a um traficante. Voltar para casa nunca foi uma opção, devido ao estigma que é posto erradamente sobre as vítimas de abuso e exploração sexual.

“Eu moro aqui porque as pessoas da minha aldeia não me deixam voltar”, explica. “Mas Esperança de Vida me dá esperança de ir para outro lugar”.

Diya conseguiu enviar duas filhas, que estão no 4.º e 9.º ano, para sua aldeia natal, para morarem com seus parentes, mas ela tem que enviar dinheiro para cobrir as despesas delas. Ultimamente, Diya diz que está saindo da zona de prostituição para trabalhar como “catadora de lixo”. Ela revira lixeiras e recolhe qualquer coisa que possa ser vendida como material reciclável. Esse trabalho não rende mais de 1 dólar americano por dia, mas catar lixo é melhor do que ser tratada como lixo.

“O que você espera para o futuro de suas filhas?”, eu pergunto.

Sem hesitar, ela responde: “Eu espero que elas aprendam a caminhar com as próprias pernas e a viver em sociedade com respeito”.

A realidade, porém, é que Diya não sabe se um dia vai chegar a ver esse sonho realizado. Ela é soropositiva e provavelmente não viverá para ver suas filhas crescerem até a

idade adulta. Essa é a história de muitas mulheres nas zonas de prostituição da Índia.

Ainda assim, Diya canta uma canção sobre como Deus a faz se sentir “kushi, kushi”, ou “feliz, feliz”.

Encontrando fé

Além de esperança para o futuro, Esperança de Vida também ajuda as mulheres a encontrarem esperança no presente. Todas as quintas-feiras, 15 a 20 mulheres se amontoam nesse espaço para orar.

“Vir aqui e orar é bom”, diz Anaya. “Eu também comecei a ir a [uma congregação]”.

Depois de orar e ouvir alguém ler as Escrituras, algumas mulheres continuam ali. Conhecendo parte de suas histórias, eu pergunto: “Vocês acreditam que Deus as ama?”

“Eu sei que Deus me ama e que está me pedindo para orar por outras”, diz Diya.

Kyra sorri enquanto responde: “Sim, eu creio. E confio em Deus”.

O fato de que Deus está presente aqui, trabalhando para arrancar o véu que causa escuridão, não me surpreende. Mas ouvir mulheres que foram abusadas e exploradas das formas mais cruéis expressarem sua confiança em Deus tão facilmente? Isso foi uma surpresa!

As mulheres com quem falo ouviram repetidas vezes, tanto em palavras como em ações, que não valem nada. Elas foram levadas a acreditar que seu valor é encontrado

apenas no número de homens dispostos a pagar para abusar delas cada noite. O fato de essas mulheres poderem dizer com convicção: “Eu sei que Deus me ama”, certamente é um milagre.

Esperança de Vida nasceu da convicção sincera de que Deus ama essas mulheres e quer uma nova vida para elas. O centro era o sonho de Naveen e Chandni. Naveen tem servido como pastor de uma congregação próxima a esta área por mais de uma década. As visitas às famílias o levaram ao bairro que circunda esta zona de prostituição. Ele e Chandni oraram para encontrar uma maneira de ministrar às mulheres e crianças aqui. Finalmente, encontraram apoio para iniciar um centro de acolhimento. Chandni, uma assistente social registrada que tinha trabalhado para várias organizações, assumiu a tarefa de gerenciar o programa.

Eles escolheram o nome Esperança de Vida porque “precisamos oferecer-lhes vida em meio àquela escuridão. E para oferecer vida, precisamos oferecer esperança”, diz ela. “Nós estamos oferecendo uma plantinha e esperamos que ela cresça e se transforme em algo maior”.

É importante entender que falar sobre o que acontece em zonas de prostituição é geralmente tabu dentro das congregações na Índia. Aqueles que foram explorados são muitas vezes vistos não como vítimas, mas como bens danificados.

Então, por que esse pastor decidiu ignorar esses tabus culturais?

“Eu leio as Escrituras”, diz ele com humilde sinceridade.

Naveen diz que, por toda a Bíblia, encontra ensinamentos sobre o desejo de Deus por justiça. Ele menciona Miquéias 6:8-”Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” - e diz que ensinou sobre essa passagem muitas vezes.

“Esperança de Vida é de Deus”, ele diz. “Estávamos orando por essas mulheres e crianças”.

Na verdade, eles continuam orando. Toda sexta-feira, um grupo se reúne para orar por mulheres e crianças na zona de prostituição. “Eu organizo minha agenda em torno disso”, diz Naveen. “Nunca perco essa reunião de oração”.

O ministério “mudou o coração dos [nossos] membros”, acrescenta Chandni. “Antes, as pessoas pensavam nas senhoras como separadas, sujas. Mas agora elas são aceitas”.

A congregação administra um segundo centro de acolhimento Esperança de Vida em seu próprio prédio, que fica em um bairro pobre. Todas as manhãs, 25 crianças chegam para aulas particulares, canto, trabalhos manuais e histórias da Bíblia, além de uma pequena refeição. O foco desse centro é a prevenção.

As crianças desse bairro vivem na pobreza, e muitas vivem em situações familiares instáveis ou abusivas. Essa combinação as torna altamente vulneráveis ao tráfico.

Muitas das crianças são enviadas para “catar sucata” nas pilhas de lixo. Em vez de irem à escola, passam os dias vasculhando o lixo para recolher tudo o que pode ser vendido. A equipe do Esperança de Vida trabalha duro para

fazer com que pais e responsáveis entendam a importância da educação. Eles ajudaram a fazer a rematrícula de várias crianças que tinham deixado a escola. O centro também abriga aulas para os pais sobre como cuidar das crianças.

À tarde, mulheres que estão subempregadas ou que têm baixa escolaridade vêm para aulas de costura ou estética. Elas também se encontram com seus grupos de autoajuda. Esses grupos de cerca de 15 mulheres trabalham juntos para salvar e dar apoio mútuo. Cada uma delas doa uma quantia fixa de dinheiro toda semana; quando as moedas alcançam uma soma determinada, elas oferecem pequenos empréstimos aos membros do grupo para iniciarem pequenos negócios.

“Eu me sinto feliz em poder fazer todas essas coisas”, diz uma das participantes do grupo de autoajuda. “Acredito que eu sou capaz de realizar qualquer coisa.”

Algumas mulheres se levantam para entoar uma canção. Elas cantam um refrão que diz: “A mulher é delicada, mas é muito forte”.

Segure a minha mão

No local do Esperança de Vida na zona de prostituição, ninguém que conheça as mulheres daqui duvidaria que elas são muito fortes. Essa força é o que as mantém vivas durante anos, sendo vítimas de abusos desumanizantes. Essa força é também o que lhes permite ter esperança e avançar em direção a um futuro diferente.

Uma mulher chamada Amna trabalha como conselheira no Esperança de Vida há mais de oito meses. Durante esse tempo, ela viu três mulheres abandonarem a prostituição, e ela está no momento trabalhando com mais cinco que estão em processo de saída.

“Já vi mulheres sem nenhuma perspectiva se tornarem esperançosas”, diz ela.

Reshma está entre as que têm esperança. Quando convidou a congregação para transformar um pequeno quarto em um centro de acolhimento, ela ainda mantinha outras mulheres na prostituição, e ela mesma ainda se prostituía. Ao conhecer a equipe do Esperança de Vida, ela começou a se abrir e a participar das reuniões semanais de oração. Quando começou a experimentar e a entender o amor de Deus por ela, passou a ter fé e parou de fazer “o trabalho”, como ela chama.

Durante um período de mais seis meses, ela começou a entender que, se ela conseguiu parar de trabalhar em um bordel, então deveria proporcionar a outras a mesma liberdade. Atualmente, ela trabalha para o Esperança de Vida como líder de grupos, encorajando outras mulheres a buscarem uma nova vida.

Quando lhe pedem para descrever o centro, Reshma diz: “Esperança de Viver é alguém que vai segurar sua mão e caminhar com você em direção a algo diferente – fora desta vida”.

Reshma diz que fará o que puder para ajudar mulheres a sair desse tipo de vida.

“Deus me escolheu”, diz ela. “Tenho um papel a desempenhar, que é cuidar de crianças e mulheres”.

Há um ano, Reshma ofereceu um espaço em sua casa para que uma congregação abrisse um centro de acolhimento. Hoje, esse quarto superior em uma zona de prostituição tornou-se um espaço sagrado.

Na hora de sair, Reshma tem um pedido. “Ore por mim”, diz ela. “Preciso da graça e misericórdia de Deus para ajudar outros a entrarem na luz”.

O que é tráfico humano?

O tráfico humano é uma forma de escravidão moderna que afeta todos os países do mundo. Os traficantes se utilizam de força, fraude ou coerção para explorar pessoas através do trabalho forçado ou do sexo comercial forçado. Em resumo, essa prática consiste na compra e venda de seres humanos para obter lucro. Na verdade, o tráfico humano é um empreendimento criminoso transnacional multibilionário. Mais de 45 milhões de indivíduos no mundo estão vivendo em escravidão, de acordo com o Índice Global de Escravidão. Embora esta história tenha se concentrado na exploração sexual de mulheres e meninas, é importante entender que meninos também são vítimas do tráfico sexual.

Para saber mais, visite estes sites:

ncm.org/trafficking

endinghumantrafficking.org

endslaverynow.org

polarisproject.org

Você pode ajudar

Ao longo dos últimos anos, centenas de congregações locais no mundo inteiro participaram do Domingo da Liberdade, um dia de união e oração contra o tráfico humano. Muitos arrecadaram ofertas de liberdade como parte do evento, e esses fundos estão sendo usados para apoiar o Esperança de Vida, assim como outros ministérios de combate ao tráfico de pessoas que são desenvolvidos por congregações locais em todo o mundo.

Ajudar mulheres e crianças na transição de uma vida de exploração para algo novo é um processo longo e que requer compromisso e apoio contínuo.

Para saber mais sobre como você pode apoiar iniciativas contra o tráfico humano através dos MNC, acesse ncm.org/antitrafficking ou envie um e-mail para info@ncm.org.

☞ A graça redentora na Moldávia (Gschwandtner,

Revista MNC — Verão 2016)

“Jesus lhes disse: Digo a verdade: Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus” (Mateus 21:31, NVI).

E assim Ele irritou o povo religioso de Seu tempo, associando-se com pecadores, mentirosos, ladrões e prostitutas, aceitando-os, amando-os e compartilhando com eles a graça purificadora de Deus.

Quando pediram a Maria* que começasse uma igreja em uma pequena aldeia montanhosa na Europa central, ela decidiu fazer como Jesus fez.

Alguns anos atrás, uma mulher que tinha ouvido falar do ministério liderado por Maria convidou-a para vir e começar uma igreja em sua aldeia. “Eu não sabia que tipo de gente viria”, lembra Maria. Acontece que, em sua maioria, eram cafetões e prostitutas.

No entanto, Maria não ficou constrangida. Na verdade, ela tinha entrado em contato com um cafetão dessa aldeia antes. Por um tempo, Maria havia conduzido um estudo bíblico na casa dele, e ele pediu que ela orasse pelo negócio dele - mas quando ela descobriu o que era, em vez disso, orou para que Deus mudasse o seu negócio. Depois de muita discussão e orações, ele concordou em mudar de emprego, desde que pudesse ganhar dinheiro suficiente para sustentar sua família. Maria o ajudou a conseguir um empréstimo para iniciar um projeto de pecuária, e agora ele está feliz por estar empregado em um trabalho honesto.

Já que Maria tinha testemunhado a mudança na vida desse homem, não ficou surpresa quando descobriu quem fazia parte de sua nova congregação.

“Eu apenas olhava para eles como pessoas normais, pessoas com vidas bagunçadas, como quase todas as pessoas”, diz ela.

Tendo trabalhado nesse território durante vários anos, Maria sabia que a maioria do seu rebanho era constituída por homens e mulheres sem trabalho e sem instrução; in-

divíduos que se envolveram nesse tipo de vida porque era uma forma de alimentar os seus filhos.

“Essas pessoas são falhas, mas todos nós somos falhos de alguma forma”, diz Maria. “Acho que o importante é olhar para essas pessoas como seres humanos e tratá-las como seres humanos”.

Então Maria começou a implantação de uma igreja com cafetões e prostitutas. Entre seis e dez adultos e várias crianças começaram a se reunir como uma congregação, uma vez por semana. Embora os cultos, em geral, sejam “relativamente normais”, Maria precisa contextualizar algumas coisas.

“Eu tenho que contextualizar meus sermões toda vez que prego, para levar em conta a forma como eles compreendem a vida”, ela explica. “Cerca de metade dos meus sermões são sobre santidade e o que significa viver como pessoas santas, viver de forma diferente, tratar as pessoas de forma mais humana, com amor [e] o que a palavra amor significa.”

A paciência dela está trazendo resultados. Embora os homens tenham vindo para a igreja “só para ver”, e ninguém tenha ainda tomado uma decisão consciente de aceitar a Cristo, eles estão claramente interessados.

“Eles nos pedem para orar, confessam o que estão fazendo e pedem arrependimento; estão interessados nos sermões, ouvem com atenção e fazem perguntas depois dos sermões”, diz Maria.

O ministério simples e honesto de Maria também está tendo outros efeitos. Pelo menos um homem e uma mulher falaram com Maria sobre “deixar o negócio”, e ela os está ajudando a encontrar uma nova alternativa de renda.

A compaixão é “apenas uma forma de viver”, diz Maria, “aceitando a todos, não importando as diferenças de passado ou status social. É passar pelas dificuldades com eles”.

Fazer o que Jesus fez? Maria sabe o que isso significa. “Precisamos mostrar-lhes graça, a mesma graça que Deus nos mostrou”, diz ela.

“Não merecemos a Sua graça, mas a recebemos. Devemos ser um canal desta graça!

É por isso que eu continuo indo lá.”

Nos casos de tráfico humano citados, a escuridão que envolve vidas enredadas no ato de lucrar às custas dos outros está sendo transformada em luz - a luz da vida - que surge quando Jesus entra em cena e é apresentada por Seus discípulos, que ousam chamar-se “irmãos e irmãs” dos excluídos da sociedade.

Capítulo três: Por que um círculo?

Por quê? De fato, por que fazemos todo esse esforço, investimos todo esse tempo, em “compaixão como um estilo de vida”?

Este capítulo tem a finalidade de apresentar algumas razões e respostas para essa pergunta e também mostrar como a igreja tem se envolvido repetidamente nessa causa. O conteúdo não é extenso, e, por isso, espero que não seja cansativo. No entanto, o conteúdo é importante. E também provoca reflexão – um lugar para se ter uma discussão produtiva.

Começamos com a Palavra. A Palavra de Deus. Em Sua Palavra, lemos sobre Jesus nos lembrando várias e várias vezes que existem ao nosso redor pessoas pobres, pessoas em sofrimento, pessoas marginalizadas. E, com toda certeza, sempre haverá. Algumas pessoas concluem que nossa resposta deve ser alimentar as pessoas e aceitar as coisas como são. A questão é: “Qual é o plano de Deus?”

Aqueles cristãos que foram abençoados com sucesso financeiro e muitos bens materiais carregam o fardo da administração desses bens. As vantagens do nosso estilo de vida podem incluir uma casa segura, alfabetização, serviços

de saúde que podem estar literalmente ali na esquina, água suficiente e segura para beber, calor no inverno e frescor no verão (ou vice-versa), recursos naturais para sustentar a vida de uma forma confortável.

Isso levanta alguns questionamentos, como os padrões de consumo conscientes que devem ser adotados por cristãos. Em outras palavras, e de forma simples, quanto gastamos com nós mesmos e como vivemos em um mundo de distribuição injusta de riqueza e de recursos a que bilhões de pessoas são têm acesso? Por um lado, temos mais do que o suficiente para sustentar o nosso estilo de vida. Por outro lado, somos inundados com imagens na televisão de bilhões que sofrem por não terem supridas as necessidades básicas da vida.

Quando abordamos a Palavra de Deus com esse sistema de distribuição desigual em mente, somos confrontados com escolhas perturbadoras, muitas vezes incômodas. Passagens como Mateus 25 falam sobre o julgamento de Deus sobre aqueles que possuem bens materiais e não os compartilham com os que têm necessidades. Então, o que significa “compartilhar”? O que significa “necessidade”?

A economia de Deus, que estrutura Sua criação, não permite que as pessoas vivam como se as questões materiais nada tivessem a ver com os valores espirituais. Parece estar claro que Deus nunca esperou que vivamos como se fosse possível ignorar a pobreza e as mazelas sociais ao nosso redor. E esses problemas estão por todo lado, nas nossas comunidades, bairros, cidades e em todo o mundo. Portanto, essas questões são universais. Não devemos descansar

confortavelmente em nosso mundo acolchoado, ignorando os que estão sem abrigo ou comida ou acesso.

Deus colocou os pobres de nosso mundo em um lugar muito especial em Seu coração (Salmos 146; 1 Samuel 2:1-10). Os cristãos precisam entender que a fome, a pobreza e muitos males de nossos dias são resultado direto da distribuição desigual dos recursos. O pecado fez com que o mundo se tornasse um lugar egoísta, ocupado por pessoas egocêntricas, muitas vezes obcecadas pela ganância e avareza. A Palavra de Deus nos lembra que é responsabilidade da Igreja cuidar e ministrar àqueles que sofrem por causa desse equilíbrio desigual (ou, como dizem as Escrituras, órfãos, viúvas e refugiados). O Antigo Testamento cita 210 referências que falam da responsabilidade do povo de Deus em relação aos que sofrem de pobreza material. Será que precisamos mesmo de um estímulo extra? Precisamos de uma luz mais brilhante? Precisamos de um motivo mais convincente? Precisamos de uma compreensão mais profunda do porquê?

O Novo Testamento é ainda mais claro. Na verdade, encontramos Jesus se identificando com os pobres e nos contando sobre como fora escolhido para pregar a eles. Nosso problema é este: o Novo Testamento claramente ensina que o consumo em excesso é pecado. Jesus nos lembra que devemos prestar muita atenção às necessidades dos pobres e que não devemos nos preocupar demais com os bens materiais. Foi-nos dito que devemos denunciar qualquer sistema de exploração dos pobres e socorrer as vítimas desses sistemas humanos injustos.

A igreja primitiva percebeu de imediato que um programa de ajuda aos pobres tinha de ser instituído (Atos 6:1). Embora não existam diretrizes universais para que todos vendam sua fazenda e deem o dinheiro aos pobres, somos constantemente lembrados de nossa responsabilidade de envolvimento ativo em suprir as necessidades daqueles que enfrentam dificuldades econômicas. Não temos nenhuma lei final na igreja quanto a forma exata de ajudar. Porém temos instruções claras de que devemos desenvolver uma estratégia para evitar os extremos de riqueza e pobreza dentro da igreja (2Co 8:13-14; 9:13; Rm 15:25-26). O sistema que nossa igreja desenvolveu através dos Ministérios de Compaixão é uma maneira de garantir que todos estejam incluídos nessa exortação bíblica. É difícil justificar qualquer tipo de excesso quando há milhões de pessoas no mundo que literalmente não têm nada para comer.

Do Novo Testamento até a Idade Média, de João Wesley a Bresee, nós, que carregamos a herança nazarena, temos fortes tradições que nos auxiliam a estruturar nossa ajuda aos pobres e necessitados do mundo.

John Wesley, em seu diário datado de 7 de maio de 1741, escreveu claramente sobre alimentar os famintos, vestir os nus, criar programas de trabalho para os desempregados, cuidar dos doentes e desabrigados. Cristãos nos Estados Unidos delegaram em grande parte a maioria desses programas ao governo. Wesley foi claro em sua convicção de que a Igreja é o único método viável de transformação da sociedade. Se o problema do pecado não for também abordado, todos os programas de assistência não vão fazer

muita diferença em nosso mundo conturbado. No entanto, com a mensagem que enfatiza um coração puro, podemos ministrar aos pobres do mundo e lhes oferecer uma mensagem de completa esperança e integridade. Nenhuma outra agência pode fazer isso.

O Dr. Phineas F. Bresee, muitas vezes apontado como o fundador da Igreja do Nazareno, e outros líderes pioneiros da igreja, tinham grande preocupação com a totalidade da pessoa. Eles adotaram uma abordagem holística, mantendo, ao mesmo tempo, uma paixão ardente pela evangelização direta. Na opinião deles, a chave sempre foi e sempre será a igreja local — o Corpo de Cristo.

Nossa conclusão é realmente muito simples. A compaixão é o ponto central do Evangelho. Portanto, a compaixão não é um programa ou um slogan. É um estilo de vida. Não fazemos isso como substituto da evangelização, mas sim impulsionados pelo Evangelho. O amor de Cristo dentro de nós nos compele a deixar o egoísmo e nos envolvermos (1João 3:17-18; Tiago 1:27).

Então, por quê? Por que, realmente? Porque podemos ver além da concepção errônea de que um “evangelho puramente social” é o mesmo que uma teologia liberal. Porque podemos ver além de uma interpretação limitada de evangelismo como apenas “salvar almas”. Porque vemos que a santidade (integridade) sugere um ministério integral para a pessoa como um todo — para o indivíduo, para a família e, coletivamente, para a comunidade. E porque sabemos que o único e verdadeiramente eficaz corpo é a igreja local, que é o Corpo de Cristo.

Resumindo em uma frase: a compaixão faz parte da Grande Comissão de levar Jesus ao mundo. A compaixão faz parte da Comissão.

Um “por quê” sempre tem consequências em um ciclo. Isto é, as instituições ou organizações humanas têm ciclos de vida e, ao mesmo tempo, lutam para entender e responder ao porquê de uma ordem e comissão. Isto não é menos verdade na Igreja do Nazareno. Assim, como era de se esperar, a denominação passou por fases de engajamento, desengajamento e reengajamento.

Os primeiros líderes estavam engajados em projetos de compaixão de várias formas. Porém, por cerca de 40 a 50 anos, a igreja se desmotivou por razões que podem ser entendidas em um contexto maior. Isso, em parte, foi uma reação contrária ao que estava acontecendo de forma mais ampla com a Igreja. O final do século XIX e início do século XX foi um tempo de revolução no pensamento. Havia escolas de exegese bíblica que questionavam os próprios fundamentos de preceitos e ensinamentos das Escrituras. Houve uma mudança no movimento ecumênico da igreja, passando do evangelismo direto para o “evangelho social”, quando o chamado de Cristo se tornou um chamado para coisas como justiça social, reforma agrária e redistribuição de terras, além de uma série de outras questões sociais. A segunda geração de líderes nazarenos começou a se posicionar contra essa tendência “liberal” em um esforço para manter a doutrina básica e a compreensão bíblica. E com isso, veio a falta de motivação.

No entanto, ao mesmo tempo, expressões de compaixão estavam ocorrendo através de igrejas locais em todo o mundo — e há centenas, talvez milhares, de exemplos disso. Finalmente, através da criação de um escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão em 1984, houve uma volta do envolvimento da igreja com a compaixão.

Vamos explorar isso em mais detalhes.

Nunca é demais ressaltar o zelo ardente dos primeiros líderes nazarenos e do movimento de santidade. Eles voçiferavam por escrito e oralmente contra os males da sociedade e em favor da retidão espiritual. De modo geral, compunham um bloco de ativistas, dispostos a se envolver em polêmicas com ousadia para aplicar o entendimento da Escritura, conforme explicavam John Wesley e outros. Com frequência, eles se lançavam intrepidamente à ação. Eles eram engajados no mundo.

No início dos anos 1900, os maiores problemas envolviam o vício em bebidas alcoólicas, o apoio ao direito de voto das mulheres (devemos notar que desde o início os nazarenos ordenavam mulheres para o ministério), o combate à corrupção das máquinas políticas nas grandes cidades (um bom exemplo é a luta do dr. L. A. Reed, pastor sênior na Primeira Igreja do Nazareno em Kansas City, contra a

máquina Pendergast⁹) e o socorro aos pobres e oprimidos, esmagados pela revolução industrial nos Estados Unidos.

Na época da fusão dos grupos (1908) para constituir a Igreja do Nazareno em Pilot Point, no Texas, a igreja estava apoiando ou sustentando orfanatos, casas para mulheres perdidas (geralmente definidas como mulheres com bebês nascidos fora do casamento) e “missões de resgate” em muitas cidades. Outros interesses específicos eram o ministério prisional, o atendimento médico, com o surgimento de muitas clínicas em igrejas locais, e ministérios para trabalhadores imigrantes (como os operários mexicanos empregados na construção de ferrovias, trabalhadores chineses que chegavam à costa oeste, trabalhadores japoneses na agricultura e o drama dos indígenas americanos confinados nas reservas).

O dr. Timothy L. Smith, autor de *Called Unto Holiness* [Chamados à santidade], escreve: “O principal objetivo da igreja era pregar santidade aos pobres. E o primeiro Manual da nova denominação declarava uma intenção de ‘ganhar os perdidos’ por meio de missões urbanas, cultos evangelísticos e visitas de casa em casa, cuidando dos pobres, consolando os moribundos”.¹⁰

9 “Máquina Pendergast” refere-se a uma organização política que dominou a política em Kansas City, Missouri, por quase 40 anos. Thomas Pendergast era o “chefe” da organização, que, através da sua corrupção, controlou e dirigiu a política do estado até ser preso por fraude tributária em 1939. A “máquina” acabou com a prisão de Pendergast.

10 Smith, Timothy (1962). *Called Unto Holiness* (Kansas City: Nazarene Publishing House), pp. 113-4.

A igreja de Bresee, em Los Angeles, Califórnia, separava diaconisas especificamente para ministérios de compaixão cristãos. Elas eram encarregadas de distribuir roupas para os pobres e proporcionar assistência médica aos doentes que não tinham outro jeito de conseguir assistência médica.

No leste, William Howard Hoople e Charles BeVier lançaram uma obra de compaixão em 1894, em um salão no Brooklyn. Em 1904, A. B. Riggs elogiou a Associação de Santidade da Nova Inglaterra pela sua “devoção [...] ao trabalho de resgate e assistência aos pobres”.

A Missão Pentecostal de J. O. McClurkan em Nashville, Tennessee, que não se uniu aos nazarenos até 1915, estava desde o início envolvida no trabalho missionário e de resgate no lar. Eles se afiliaram à Missão Porta da Esperança e patrocinavam o Lar de Treinamento Missionário Pentecostal para Moças [Pentecostal Mission Training Home for Girls].

Em seu livro *The Promise of the Father* (A promessa do Pai, em tradução livre)¹¹, Phoebe Palmer declarou: “O Pentecostes atacou a raiz da injustiça social com um machado”.

Seth Cook Rees escreveu em 1905 um livro intitulado *Miracles in the Slums* (Milagres nas favelas, em tradução livre). Entre muitos incidentes, ele se recorda de patrocinar uma prostituta convertida para abrir um lar de resgate na cidade de Nova York, que consistia em um apartamento de dois cômodos mobiliado com colchões de palha e caixotes.

11 *The Promise of the Father* foi publicado pela primeira vez em 1859.

No Texas, uma Casa de Descanso¹² foi fundada em 1903, em Pilot Point. Muitas pessoas a sustentavam fielmente. Existem evidências de muitas assembleias distritais votando para enviar dinheiro para apoiar essa e outras iniciativas da mesma natureza. Essa Casa de Descanso continuou em funcionamento até 1972, assistindo mais de 4.500 moças nesse período.

Desengajamento

O interesse social da igreja em geral pelo ministério de compaixão alcançou seu auge na Assembleia Geral de 1919. Cinco comitês da Assembleia Geral estavam relacionados ao trabalho assistencial. Diretorias distritais de assistência social foram fortemente encorajadas, e uma Diretoria dos Orfanatos, com cinco membros, foi eleita. Havia comitês contínuos sobre o trabalho de resgate e missões urbanas.

O ano de 1923 parece ter sido um divisor de águas no abandono de muitas dessas atividades. Nesse ano, muitos comitês que antes eram semiautônomos foram consolidados em uma Diretoria Geral, uma estrutura básica que ainda existe. Em 1928, restavam apenas três dos cinco comitês da Assembleia Geral ligados à assistência social (Assistência

12 Os Estados Unidos já tiveram centenas de casas de maternidade, ou abrigos para garotas e mulheres solteiras grávidas. A Associação de Casas de Descanso [Rest Cottage Association] era uma pequena cadeia de casas de maternidade inspirada no ativismo do Rev. Seth Rees, um evangelista da santidade. A Casa de Descanso de Kansas City e a Casa de Descanso de Pilot Point eram afiliadas à Igreja do Nazareno. Outras denominações patrocinavam Casas de Descanso em outros locais.

Social e Orfanato, Diaconisas, Estado da Igreja e Moral Pública). Em 1932, esses três foram unidos em um só comitê. Em 1948, esse comitê passou a se chamar simplesmente Estado da Igreja e Moral Pública.

Por que essa mudança dramática? o dr. J. Fred Parker, na sua excelente análise em um artigo intitulado “Those Early Nazarenes Cared” (Os primeiros nazarenos se importavam, em tradução livre), sugere quatro motivos:

1. O aperto financeiro tornou pesado o suporte a muitas instituições. (É importante lembrar que a Grande Depressão ocorreu durante esse período, o que repercutiu mundialmente e resultou em um dramático corte de custos nas missões estrangeiras.)

2. Ocorreu uma leve revolta, ou mudança de opinião em relação a instituições como coadjuvantes da igreja, cuja missão central era vista como salvar almas. Em um discurso à Assembleia Geral de 1923, os superintendentes gerais disseram: “Devemos fazer todo o possível para conter o institucionalismo”.

3. Muitas atitudes se baseavam em um sentimento disseminado de que, de algum modo, ações sociais significavam “evangelho social”, e o evangelho social era equiparado ao liberalismo teológico e à alta crítica bíblica. É relevante notar que, naquela época, o socialismo era uma filosofia política que influenciava muitas universidades americanas e europeias.

4. Houve uma alteração editorial no Arauto da Santidade, o veículo oficial de difusão de mensagens da deno-

minação. Quando a direção editorial estava a cargo de B. F. Haynes, ativista declarado, muitas colunas de espaço eram dedicadas aos males sociais da época. Haynes não tinha papas na língua em seus editoriais.

Com a chegada do dr. J. B. Chapman como editor, ocorreu uma guinada perceptível no conteúdo da revista em direção a educação, missões (significando “missões estrangeiras”) e crescimento da igreja. É difícil afirmar se isso ocorreu de propósito, por temperamento do editor ou apenas como reflexo da mudança nas atitudes da igreja em relação às questões sociais.

Nas missões internacionais, o ministério de compaixão era uma prática padrão. Atendimento médico, educação, publicações, alimentar os famintos e até o treinamento em práticas agrícolas eram aceitos como norma. Já na matriz, considerava-se que essas atividades estavam fora da alçada de uma igreja evangelística.

Os superintendentes gerais, inclusive nas décadas de 1960 e 1970, advertiam que as instituições consumiriam a vitalidade espiritual da igreja. Um superintendente geral aconselhou que a igreja não deveria patrocinar projetos de residências para aposentados nem usar dinheiro externo para financiar ministérios especiais.

Enquanto isso, durante esse período de desligamento, um corpo de nazarenos visionários enfrentava dificuldades nos centros urbanos da América do Norte, lutando contra todos os antigos e novos problemas de álcool, dependência de drogas, pessoas sem-teto, desemprego, imigrantes, rela-

ções raciais e direitos civis, distribuição de alimentos e roupas e tratamento médico preventivo e curativo.

O debate filosófico continuou, em um esforço para descobrir os métodos mais eficientes de ganhar pessoas para Cristo e, ao mesmo tempo, ministrar para a pessoa como um todo em Seu nome.

Os motivos complexos para o “desligamento” foram explicados anteriormente neste capítulo. Contudo, o desligamento se refere apenas às estruturas denominacionais oficiais como um todo. Igrejas locais e indivíduos nunca se desligaram, com um grande número de ministérios surgindo conforme as necessidades da sociedade eram reveladas. O DNA dos nazarenos tinha sido estabelecido por Jesus, pelos Apóstolos, por John Wesley, por Bresee, Hoople e outros, e esse imperativo pelo envolvimento social não cessaria.

Reengajamento

O uso deste termo tem muitas nuances de significado. De 1923 até a década de 1970, a Igreja do Nazareno permaneceu profundamente engajada. Entretanto, a denominação geral, ao enfrentar a Depressão econômica, a Segunda Guerra Mundial e outras transformações dramáticas da sociedade, tinha reorganizado suas prioridades e adaptado suas estruturas.

Instituições patrocinadas oficialmente, como orfanatos, casas de resgate e missões urbanas, não eram mais financiadas e sustentadas, embora algumas (um bom exemplo é a Missão de Resgate de Kansas City) continuassem a funcio-

nar e, muitas vezes, a progredir. Repetindo, é importante compreender que centenas de ministérios de compaixão estavam florescendo, muitos deles sustentados por igrejas locais.

Havia vários projetos “de grande visibilidade”, como a Comunidade da Esperança em Washington, D.C., capital dos EUA, liderada pelo dr. Tom Nees. O projeto Clube das Ovelhas em Manhattan, Nova York, começou por meio do patrocínio da Igreja Geral e do distrito de Nova York, e foi um exemplo dramático de ministério no coração da cidade. Diversas igrejas nazarenas resistiram à “fuga branca”, à “suburbiomania” e à mudança demográfica, permanecendo intencionalmente na cidade. Por exemplo, a Primeira Igreja do Nazareno em Los Angeles, a antiga igreja de Bresee, manteve-se fiel a seus ministérios multifacetados, multiétnicos, e permaneceu totalmente engajada na comunidade. O mesmo ocorreu com a antiga igreja de McClurkan, a Primeira Igreja do Nazareno em Nashville, e com diversas igrejas em Nova York, Boston e outras cidades.

Nesse período, o ministério de compaixão permaneceu inalterado, enquanto a igreja global continuava tendo um crescimento explosivo.

Contudo, para os fins deste livro, definimos “reengajamento” como a criação intencional de um escritório denominacional do Ministério de Compaixão, em 1984, dirigido pelo dr. Steve Weber (coautor deste livro). Isso começou a unir os elementos da compaixão em uma estratégia coordenada e coesa para a denominação, levantando-se como um farol que declarava o engajamento total e contínuo da

Igreja do Nazareno em sua história e legado, em sua teologia wesleyana e ativismo, e no seu toque de cura em um mundo corrompido e sangrando.

Ao avançarmos no século 21, o choro dos bebês fica cada vez mais alto e o consolo da cura cada vez mais amplo.

Capítulo Quatro: Emergência!

Desastre! É apenas uma palavra no dicionário, a menos que você seja pessoalmente atingido. Embaladas por um senso de segurança e autossuficiência, muitas pessoas são incapazes de encarar a mudança instantânea trazida por desastres naturais e catástrofes causadas pelo homem.

A extensão dos danos e a perda da vida são enormes quando os desastres acontecem. Com a magnitude dessas catástrofes, o tamanho e a duração da resposta também são enormes. “Como meus 10 dólares podem fazer diferença?” não é uma pergunta incomum.

É evidente que a Igreja do Nazareno não está em posição de assumir o lugar de agências governamentais que alocam milhões de dólares para suprir necessidades resultantes de desastres. Existem milhares de agências paraeclesiais e outras organizações não governamentais que pedem nosso dinheiro e, em sua maioria, fazem um trabalho tremendo para atender às necessidades.

Então, por que a igreja deveria se envolver? Com tantas outras agências fazendo esse trabalho, por que simplesmente não deixamos a resposta aos desastres para os profissionais?

O motivo para o nosso envolvimento gira em torno da disponibilidade de um sistema de distribuição eficaz. A igreja é o melhor e mais eficiente sistema de distribuição disponível na maioria dos desastres, visto que as igrejas locais já estão presentes na comunidade e saberão como responder melhor a essa comunidade. Elas têm equipes formadas de pessoas honestas, que se importam e estão dispostas a ajudar. Normalmente, existe um prédio que pode servir como abrigo, uma área de triagem ou um local para armazenamento de suprimentos e produtos. Sempre há uma estrutura administrativa liderada pelo pastor e que inclui leigos que têm várias habilidades profissionais e vocacionais inestimáveis em situações de emergência. Em parceria com os MNC (Ministérios Nazarenos de Compaixão), os recursos da igreja normalmente são acionados no momento em que o desastre ocorre. É uma oportunidade para viver o evangelho do amor de Jesus.

Você consegue imaginar o custo de duplicar os recursos que existem na igreja em uma situação de desastre? Suponha que a grande agência de resposta a desastres não tivesse o sistema de distribuição da igreja disponível para ajudar? Encontrar estruturas e pessoal alternativos requer tempo e muitas vezes é impossível.

Neste capítulo, apresentamos alguns estudos de caso da Igreja do Nazareno em ação durante situações catastróficas. O próprio Fundo Nazareno para Fome e Desastres foi criado em decorrência de um terremoto de grandes proporções na Guatemala. Esse desastre enfatiza outro ponto essencial: na maioria das catástrofes, as necessidades da igreja de re-

construir igrejas e residências pastorais não são atendidas por nenhuma outra agência de socorro em calamidades. Muitos missionários e líderes da igreja, bem como as comunidades que servem, têm expressado gratidão à igreja por ter disponibilizado os recursos materiais para colocar a comunidade de pé novamente após o golpe da tragédia. A igreja está presente para prestar socorro em suas comunidades imediatamente após o fato, bem como durante os longos anos de recuperação. Isso é particularmente importante em regiões do mundo onde as pessoas não têm redes de segurança. Nesses locais, o impacto dos desastres pode literalmente se tornar uma questão de vida ou morte. Com a esperança de Cristo, as igrejas locais podem entrar nessa brecha.

Quando tremores mortais abalaram o México

(Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2017)

Tarde da noite, em 7 de setembro de 2017, um forte terremoto de magnitude 8.2 abalou os estados mexicanos de Oaxaca e Chiapas. O terremoto matou pelo menos 96 pessoas, embora a verdadeira extensão dos danos possa nunca ser conhecida. Doze dias depois, um segundo terremoto, de magnitude 7.1, foi sentido cerca de 600 quilômetros ao norte, perto da Cidade do México. O segundo terremoto matou mais de 300 pessoas. Os dois transformaram bairros inteiros em entulho.

Quase imediatamente, igrejas locais se mobilizaram para reagir. No distrito de Juchitan, em Oaxaca, a área mais duramente atingida pelo terremoto, as igrejas estabeleceram

26 pontos de alimentação, onde voluntários cozinhavam e serviam três refeições quentes para 8.000 pessoas todos os dias: 24.000 refeições por dia. A maioria das pessoas estava dormindo ao relento por causa de réplicas fortes e contínuas. Por isso diversas igrejas também montaram abrigos em suas instalações para proporcionar um lugar seguro para famílias e pessoas sozinhas. Semanas mais tarde, mesmo depois que muitos conseguiram voltar para casa, as igrejas continuaram a fornecer duas refeições diárias para 5.000 pessoas (10.000 refeições por dia).

O atendimento médico era uma das maiores necessidades. Hospitais foram destruídos pelo terremoto, e as pessoas não só tinham problemas de saúde relacionados ao desastre, como inalação de poeira e pressão alta causada pela ansiedade, como os medicamentos receitados estavam enterrados sob os escombros. Em resposta, dezenas de profissionais de saúde locais, incluindo médicos, enfermeiros, farmacêuticos e psicólogos, se uniram para oferecer seu tempo como voluntários. Equipes médicas móveis, que consistiam em profissionais de saúde e dezenas de voluntários, principalmente do México, iam de bairro em bairro para oferecer atendimento médico. Mais de 100 jovens de igrejas nazarenas se juntavam a cada semana para oferecer atividades para as crianças e assistência espiritual. Em setembro, as equipes ministraram a mais de 3.000 pacientes e o ministério prosseguiu nas semanas seguintes.

Quando um terremoto mortal atingiu o México central, menos de duas semanas depois, as igrejas se reuniram novamente. No mesmo dia, as igrejas estavam mobilizando

peessoas para oferecer água e sanduíches para socorristas e voluntários exaustos, que tentavam resgatar pessoas dos escombros. Também coletaram e distribuíram comida, água e artigos de higiene pessoal para vítimas do desastre. Além disso, armaram grandes tendas para os desabrigados e começaram imediatamente a remover o entulho e a ajudar a o reparo de casas que poderiam ser habitáveis novamente.

A maratona da resposta a desastres

A princípio, relatos de líderes no México comparavam a resposta a uma corrida: lutar para conseguir comida, água e assistência médica para os mais necessitados, bem como encontrar locais para as pessoas dormirem. Conforme essa corrida se transformava em maratona, histórias de esperança e compaixão iam aparecendo. Uma dessas histórias veio de Oaxaca, onde muitas crianças estavam se refugiando em uma igreja. Reconhecendo o medo e a tristeza que elas deviam estar sentindo, duas mulheres se encarregaram de planejar jogos. Uma mulher, psicóloga, conseguiu ajudar as crianças a começarem a lidar com seus medos e traumas.

Por meio da alimentação, do atendimento médico e da compaixão, a igreja no México se mobilizou rapidamente e com eficácia para cuidar de pessoas que estavam feridas e sofrendo. Uma mensagem de um grupo de socorristas observou que os eventos despertaram a igreja local e que jovens e idosos agiram juntos. Talvez mais que tudo, o que eles comunicaram foi o seguinte: todos nós estamos com vocês e Deus está aqui.

Os missionários Roberto e Rhessa Rodriguez, que dirigiam a Nazarene Border Initiative (Iniciativa de Fronteira Nazarena) e serviram no México depois do terremoto, contaram que amaram “ver voluntários de todo o México se unindo para suprir tanto as necessidades físicas quanto as espirituais aqui”.

De fato, o foco holístico é o que distingue a resposta a desastres conduzida pela igreja. Não apenas as equipes médicas ofereciam atendimento médico de qualidade para condições físicas, como os voluntários também ouviam aqueles que foram afetados e oravam por eles. Como resultado, eles relataram que muitas pessoas vieram a crer em Cristo. E, porque a igreja está presente antes, durante e depois dos desastres, os pastores locais já estão lá para conectá-los a uma congregação acolhedora.

O dr. Rene Rivas, um médico nazareno da Guatemala que passou vários dias servindo como voluntário com as equipes médicas, observou: “Mesmo que as paredes dos templos estejam destruídas, a igreja está forte em Juchitan”.

“Agradeço a Deus por pertencer à Igreja do Nazareno, uma igreja cujos líderes me ensinaram a compaixão por meio da Bíblia e da prática”, Rivas escreveu. “E aqui estamos tentando ajudar pessoas necessitadas e recebendo bênçãos de Deus.”

Quando as águas sobem

A água subiu quase até o topo das mangueiras e bananeiras. Três semanas depois, quando as águas finalmente

recuaram, essas árvores não conseguiam produzir frutos. Campos de arroz, casas de taipa, estradas e pontes estavam destruídos.

No verão de 2017, mais de 1.000 pessoas morreram em uma imensa inundação que varreu o sul da Ásia. A pior inundação em 100 anos foi criada quando altas temperaturas causaram fortes chuvas de monção nas montanhas do Himalaia. A neve derretida desceu das montanhas com ímpeto, no Nepal e na Índia, fazendo rios transbordarem. Bangladesh, onde os rios se encontram, sofreu inundações em escala maciça. Um terço do país estava inundado, fazendo com que muitos milhares de famílias perdessem tudo. Dezenas de milhões de pessoas foram desalojadas e a escassez de comida se transformou em uma crise de longo prazo quando as plantações alagadas morreram.

Jacinta*, de 35 anos, com seu marido e dois filhos de 10 e 4 anos, passaram oito dias em uma estrada, esperando que as águas recuassem. Durante esse período eles não tinham abrigo nem água potável. Também não tinham comida, até receberem uma cesta básica com alimento suficiente para uma semana, por meio da Missão Nazarena de Bangladesh, o braço do ministério de compaixão da Igreja do Nazareno em Bangladesh.

A família tinha muito pouco, para começo de conversa, mas perdeu tudo o que possuía: roupas, comida, camas e 20 galinhas. As paredes de barro da sua casa de dois cômodos e menos de 10 m² desmoronaram na enchente. Embora eles tivessem conseguido fazer pequenos reparos com folhas

de zinco que flutuavam por ali, a casa deles precisaria ser reconstruída.

Nas comunidades que cercavam igrejas nazarenas locais, aproximadamente 63.000 pessoas foram afetadas. Cestas básicas com arroz, lentilhas, batatas, óleo e sabão foram distribuídas às famílias e pessoas sozinhas mais pobres de suas comunidades. Dependendo do tamanho da família, os alimentos duravam de cinco a 14 dias.

Safina*, de 20 anos, mãe de três filhos, ficou aliviada quando recebeu uma cesta básica. A enchente tinha destruído todo o estoque de alimentos da família, e ela não conseguia comida para dar às crianças.¹³

“Durante a enchente, dois de meus filhos ficaram doentes”, diz ela. “Agora estão abaixo do peso e desnutridos.”

Mobilizando voluntários

Na Índia, igrejas nazarenas também distribuíram cestas básicas emergenciais, suficientes por um mês, a 2.200 famílias em 24 áreas rurais onde as pessoas já viviam na pobreza. Muitos tinham perdido suas plantações e seu gado, além de suas casas, nas enchentes.

O foco das igrejas estava nas famílias e nos indivíduos mais vulneráveis, tanto membros das igrejas quanto outros vizinhos. Era importante para os líderes nazarenos que eles também servissem pessoas que não fizessem parte de suas igrejas, independentemente de suas tradições de fé.

¹³ Safina, uma das 10.000 pessoas que receberam ajuda alimentícia, disse que foi “uma bênção”.

Os voluntários desempenharam um papel crítico. De fato, boa parte do trabalho foi realizada por 50 jovens de igrejas nazarenas. Eles passaram dois dias distribuindo arroz, lentilhas, sal, óleo e soja, além de sabão, para as vítimas das inundações.

As igrejas das áreas afetadas também estão trabalhando para criar abrigos, para que, da próxima vez em que ocorrerem inundações, as pessoas possam ficar dentro deles, não às margens das estradas.

Embora o caminho para a recuperação seja longo, a ajuda imediata sustentou as pessoas nos primeiros dias da crise.

 **Sentindo a força das tempestades** (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2017)

Furacão Harvey

A primeira vez que a Pastora Maxine Williams subiu em jet ski foi quando um cidadão voluntário a levou para longe de sua casa, no sul do Texas. Ela disse que a viagem pareceu durar uma eternidade, enquanto subiam as águas trazidas pelo furacão Harvey.

Depois, Williams conseguiu pegar outra carona em um caminhão alto e chegou à casa de um membro da Igreja da Graça do Nazareno, que ela lidera em Port Arthur, no Texas. Contudo, logo o grupo percebeu que as águas também estavam subindo lá. Decidiram evacuar o local, pegando outra carona com o dono do caminhão.

Quando estavam saindo, perceberam que um idoso precisava de ajuda perto dali. Como as águas estavam subindo rapidamente, eles arriscaram voltar para ajudar seu vizinho. Todos conseguiram chegar à igreja, onde encontraram outras 60 vítimas da enchente. Posteriormente, esse vizinho começou a visitar a igreja.

Com alguma ajuda das Igrejas do Nazareno em Nacogdoches e Woodland, a Igreja da Graça de Port Arthur se transformou em um abrigo totalmente funcional, com camas, alimentos e outros suprimentos necessários.

O furacão chegou em 25 de agosto. Nas horas seguintes, igrejas nazarenas espalhadas pelo sul do Texas (incluindo Houston, Woodlands, Orange, Port Arthur, Beaumont e Pasadena) se mobilizaram para ajudar os necessitados. Várias igrejas serviram como abrigos e pontos de distribuição conforme os suprimentos chegavam de fontes locais e de outras áreas do Texas. Centenas de voluntários viajaram para servir, vindos tanto do Texas quanto de várias outras partes dos EUA.

Mãos amigas depois do Harvey

A viagem de Tehachapi, na Califórnia, a Orange, no Texas, levou 28 horas. Para os seis membros da Igreja do Nazareno em Tehachapi, foi uma viagem fácil de fazer, apesar da distância. Eles sabiam que a comunidade estava entre as que mais tinham sofrido com o Harvey e suas chuvas fortes, ventos uivantes e inundações.

Quando a equipe chegou, encontrou as ruas cheias com pilhas de artigos domésticos e móveis, todos mofados e estragados. Eles estavam lá especificamente para ajudar a família Spell. Rebekah Spell, que trabalha como pastora de crianças na Primeira Igreja do Nazareno em Orange, e seu esposo, Aaron, têm cinco filhos. Eles já haviam enfrentado desastres naturais antes e sempre conseguiram recomeçar a vida em seguida. Desta vez, no entanto, as enchentes do Harvey destruíram sua casa e muitos dos seus pertences. As sete pessoas dessa família estavam morando em um acampamento no terreno da igreja, sem terem a menor ideia de como poderiam se recuperar.

Junto com profissionais de construção e tendo um caminhão cheio de suprimentos da Califórnia, o grupo limpou, ergueu as paredes e começou o processo de reconstrução da casa dos Spell. Na Califórnia, a igreja de Tehachapi inteira se uniu ao esforço, doando o suficiente para cobrir os custos da reconstrução, comprar novos eletrodomésticos e substituir armários, pisos e móveis.

Embora a casa não estivesse pronta para morar quando a equipe foi embora, os Spell logo conseguiram se mudar de volta para casa e começar a transformá-la novamente em um lar.

Furacão Irma

Em setembro, o furacão Irma abriu uma trilha catastrófica pelo Caribe, devastando muitas nações insulares, incluindo St. Martin. A tempestade atingiu a ilha com força

total, arrancando árvores e deixando pilhas de entulho onde antes havia casas e edifícios. Três igrejas nazarenas sofreram danos sérios, e a mídia informou que muitas estruturas foram destruídas ou danificadas. De acordo com líderes nazarenos de lá, 75 por cento dos membros da igreja perderam totalmente seus lares.

Era difícil conseguir suprimentos ali, mas igrejas irmãs de Martinica, uma ilha próxima, fizeram valer seu status de região oficial da França para enviar um container de suprimentos a St. Martin, que é uma coletividade da França.

Depois de atingir o Caribe, Irma seguiu no sentido norte, para o estado norte-americano da Flórida. Lá, as igrejas continuaram a se mobilizar. Em algumas horas, uma equipe de resposta nazarena da Virginia estava em New Smyrna, na Flórida. Eles pararam no lar inundado de Adrian e Elizabeth Calhoun. Um membro da equipe fez esta bela observação sobre o que significa ser a igreja mobilizada: “Você não está sozinho”.

O sincronismo fez toda a diferença

Quando o furacão Irma se dirigiu para a Flórida, as igrejas do sul do Texas decidiram ajudar. Elas sabiam melhor que ninguém o que os que estavam no caminho da tempestade iriam enfrentar. Antes que as pessoas pudessem recomençar, teriam que limpar das suas casas o entulho, jogando fora tanto o prático quanto o sentimental, em montes de lembranças mofadas.

As igrejas do sul do Texas tinham recebido apoio maciço, incluindo uma dose extra de kits de assistência a crises contendo artigos de higiene pessoal e outras necessidades. Assim, fizeram uma chamada geral para ver se alguém estaria disposto a transportar kits para a Flórida. Era um pedido e tanto: estradas fechadas, falta de combustível e engarrafamentos dificultariam a viagem.

O pastor Darin Pound e Ed Warwick da Primeira Igreja do Nazareno em Temple, Texas, aceitaram a missão. Junto com voluntários de outras igrejas, encheram um caminhão com seis paletes de água, milhares de kits de assistência e fraldas.

O que normalmente teria sido uma viagem de 14 horas virou uma jornada de muitos dias. Contudo, o tempo de Deus ficou evidente. Em várias ocasiões, encontraram um posto de gasolina com combustível em um momento crucial. Em outras, decidiram encher o tanque antes do necessário e descobriram que seu caminho tinha mudado e a gasolina extra era suficiente para a distância adicional. No final das contas, conseguiram chegar a Cudjoe Key, uma das ilhas situadas na parte mais baixa das Florida Keys, que sofreu o impacto do Irma na sua chegada aos EUA.

Enquanto descarregavam o caminhão com a ajuda de pastores e voluntários, um soldado da guarda nacional se aproximou para descobrir se eles tinham água. Ele disse que a deles tinha acabado e que alguns moradores precisavam de água urgentemente.

“Deus é bom”, disse Pound. “Seu sincronismo é perfeito!”

Furacão Maria

Logo depois do furacão Irma, o furacão Maria talhou um caminho parecido. Na Dominica, no mínimo 15 pessoas morreram. A ilha em si estava em ruínas e, semanas depois que a tempestade passou, ainda havia uma grave escassez de alimento.

Na cidadezinha de Bataca, a igreja nazarena tinha estado se preparando. Alguns anos antes, a igreja transformou o piso inferior do seu edifício de dois andares em um centro ministerial de compaixão. Quando o tempo virou, 50 pessoas procuraram abrigo no centro. Quando os ventos golpearam a ilha, os que estavam amontoados nos dois cômodos no fundo do abrigo ouviram a tempestade arrancando o telhado da igreja e destruindo tudo no santuário. Ela também arrancou as portas do abrigo, mas todos os que estavam dentro permaneceram a salvo. Graças aos suprimentos que a igreja tinha armazenado para emergências como essa, as 50 pessoas tinham comida suficiente para dois dias.

A maioria das casas naquela área foi demolida. Não é exagero dizer que muitas das pessoas reunidas teriam morrido, se a igreja não tivesse aberto suas portas.

A igreja nazarena em Bioche, no lado oeste da ilha, também tinha um centro ministerial de compaixão equipado com filtros de água e kits de assistência a crises. Nos dias

que se seguiram ao Maria, voluntários distribuíram esses itens aos vizinhos necessitados.

Persistência em Porto Rico

Porto Rico já estava sem energia após a passagem do furacão Irma quando a força total do furacão Maria rompeu pelo país em 20 de setembro. Dezenas de milhares ficaram desabrigados por causa das inundações, incluindo muitas famílias de igrejas nazarenas.

Semanas depois do impacto do furacão, as linhas de comunicação ainda não tinham voltado a funcionar e a ilha inteira estava sem energia, provocando situações de vida ou morte para algumas pessoas, já que alguns quadros clínicos requeriam energia elétrica para o tratamento. Na época, 60 por cento das pessoas ainda não tinham acesso a água potável e as estradas estavam intransitáveis. Por semanas, a escassez de água e de gasolina piorou.

Ainda assim, as igrejas se mobilizaram rapidamente para servir aos necessitados, depois que os ventos cessaram. A Igreja do Nazareno em Catano perdeu grande parte do seu santuário. Mas isso não durou muito. Em meio a pilhas retorcidas de telhas de metal e madeira quebrada, a congregação reconstruiu a parede que tinha sido destruída. A cidade, em volta da igreja, tinha mais de 300 moradores desabrigados. Os membros da igreja, então, também serviram ativamente como voluntários nos abrigos, inclusive proporcionando atividades para as crianças. A Igreja do Nazareno

em Loiza Valley ofereceu refeições para sua comunidade e coletou donativos para distribuir aos necessitados.

Mais de 2 metros de água inundaram Arecibo. As pessoas tiveram que racionar comida e água, e muitos perderam seus lares e meios de subsistência. Dois pastores uniram suas congregações para adorar, dias depois da tempestade. A pastora Martin encorajou sua igreja a se lembrar de que “A tempestade Maria pode ter levado nossos bens [...] mas não tirou nossa alegria nem nossa esperança de vida eterna”.

Quando os portos foram abertos e carregamentos de ajuda humanitária começaram a chegar, dezenas de voluntários de igrejas nazarenas em Porto Rico trabalharam incansavelmente para distribuir centenas de quilos de alimento, filtros de água, kits de assistência, artigos para bebês e outras coisas aos necessitados.

Voluntários da Igreja do Nazareno em Dorado foram para Naranjito, uma cidade pobre onde costumavam ministrar, para distribuir ajuda. A igreja em Vega Baja levou suprimentos para um lar de idosos que precisava de recursos. Voluntários da Igreja do Nazareno em Catano levaram ajuda a La Puntilla, um bairro em dificuldades que estava inundado pela água do oceano.

Quando o grupo saía de La Puntilla, um voluntário ouviu uma jovem dizer à mãe: “Veja, mamãe! Agora temos o que comer”.

O futuro

Conforme os ministérios de compaixão continuaram a se expandir pelo globo, uma coisa ficou muito clara: existem muitos voluntários chamados por Deus que estão se envolvendo cada vez mais com a ajuda aos “meus menores irmãos” (Mateus 25:40). Essas oportunidades práticas serão discutidas em um capítulo posterior, mas, no contexto das calamidades, as tremendas contribuições dos voluntários nazarenos precisam ser reconhecidas. Quando a catástrofe atinge as comunidades e as necessidades se apresentam, existem literalmente milhares de nazarenos, pessoas de outras tribos e até além da comunidade da fé que desejam se envolver. Essas pessoas estão doando seu tempo, talento e tesouro para causar um impacto significativo em um mundo ferido. Vidas estão sendo salvas e necessidades estão sendo supridas.

Um homem que representa essa dedicação tremenda e esse desejo de servir à sua igreja local, e ir além disso, é o dr. Gary Morsch. Gary é filho de um pregador nazareno e foi um dos primeiros voluntários médicos a servir à sua igreja por meio dos Ministérios Nazarenos de Compaixão.

Gary estudou medicina, e mais tarde acrescentou um mestrado em saúde pública à sua caixa profissional de ferramentas de serviço. O desejo de servir foi incutido em sua vida por um pastor-pai que nunca perdia uma oportunidade de alcançar os “menores irmãos” com quem entrou em contato. A primeira experiência significativa de Gary no voluntariado ocorreu enquanto servia no Corpo Missionário Estudantil Nazareno, em 1972, na Bolívia.

Depois de concluir seus estudos em medicina, Gary se mudou para Olathe, no Kansas, EUA, e abriu sua clínica da família. Não foi coincidência ele ter chegado no mesmo mês em que a igreja abriu o primeiro escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão. Gary estava bem ali, oferecendo não apenas suas habilidades profissionais como médico, mas também se oferecendo para cobrir suas próprias despesas em tudo o que lhe pedissem para fazer. Não demorou muito para que Gary estivesse servindo como voluntário em todos os quatro hospitais nazarenos do mundo que estavam funcionando na época, bem como visitando o hospital que tinha sido fundado pela Igreja do Nazareno na China.

Um dos problemas que Gary vinha enfrentando havia algum tempo era o conceito de que “Deus chama apenas pastores”. Gary tinha profunda convicção de que Deus chama todos ao ministério, não só os membros profissionais do clero. Isso levou ao primeiro de muitos livros escritos por Gary Morsch. O título foi: *Ministry: It’s Not Just for Ministers!* (Ministério não é apenas para ministros, em tradução livre). O molde estava pronto. Todas as suas primeiras experiências como voluntário — primeiramente com o Corpo Missionário Estudantil, depois com o Escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão — levaram Gary a um chamado cada vez mais intenso (como leigo), mas, ainda assim, tão real e persistente quanto o de qualquer membro profissional do clero. Ele se envolveu cada vez mais, doando seu tempo, seu talento e seus recursos financeiros para essa ideia de envolvimento leigo nos Ministérios de

Compaixão. É interessante que Gary nunca tenha sentido uma direção para buscar uma posição como médico missionário em tempo integral em sua igreja. Em vez disso, ele foi dirigido a mobilizar o máximo possível de pessoas como voluntários para missões. Ele começou a recrutar e convidar grupos de voluntários para acompanhá-lo em suas muitas viagens missionárias.

O primeiro desses grupos recrutados por Gary era composto por vários membros do seu clube rotariano local em Olathe, Kansas, em 1989. Ao entender que não seria possível construir uma Igreja do Nazareno, uma vez que seria um projeto rotariano, Gary trabalhou com os missionários nazarenos locais para fazer uma parceria com a Associação de Jovens Cristãos (AJC) na cidade de Belize, em Belize (conhecido até 1973 como Honduras Britânicas). O projeto consistia na recuperação total das instalações da AJC, que precisava tão desesperadamente de reparos, que estava prestes a fechar as portas. Foi nesse momento que Gary começou a compreender a verdade óbvia de que Deus tinha a expectativa de que ele expandisse seu grupo de voluntários muito além do rol de membros da Igreja do Nazareno.

Depois de diversas viagens semelhantes, o crescimento pessoal de Gary na compreensão da vontade de Deus para sua vida o levou a fundar sua própria organização não governamental, a Heart to Heart International, em 1992. (Ao escrevermos este livro, a Heart to Heart International trabalhou em mais de 160 países e distribuiu mais de um bilhão de dólares americanos, principalmente em cuidados médicos a pessoas que estavam sofrendo.) A Heart to Heart

se tornaria uma organização “Amiga da Fé”, não limitando seus voluntários a qualquer tradição de fé, ou mesmo a pessoas de qualquer entidade religiosa. Todo mundo é bem-vindo para oferecer seu tempo, talento e tesouro para servir os “menores irmãos”.

Quando perguntam a Gary como ele chegou a essa abordagem tão única à mobilização de voluntários, que basicamente significa não impedir ninguém de ter uma oportunidade para servir, Gary, conta a seguinte história:

Em uma de suas primeiras viagens a serviço dos Ministérios Nazarenos de Compaixão, pediram que Gary atendesse no Hospital Nazareno em Washim, na Índia. Durante essa viagem missionária, Gary decidiu “dar uma passada” e servir como voluntário com uma freira católica chamada Madre Teresa em Calcutá. Ao chegar às instalações das Irmãs de Caridade em Calcutá, Gary foi apresentado à Madre Teresa (que atribuía as tarefas específicas a todos os voluntários). Gary, vestindo seu jaleco de médico, branco e limpo, com um estetoscópio novo em folha no pescoço, entrou no escritório de Madre Teresa, muito empolgado em conhecer essa senhora da qual tanto tinha ouvido falar. Depois de uma rápida apresentação, Madre Teresa escreveu um bilhete, dobrou e entregou a Gary, e o instruiu a se reportar à abadessa do “Lar dos Moribundos”. Gary ficou extasiado. Que lugar melhor do que um lar cheio de pacientes moribundos para ele praticar suas habilidades como médico treinado no Ocidente?

Quando entrou no Lar dos Moribundos e foi apresentado à abadessa, ele entregou o bilhete dobrado de Madre Te-

resa, no qual ela tinha escrito a tarefa de Gary como voluntário. Quando ela leu o bilhete (que Gary não tinha lido), sorriu e disse: “Por favor, siga-me”.

Gary seguiu a freira até a ala dos homens, que estava cheia de pacientes moribundos; havia um grupo de voluntários, dos quais nenhum era médico. Gary ficou muito empolgado por mergulhar em uma sala cheia dos “meus menores irmãos”, contudo, a mulher continuou guiando Gary pela ala dos homens até a ala das mulheres. Nenhum motivo para preocupação, pois prevaleciam as mesmas condições: uma ala cheia de pacientes moribundos, sendo atendidos por um grupo de voluntários sobrecarregados, nenhum dos quais era profissional de saúde. Realmente, esse era o lugar de Gary. Mas a freira continuou guiando Gary pela ala das mulheres até a cozinha. Gary ficou muito impressionado. Aquelas freiras maravilhosas iam alimentá-lo antes que começasse suas tarefas do dia como voluntário. Entretanto, a freira continuou, atravessando a cozinha e a porta dos fundos do lar dos moribundos. Chegando lá fora, Gary se viu diante de uma enorme pilha de lixo fedorento com mais de 1 metro de altura. Havia dois baldes de 18 litros e uma pá. A freira disse: “Sua tarefa de hoje é levar todo esse lixo até o aterro sanitário. Não tem como errar, é só descer esta rua por vários quarteirões e você vai dar de cara com ele”.

Gary ficou perplexo. Lá estava ele, com seu belo jaleco limpo, segurando o estetoscópio na mão. Ele tinha saído do seu caminho, viajado lá dos Estados Unidos, para oferecer voluntariamente seus serviços como médico, depois de anos recebendo os melhores ensinamentos médicos oferecidos no

mundo todo. Ainda assim, lá estava ele, olhando para uma enorme pilha de lixo. Ele ficou confuso, mas não com a sua frustração. *Que total perda do meu tempo. Essas pessoas não entendem o conceito de mordomia? Usar um médico altamente treinado para levar lixo ao aterro? Qualquer um desses jovens voluntários em idade universitária poderia fazer esse trabalho. Por que eu?*

Mas Gary fez o trabalho que lhe foi pedido. No final do dia, ele tinha acabado de levar a enorme pilha de lixo para o aterro. Ele estava com calor, suado e extremamente irritado. Quando os voluntários foram chamados para encerrar o trabalho e voltar aos seus aposentos, Gary estava quase indo embora, quando decidiu se despedir da abadessa que o havia conduzido à sua tarefa de descarte do lixo. Enquanto estava sentado do lado de fora do escritório dela, olhou para um quadro pendurado na parede. O quadro tinha uma das frases famosas de Madre Teresa: “Não podemos fazer coisas grandes, apenas coisas pequenas com grande amor”. Gary sentiu como se seu coração tivesse sido perfurado por uma flecha de Deus. *Foi por isso que eu vim a Calcutá: essa era a lição que eu devia aprender, ele pensou. Eu não apliquei nenhum amor ao que estava fazendo neste dia.*

Essa lição se tornou o princípio essencial que impulsionava todos os esforços de Gary como voluntário. Ministério e serviço têm tudo a ver com fazer as pequenas coisas com grande amor. *Eu devo estar disposto a fazer qualquer coisa, ser flexível, estar disposto a lavar pés. Não tem a ver tanto com O QUE estou fazendo; tem mais a ver com POR QUE faço isso. Essa tarefa voluntária não é para servir a mim, mas a você. Ela*

tem a ver com bondade e serviço. Tem a ver com a verdadeira compaixão, definida como: “Nunca pode existir nenhuma paz e alegria de para mim até que finalmente exista paz e alegria para você também”. Tem a ver com COMO eu faço essa tarefa.

A partir dessa experiência tão humilhante, Gary decidiu fundar a Heart to Heart International, com seu impacto de mais de um bilhão de dólares sobre o mundo de pessoas que sofrem. Mas, se você perguntasse a Gary o que é mais importante, não seria o tamanho nem o impacto da Heart to Heart. Ele diria que o mais importante é que cada pessoa descubra o seu chamado para o serviço. Para Gary, “Compaixão como estilo de vida” é muito mais do que um slogan ou lema dos MNC. Isso representa verdadeiramente a missão da vida dele.

Nos anos seguintes, Gary fundou duas outras organizações, e as duas se encaixam de maneira especial no seu conceito de ministério de compaixão. Em 1993, Gary fundou a “One Heart - Many Hands” (Um coração – muitas mãos). Essa organização acompanha a Igreja do Nazareno em todas as principais conferências denominacionais. Ela oferece um projeto de serviço de uma semana para a cidade que sedia a conferência. A primeira empreitada desse tipo ocorreu em Indianápolis, na Assembleia Geral da Igreja do Nazareno. Mais de 300 voluntários chegaram antes a Indianápolis e restauraram dezenas de casas de baixa renda. Eles construíram rampas para cadeiras de rodas e reformaram banheiros. Fizeram tudo o que esses proprietários de casas de baixa renda não conseguiriam fazer sozinhos. O prefeito e o governador (Mike Pence, que seria depois Vice-

-Presidente dos Estados Unidos) ficaram tão impressionados com o que aconteceu, que tentaram fazer desse evento um modelo para outras convenções que viriam a ocorrer na cidade. Outras cidades tiveram exatamente a mesma reação a esses esforços voluntários incrivelmente eficazes, que agora envolvem mais de 2.000 voluntários em cada evento denominacional.

A segunda organização que Gary fundou foi um grupo com fins lucrativos chamado “Docs Who Care” (Médicos que se importam). Esse grupo de médicos e enfermeiros oferece seus serviços a hospitais rurais. Gary não pretendia criar uma organização grande, apenas enxergou uma carência e decidiu fazer alguma coisa a respeito da necessidade de pessoal nos hospitais rurais. Ele mesmo recrutou o pessoal para o primeiro hospital. Isso o liberou de sua tradicional clínica da família e permitiu que ele aumentasse significativamente o tempo que passava viajando como voluntário a cada mês. Ao aprender mais sobre a necessidade daquelas pessoas, ele recrutou outros profissionais de saúde que pensavam da mesma maneira, os quais atendem atualmente 125 hospitais em 7 estados do meio oeste, na região central dos Estados Unidos. Um fato interessante sobre esses profissionais de saúde que trabalham para a Docs Who Care: muitos deles compartilham da paixão de Gary por servir. Quando o terremoto atingiu o Haiti em janeiro de 2010, foi a equipe de Docs Who Care que se voluntariou para os primeiros seis meses que se seguiram ao terremoto. Eles foram a vanguarda dos 1.500 profissionais de saúde que doa-

ram seu tempo, talento e tesouro para ministrar às milhares de vítimas do terremoto.

Como resumir a paixão de Gary? Isso é difícil. Ao ouvir essa pergunta, Gary refletiu sobre sua visão um tanto obsessiva. “Quando Deus nos chama, e Ele chamou cada um de nós a fazer algo, e se deixarmos de responder, algo estará faltando em nosso universo”, ele disse. “O mundo é impactado quando cada um de nós faz a sua parte”. Ele prossegue, explicando seu papel na sua igreja nazarena local, a College Church of the Nazarene, em Olathe, Kansas. “Como membro da minha congregação local, este sempre é o lugar onde essa obediência ao voluntário deve começar”, disse ele. “Cada um dos membros da College Church deve sentir seu próprio chamado. Se cada um de nós fizer sua pequena parte, se cada membro causar seu impacto especial, o mundo será transformado, começando bem aqui em Olathe”. Ele continua, contando a história de seu pai-pregador, que muitas vezes dizia a Gary: “Levar uma travessa de biscoitos de chocolate para o nosso vizinho é tão nobre quanto qualquer outra coisa, incluindo Billy Graham falando para 70.000 pessoas em algum estádio”.

Quando lhe perguntaram sobre o que escreveria em outro livro, Gary respondeu: “Se eu fosse escrever outro livro, falaria do problema no qual creio que muitas pessoas ficam presas: a ideia de que devem esperar que Deus bata na cabeça delas com algum tipo de chamado. Muitas vezes pensamos no chamado como algum tipo de evento significativo ou até místico. Mas a verdade é que Deus está chamando todos nós o tempo todo, de muitas maneiras diferentes.

Não temos que esperar por algo dramático, porque o chamado já foi feito. Você não espera por um chamado, Deus já emitiu o chamado para todos nós. Todas as idades, todas as nações, em cada espectro da escala socioeconômica. A questão é: vamos responder?”

Gary Morsch é um exemplo incrível de um homem respondendo ao chamado especial de Deus para que ele sirva, de um modo próprio, aos “meus menores irmãos”.

Capítulo Cinco: Um pedaço de pão

Não existe nada que caracterize mais os Ministérios Nazarenos de Compaixão na mente de muitos nazarenos do que os projetos de segurança alimentar¹⁴ presentes em todas as regiões do mundo. Os nazarenos sempre foram pessoas compassivas e parecemos estar em boa companhia, com organizações de elevada reputação, no tocante a essa prioridade de cuidar das pessoas famintas. Alimentar os necessitados sempre fez parte de servir aos outros. E quando servimos aos outros, estamos servindo a Cristo:

☺ Mateus 25:34-35 — “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer...”

☺ Isaías 58:10 — “Se com renúncia própria você beneficiar [alimentar] os famintos e satisfizer o anseio dos afli-

14 A segurança alimentar impacta diretamente a capacidade das famílias de baixa renda de suprir as necessidades básicas de ter pelo menos o mínimo necessário de calorias para manter a saúde. Os ministérios de segurança alimentar abrangem a distribuição de alimento e os programas de alimentação, bem como projetos de agricultura e pecuária de longo prazo.

tos, então a sua luz despontará nas trevas, e a sua noite será como o meio-dia.”

☺ Isaías 58:7 — “... partilhar sua comida com o faminto...”

☺ Ezequiel 18:7 — “Ele não oprime a ninguém, mas devolve o que tomou como garantia num empréstimo. Não comete roubos, mas dá a comida aos famintos...”

☺ Lucas 3:11 — “Quem tem duas túnicas reparta-as com quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo.”

☺ Provérbios 22:9 — “Quem é generoso será abençoado, pois reparte o seu pão com o pobre.”

☺ Tiago 2:15-17 — “Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: ‘Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se’, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta.”

☺ Provérbios 25:21 — “Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer...”

☺ Atos 6:1 — “Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento.”

Ao refletirmos sobre esses versículos bíblicos, somos lembrados desta verdade básica da Escritura: somos compelidos a compartilhar nossas bênçãos com os menos afortu-

nados. Em 2019, muitas iniciativas dos MNC, como ajuda de emergência, socorro a refugiados e centros de desenvolvimento infantil em todo o mundo assumiram a segurança alimentar como um componente significativo da nossa resposta compassiva.

Uma das belezas do sistema MNC é a doação não vinculada. (Por exemplo, pense no Africa Disaster Fund [Fundo Africano para Desastres], que permite que o MNC use essas doações nas áreas geográficas mais carentes e com as pessoas mais gravemente impactadas e marginalizadas dessas regiões.) A mensagem desses tipos de doação é: “Envie o dinheiro para onde ele for mais necessário”. A confiança em um sistema que faz exatamente isso, enviar alimentos e outros itens essenciais para onde eles são mais necessários. Muitas vezes, esses projetos localizados de segurança alimentar não recebem praticamente nenhuma divulgação nas grandes mídias. Talvez seja por motivos políticos ou porque nenhuma equipe de filmagem da CNN, Fox, BBC ou qualquer outra agência de notícias é enviada para cobrir essas necessidades “menores”. Seja qual for o motivo, muitas vezes pouco ou nada é dito sobre os que estão sofrendo ou morrendo. Mesmo assim, o sistema de distribuição dos MNC está atuando. As igrejas locais sabem quais são essas necessidades, mesmo que os maiores veículos de comunicação “deixem passar” a cobertura desses eventos que, para eles, não são importantes.

Este capítulo tenta compartilhar alguns desses eventos menos conhecidos. Alimentar pessoas famintas pode ser uma atividade complicada. O que acontece quando os re-

cursos se esgotam e as pessoas ainda estão com fome? A segurança alimentar de longo prazo por meio de iniciativas como agricultura de conservação, fazendas comunitárias, estabilidade econômica e sustentabilidade precisa ser levada em conta ao fechar parcerias com os vulneráveis. Além disso, as Escrituras são claras: a situação do nosso mundo faz do nosso trabalho uma prioridade não menos importante do que foi para aqueles primeiros discípulos nos dias da igreja primitiva sobre os quais lemos no sexto capítulo de Atos.

💞 Cestas de Amor: respondendo à falta de alimento na Venezuela (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2017)

A princípio, Carmen* pensou nos cultos de sábado da Igreja do Nazareno em El Llanito, na Venezuela, como uma atividade para seus filhos. Mãe solteira sem emprego fixo, ela estava desgastada de tanto procurar um emprego e só encontrar trabalhos informais para conseguir algum dinheiro. Com os filhos fora de casa, ela teria algumas horas para fazer as tarefas domésticas e arranjar alguma coisa para eles comerem naquele dia.

Carmen mora com seus filhos, Deo e Daniela, na região dos Andes. Não apenas tem sido difícil encontrar trabalho, mas também está ocorrendo uma escassez de alimentos e os preços estão subindo. Nos últimos tempos, as crianças estavam fazendo apenas uma refeição por dia. Toda noite, Carmen se preocupava por não saber se conseguiria arranjar comida para o dia seguinte. Às vezes, ela nem queria acor-

dar para a realidade que enfrentava; nem mesmos as necessidades mais básicas de seus filhos estavam sendo supridas, e ela não sabia o que fazer. O culto de sábado na igreja se tornou um lugar seguro onde ela podia levar seus filhos enquanto tentava resolver tudo isso.

Conforme Deo e Daniela começaram a ir mais à igreja, Carmen começou a perceber uma diferença neles. Eles passaram a orar antes das refeições, agradecendo a Deus pela comida que tinham, mesmo quando não era suficiente.

Os pastores da igreja começaram a descobrir a situação da família pelas crianças. Eles passaram a orar juntos por comida e por Carmen. Então, um dos pastores começou a visitar a família em casa.

Um dia, o pastor apareceu com uma cesta básica para a família. A cesta tinha sido montada por um ministério que eles chamavam simplesmente de Cestas de Amor.

Carmen chorou de alegria ao ver a cesta. Hoje, as orações de Carmen por um emprego estável foram respondidas. As orações de seus filhos também foram respondidas: agora a mãe vai com eles à igreja toda semana. Ela até tem convidado alguns vizinhos para irem com eles.

Cestas de Amor é um programa executado pelas igrejas nazarenas locais na Venezuela. Até agora, as igrejas têm conseguido cuidar de 60 famílias. Existe uma grande necessidade de apoio alimentar na Venezuela, e as igrejas esperam ajudar ainda mais famílias no futuro.

Por toda a Venezuela, a falta de acesso a alimentos tem causado fome e desnutrição. As famílias estão comendo

alimentos menos nutritivos ou pulando refeições. Quando faltam alimentos, é importante proporcionar a nutrição essencial, e as igrejas estão fazendo exatamente isso ao distribuírem cestas básicas e refeições quentes por meio do programa Cestas de Amor. Elas também estão pensando no futuro, ensinando as famílias a cultivarem seu próprio alimento e ajudando-as a estabelecer grupos de poupança comunitária.

Para apoiar o trabalho da igreja para aliviar a fome por meio da segurança alimentar, visite ncm.org/foodsecurity

☞ Rompendo ciclos: o Centro Comunitário Shepherd serve aos bairros de Indianápolis (Stevens, Callie – The Greening [O avivamento da compaixão] – 2021)

“... do fundo do meu coração, muito obrigado a você e ao centro por me ajudarem a alimentar famílias.”

Essas são as palavras de uma das escolas parceiras do Shepherd Community Center (Centro Comunitário Shepherd) que acabou de entregar ovos a uma das famílias dos alunos. A família tinha procurado por toda parte, tentando encontrar comida durante a pandemia da COVID-19. Agora, eles receberão refeições regulares do Shepherd.

O centro, sediado em Indianápolis, foi inaugurado em 1985. Hoje, o Shepherd serve regularmente mais de 500 famílias na comunidade anualmente. Os programas são criados para alimentar as pessoas e a comunidade inteira,

levando em conta o desenvolvimento emocional, espiritual e acadêmico de cada indivíduo.

Definir pobreza, que pode ser financeira, espiritual, emocional ou de outros tipos, às vezes pode ser complicado. Por isso, o Shepherd desenvolveu dez recursos como guia e padrão. Assim, a pobreza é definida como até que ponto uma pessoa tem (ou não tem) estes recursos: financeiro, emocional, mental, espiritual, físico, sistemas de apoio, relacionamentos e exemplos de vida, conhecimento de regras tácitas, autoconfiança e conhecimento da estrutura organizacional.

Essa abordagem permite que o centro veja pessoas como pessoas, não como um fator de custo ou um valor em dólares. O importante é a pessoa inteira, e os dez recursos podem ajudar a identificar ciclos de pobreza aos quais as pessoas podem estar presas. Allen Southerland, um dos líderes principais do Shepherd, observa que o objetivo é quebrar esses ciclos no longo prazo.

“Nossa maneira de fazer isso é simplesmente tentar construir esses dez recursos na vida deles para que possam fazer escolhas de modo a alcançar sustentabilidade e estabilidade”, diz Southerland.

Esse cuidado com a pessoa inteira foi particularmente importante durante a pandemia, que foi declarada oficialmente em março de 2020. Como o Shepherd tinha em andamento muitos programas voltados para a comunidade, conseguiu ajustar sua rota para começar a cuidar de famílias

em dificuldades causadas pelo aumento das dificuldades econômicas e da fome.

A alimentação, especificamente, tornou-se um problema urgente em função da COVID-19. Os códigos postais atendidos pelo Shepherd¹⁵ constituem um deserto alimentar: uma área urbana onde é difícil comprar comida fresca de alta qualidade por um preço razoável. Em meio ao turbilhão econômico induzido pela pandemia, as necessidades alimentares ficaram ainda mais alarmantes. Southerland afirma que, durante a pandemia, o Shepherd está servindo refeições seis dias por semana para uma média de 2.000 a 2.200 pessoas.

“Na verdade, não temos escassez de alimento em nosso país; temos um problema de acesso ao alimento”, diz Southerland. “Então, devemos nos perguntar: como podemos ajudar nossos vizinhos a ter acesso à comida disponível?”

Não faltam histórias sobre o peso da presença do Shepherd na comunidade, não como uma organização, mas como pessoas que têm relacionamentos com seus vizinhos. Esses relacionamentos existentes (por meio do funcionário, do policial e do paramédico que trabalham com o Shepherd e por meio das escolas) estão tornando possível alcançar os que passam por grandes necessidades.

Muitas vezes, o Shepherd faz parcerias com outras organizações ou entidades da comunidade, como a escola do começo desta história. Um desses parceiros é um lar para

15 Em muitos países, os códigos de endereçamento postal designam uma área geográfica de uma cidade.

idosos localizados nas proximidades, para onde os funcionários ligaram para oferecer doações de alimentos. A funcionária do lar aceitou com empolgação, explicando que tinha ligado para a cidade inteira pedindo comida extra para os residentes, sem sucesso. Diante dessa oferta, ela afirmou que seu coração estava transbordando de alegria.

☞ Agricultura de conservação significa mais segurança alimentar (Stevens, Callie – The Greening [O avivamento da compaixão] – 2021)

Chisomo, de 25 anos, está no seu segundo ano como fazendeira, usando técnicas de agricultura de conservação. Depois do primeiro ano, ela ficou tão satisfeita com os resultados que dobrou o tamanho de sua área de cultivo, passando de menos de meio hectare para quase um hectare.

Agricultura de conservação é um sistema que melhora a produção de alimentos para agricultores de pequena escala. Três princípios básicos, que incluem perturbação mínima do solo, uso de cobertura orgânica do solo e rotação de culturas, mantêm a terra fértil e sadia. O treinamento e o fornecimento de recursos ajudam os agricultores a aprender a colher safras de maior rendimento, o que ajuda a alimentar suas famílias tanto quanto a gerar renda.

No Malawi, onde Chisomo mora, os Ministérios Nazarenos de Compaixão¹⁶ atuam em parceria com o Banco Canadense de Grãos Alimentícios [Canadian Foodgrains Bank] para trabalhar diretamente com os agricultores. O projeto, que começou lá em 2013, com apenas 12 agricultores, cresceu nesses mais de 7 anos e hoje inclui mais de 1.000 agricultores. Já estão em andamento planos para que cresça mais ainda. Também há um foco especial na inclusão de gênero: há muitas mulheres entre os participantes.

Depois de colher boas sementes de seu campo, Chisomo escolhe criteriosamente as melhores e as armazena com cuidado para a próxima estação de plantio. Nessas pequenas sementes, ela diz que vê um futuro em que ela e sua família terão acesso regular a alimentos nutritivos suficientes.

“Posso ter dificuldade de alimentação, mas este é o meu futuro”, ela conta.

Chisomo também faz parte de um grupo de poupança, uma peça comum dos ministérios de segurança alimentar dos MNC. Os grupos de poupança permitem que os agricultores planejem para o futuro, em vez de planejarem estação a estação. Com pequenos empréstimos, os fazendeiros podem expandir seus campos, comprar mais sementes ou

16 O Banco de Grãos Alimentícios Canadense é uma parceria entre 15 agências ligadas à igreja, trabalhando para aliviar a fome por meio da assistência alimentar, programas de agricultura e sustento de longo prazo e projetos de nutrição. Fundado em 1983, membros da Igreja do Nazareno no Canadá e dos Ministérios Nazarenos de Compaixão têm trabalhado em parceria com fazendeiros canadenses locais, que doam grãos e terra para agricultura ao banco.

começar pequenos negócios. Cada peça se transforma em mais alimento lá na frente.

A comida que os fazendeiros produzem sustenta suas famílias, além de um centro de desenvolvimento infantil nazareno local, onde as crianças recebem assistência educacional, espiritual, nutricional e física, e também igrejas nazarenas. Alguns fazendeiros também se voluntariam para cozinhar a comida para as crianças do centro. Em conjunto com um solo melhor, plantas mais saudáveis e maiores rendimentos, o modelo todo investe tanto nos indivíduos quanto na comunidade. É inevitável obter mais crescimento sustentável a longo prazo.

Alan Chintolo, que é pastor e agricultor, conta que a agricultura de conservação está mudando a comunidade inteira. A princípio, as pessoas estavam céticas quanto às novas práticas. Porém, muitos viram o progresso e passaram a participar do programa.

“A agricultura de conservação se tornou uma oração atendida em nossas áreas”, diz Chintolo.

Todos esses exemplos aumentam o suprimento de alimentos em áreas do mundo onde cada grama produzido importa. Essas iniciativas de alimentação e outras relacionadas, financiadas e encorajadas pelos MNC, continuarão. Conforme o nosso mundo continua a sofrer com áreas de fome e seca, bem como com a escassez causada por práticas comerciais e/ou políticas injustas, contêineres de alimento continuarão a fluir como resultado dos esforços do Banco Canadense de Grãos Alimentícios e outras organizações si-

milares. Mas, muito tempo depois que o último contêiner chegar à área carente, e a última saca de arroz, milho, feijão ou outra mistura alimentícia rica em proteínas, haverá pessoas com enxadas, machados e outras ferramentas, fazendo tudo o que puderem para ajudar a si mesmas.

Existe um ditado milenar, geralmente atribuído a Confúcio, que afirma algo assim: “Dê um peixe a um homem, e o alimentará por um dia. Ensine um homem a pescar, e você o alimentará por toda a vida”. Entretanto, a experiência nos ensina cada vez mais que é necessário acrescentar uma terceira parte a esse velho provérbio: “Mas quem dá a ele acesso ao rio? Quem lhe dá o equipamento do qual precisa para pescar?”. Geralmente é fácil simplificar demais as iniciativas de alimentação na teoria. E, não muito diferente do exemplo sobre o qual lemos no capítulo 6 de Atos, a principal causa da fome pode não ser uma escassez de comida, e sim algum tipo de preconceito ou alguma outra forma de pecado que acumula os recursos preciosos, fazendo com que fiquem empilhados em celeiros, quando há pessoas famintas na próxima esquina.

Capítulo seis: Capacitação, a liberação de potencial

Quase intuitivamente, como cristãos, somos atraídos pela ideia de cumprir o mandato bíblico de alcançar os “meus menores irmãos”. Ao examinarmos as Escrituras, somos continuamente confrontados pela ordem de demonstrar compaixão. Esse chamado bíblico para cuidar dos pobres transcende tempo e geografia. Desde o início da Igreja do Novo Testamento, ouvimos que “a religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo” (Tiago 1:27).

Depois de centenas de anos, parece que essa admoestação de Tiago ainda soa verdadeira, especialmente se compreendermos que a expressão “órfãos e viúvas” se refere a qualquer pessoa que tenha sido marginalizada pela sociedade, sofrido discriminação, sido presa ou não tenha acesso básico a coisas como segurança alimentar, água pura, um lugar para chamar de lar ou qualquer uma das outras ne-

cessidades que permitiriam que ela tivesse a capacidade de controlar sua própria vida.

Está claro, agora, que a igreja voltou a se engajar significativamente em ministérios de compaixão nas últimas décadas. O debate antigo e ultrapassado sobre “evangelismo” versus “ação social” foi substituído por uma nova discussão relativa a como devemos cumprir esse chamado à ação. Como colocamos esse chamado em prática para capacitar os “órfãos e viúvas” que encontramos à nossa volta, em número cada vez maior?

Nesta última década, foram escritos muitos livros cujo foco é basicamente pedir que o leitor pense no porquê de fazermos esses ministérios de compaixão e se pergunte se estamos causando um impacto positivo ou negativo.

Um exemplo da minha própria experiência (Steve): por décadas, as igrejas locais têm enviado grupos de profissionais médicos como parte de grupos de missões médicas. Esses médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde altamente qualificados levam voluntariamente sua incrível gama de conhecimentos profissionais a áreas significativamente carentes. Eles vão até pessoas que não têm nenhum médico ou sistema de saúde disponível. Esses tipos de viagens missionárias costumam durar de uma a duas semanas. Durante esse período, muitas “boas ações” são feitas e centenas de pacientes, que, de outra maneira, não teriam o privilégio de se consultar com um profissional médico, são tratados. Além da excelência dos cuidados, eles recebem medicamentos de primeira linha, fornecidos por esses grupos voluntários.

Contudo, quando examinamos mais de perto muitos desses tipos de empreitadas, descobrimos que o “bem”, que parecia tão óbvio, na verdade criou um impacto negativo. Um exemplo seria a pessoa com pressão alta que é diagnosticada e recebe os remédios adequados para cuidar desse quadro muito grave. Entretanto, depois que esses remédios que salvam vidas são usados pelo paciente com pressão alta, um problema muito maior é criado: onde ele encontrará mais remédios para continuar tratando esse quadro crônico? No final, a pessoa é deixada em uma condição pior do que estava no início. Obviamente, esse não era o resultado pretendido pela bem-intencionada equipe médica. Mas não deixa de ser a realidade.

O ponto principal desse exemplo e da quantidade crescente de livros como *When Helping Hurts e Toxic Charity* (*Quando ajudar machuca e Caridade tóxica*, em tradução livre) é nos pedir para sempre ter em mente o impacto de longo prazo das nossas intervenções na vida das pessoas a quem estamos tentando ministrar.¹⁷

Ao começarmos a considerar seriamente esse mandato bíblico de compaixão e capacitação desses preciosos órfãos e viúvas, pode ser útil levar em conta um conceito que às vezes é chamado de “Troca de alegria”.¹⁸ No diagrama a seguir, vemos a mentalidade (talvez subconsciente) que adotamos quando tentamos ajudar pessoas carentes.

17 Leia *When Helping Hurts* como parte de um estudo de pequeno grupo na sua igreja local.

18 Stewardship Commission. Lausanne Committee for World Evangelization. Pattaya, Thailand. October 2004.

Nós (aqueles que fazem a doação, “entregando”)



Eles (aqueles que recebem a doação)

Essa abordagem “de cima para baixo” (ou “complexo de Deus”) é a crença, consciente ou não, de que o seu modo de vida é superior ao dos outros. Presume-se que estamos bem-posicionados para determinar o que é melhor para essas “outras” pessoas. Mas a verdade é que, se nós, os que desejamos ajudar, simplesmente parássemos para fazer duas perguntas básicas, instantaneamente melhorariamos nossos esforços significativamente.

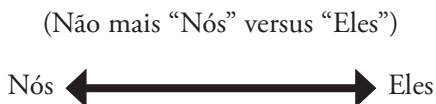
Pergunta número um: O que você está tentando conseguir? Essa é uma pergunta que precisa ser feita *pela* pessoa que deseja ajudar *à* pessoa que quer ajuda.

Pergunta número dois: Como posso ajudar? Essa é uma pergunta que precisa ser considerada e feita com humildade *pela* pessoa que deseja ajudar *à* pessoa que quer ajuda.

Fica imediatamente claro que essa abordagem é diferente. Em vez de aparecer com uma “solução” na mão, pressupondo que você sabe qual é a necessidade, procura-se primeiro descobrir da outra pessoa quais são, de fato, as suas prioridades.

Quando nossa igreja local fez essa mudança na nossa abordagem às viagens missionárias, nossos ministérios foram significativamente transformados. Uma das mudanças (não a menor delas) foi a troca de uma abordagem de “tentativa e erro” (por exemplo, ir para um lugar novo toda vez que fazíamos uma viagem missionária) pelo desenvolvimento de uma parceria de longo prazo com as pessoas que queríamos ajudar a capacitar e compartilhar o amor de Jesus. Nosso projeto atual tem um acordo de parceria de cinco anos, firmado por escrito entre nossa igreja local e as pessoas com quem estamos trabalhando.

Essa nova abordagem é um exemplo da “Troca de alegria”, como vemos neste segundo diagrama:



(Mas “Nós” trabalhando juntos pelo bem de longo prazo.)

O impacto, tanto *da nossa igreja local quando sobre a* nossa igreja local, foi alterado para sempre, para melhor. Estamos aprendendo a não presumir o que é melhor e separando um tempo para fazer essas perguntas tão importantes. No final, os dois grupos vivenciam uma Troca de Alegria.

Isso é muito mais do que uma animada e difusa sensação de “se sentir bem” por ajudar alguém. É uma tentativa genuína de desenvolver amizades duradouras, que não só tem impactado os membros das nossas equipes missionárias, como também terá reflexos em nossos filhos e netos.

Para ser mais específico, um dos maiores resultados para as famílias da nossa igreja local tem sido o impacto de ver a estrutura incrivelmente forte da família estendida de três gerações que faz parte de tantas culturas. É muito diferente da cultura norte-americana. Estamos aprendendo, em primeira mão, como melhorar nossas próprias famílias por meio do contato com esses irmãos e irmãs que não são objetos da nossa compaixão, mas estão se tornando amigos e parceiros no ministério.

Exemplos dessa ideia básica são encontrados em todos os ministérios dos MNC.

☞ Tornando-se alguém: ensino profissionalizante ligado à igreja na Libéria ajuda mulheres a descobrirem a dignidade que Deus lhes deu (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2018, Luthye)

No prédio de uma igreja no coração de Monróvia, na Libéria, um pequeno grupo de mulheres se reuniu ao longo de alguns dias para conversar sobre suas esperanças para si mesmas e para as outras mulheres dos seus bairros. A expressão que repetiam sempre era “tornar-se alguém”. Elas queriam ter a oportunidade de se tornar alguém e visualizavam um futuro no qual outras mulheres, particularmente as que estão em situação de vulnerabilidade e vivendo na pobreza, tivessem a mesma oportunidade. E elas acreditavam que as igrejas locais deveriam estar liderando essa iniciativa.

Os sonhos delas se transformaram no projeto Empowering Women with Dignity (Capacitando Mulheres com

Dignidade), focado em educação profissionalizante. Por meio do projeto, elas estão trabalhando para ver mulheres em situação de vulnerabilidade equipadas com habilidades que as capacitem a prover sustento para suas famílias, ter dignidade e confiança, e viver como contribuintes valorizadas e respeitadas em suas famílias e comunidades.

A motivação de uma mãe

“Quero uma vida melhor”, diz Maria*. “Não estudei. Quero que minhas filhas saibam alguma coisa.”

Maria, de 44 anos, está aprendendo a costurar em uma aula de corte e costura que frequenta a Capela da Graça da Igreja do Nazareno, em New Kru Town. A vida de Maria (como a da maioria das pessoas nesse bairro densamente povoado da região urbana) tem sido marcada pela pobreza.

“Eu nunca fui à escola”, ela diz. “Quando era criança, trabalhava para a minha tia.”

Quando Maria era menina, sua mãe a mandou para morar com sua família estendida. A expectativa era de que a tia mandasse Maria à escola. Em vez disso, ela tratava a sobrinha como escrava.

“Ela me tratava muito mal”, diz Maria. “Eu não tinha descanso, nunca. Logo cedo de manhã, eu já estava trabalhando, trabalhando, trabalhando. Desde os 7 anos, eu ia vender produtos no mercado para a minha tia.”

Aos 15 anos, Maria fugiu e encontrou sua mãe. A mãe queria mandá-la para a escola, mas começou a guerra civil,

e esses planos ficaram impossíveis. A própria Maria foi mãe aos 19 anos.

Hoje ela tem cinco filhas, incluindo quatro com idades entre 7 e 19 anos, mas apenas duas podem morar com ela. As outras estão com um tio, que tem condições de pagar as mensalidades escolares e dar a elas uma oportunidade de educação.

“Estou muito triste por não conseguir ver minhas filhas”, diz Maria. “Queria que estivessem do meu lado.”

O objetivo de Maria é abrir um ateliê de costura para poder sustentar as filhas e garantir que concluam os estudos para que tenham oportunidades de sucesso no futuro.

“Se Deus me abençoar e eu abrir um negócio, posso cuidar delas”, ela explica.

Luíza*, de 40 anos, matriculou-se em uma turma de alfaiataria na Capela da Graça por motivos parecidos. Em sua casa em New Kru Town, ela e o marido cuidam de seis crianças de 5 a 13 anos, incluindo três filhos de parentes. O marido dela trabalha arduamente como professor de matemática, mas eles não têm condições de suprir as necessidades das crianças com o salário de um professor.

Luíza tem o que ela chama de “um pequeno negócio” de venda de carvão, mas a habilidade de costurar permitirá que ela abra um negócio mais lucrativo e sustentável.

“Então”, diz Luíza, “poderei pagar mensalidades, comprar roupas, alimentar e dar abrigo para meus filhos. É difícil agora, porque não estou ganhando muito”.

A esperança dela para as crianças a seus cuidados é “vê-las em situação melhor, tendo uma educação melhor. Quero que sejam autossuficientes. Quero um futuro melhor para a minha família”.

Luíza observa que a maioria das mulheres do seu bairro “quer que seus filhos tenham um futuro, mas elas não têm como fazer isso”.

Transmitindo conhecimento

Mulheres de igrejas nazarenas locais na Monróvia se reuniram para capacitar outras mulheres a criar futuros melhores para si mesmas e suas famílias através do projeto Capacitando Mulheres com Dignidade. Três igrejas servem como centros que oferecem cursos profissionalizantes, grupos de poupança e oficinas sobre competências de vida. Além do corte e costura, as mulheres vêm aprender gastronomia, confecção de sabão e desenho de estamparia para tecidos.

Quando Mamie*, de 50 anos, ficou viúva, teve que cuidar de três filhos em idade escolar (de 12 a 16 anos) e de outros familiares. Como precisava ter um meio de sustentá-los, ela se matriculou em um curso de gastronomia para bufês.

Depois de concluir o curso, Mamie recebeu uma proposta de emprego de um funcionário do governo da Libéria para oferecer refeições aos trabalhadores da fazenda dele por nove meses. Ela não só conseguiu usar sua renda para colocar comida na mesa da família, como também conseguiu garantir que seus filhos pudessem ir à escola.

Entretanto, Mamie não ficou satisfeita apenas em cuidar da sua própria família. Ela foi inspirada a usar seu conhecimento para ajudar outras mulheres. Na sua pequena comunidade nos arredores de Monróvia, muitas famílias vivem em pobreza extrema. Mamie viu na confeitaria uma forma de ajudá-las a ganhar alguma renda. Por isso começou seu próprio curso com 20 mulheres.

“Muitas pessoas não têm dinheiro para alimentar seus filhos”, diz Mamie.

Embora as aulas de gastronomia para bufês nos centros das igrejas tenham a vantagem de contar com fornos grandes e um estoque de utensílios de cozinha, as mulheres da aula de Mamie usam o que têm em casa. Elas assam os alimentos cobrindo fornos ao ar livre com pedaços de telhas galvanizadas, e batem a massa com garrafas de vidro.

Mesmo que o equipamento seja simples, as alunas do curso conseguem vender os produtos que assam para sustentar suas famílias. O grupo tem vendido pães de milho, rosquinhas e biscoitos em sua comunidade. Com a renda que obtêm, as mulheres têm conseguido cobrir o custo das mensalidades escolares dos filhos.

“Nós nos reunimos para fazer alguma coisa por nós mesmas”, diz uma das alunas do curso. “Quando aprendemos, podemos abrir nossos próprios negócios. Sinto orgulho. [...] Um pouco de felicidade chegou para mim.”

O esposo de Mamie era pastor, e ela vê esse curso como uma extensão do ministério que eles começaram juntos.

“Deus Se importa com isto”, diz Mamie. “Eu oro para que a comunidade seja transformada.”

☞ Para meninas, por meninas: em Gana, um clube da justiça liderado por jovens está mudando o futuro de centenas de pessoas (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2017, Stevens)

Na aldeia rural de Sumprecia Yaro, no nordeste de Gana, dar instrução a meninas costuma ser algo malvisto.

“Desde a infância, as meninas são levadas a acreditar que a educação superior torna difícil ou impossível que uma moça arranje marido”, diz Sumprecia.

De fato, existem várias coisas que as meninas e mulheres são proibidas de fazer na aldeia dela. Elas não são consideradas iguais aos homens e, portanto, não podem tomar decisões importantes nem herdar propriedades. As que decidem ir à escola precisam levantar recursos por conta própria. Espera-se que as moças se casem e dediquem a vida inteira a apoiar e servir seus maridos, filhos e família estendida. Muitas vezes, elas não têm escolha nessa questão.

“As garotas são entregues a casamentos arranjados pelos pais ou como presentes para amigos”, explica Sumprecia. “As mulheres são aconselhadas a sempre obedecer, e os homens podem disciplinar suas esposas como fazem com os filhos.”

Sumprecia cresceu em Yapala, uma pequena aldeia agrícola. Ela era uma dentre 17 filhos, incluindo seus irmãos e meios-irmãos das duas esposas de seu pai. Quando ela

alcançou a idade suficiente para o “primeiro ano”, começou a seguir seus amigos para a escola. Embora não estivesse matriculada, os professores a encorajavam a ficar. Por fim, ela começou a fazer todo tipo de atividade agrícola e biscates que conseguia encontrar para pagar as mensalidades da escola e se matricular oficialmente.

Sua mãe ajudava como podia, mas quando Sumprecia estava pronta para o ensino médio, os recursos tinham acabado. Na aldeia dela, é comum que os homens se ofereçam para ajudar as garotas a pagar pela escola, mas a retribuição é esperada na forma de favores sexuais. A exploração predomina, assim como a gravidez adolescente.

“Apenas algumas mães corajosas tentam educar as meninas no primeiro nível de ensino básico”, diz Sumprecia. “A maioria das garotas desiste ou fica grávida antes do ‘nono ano’.”

Sem dinheiro, Sumprecia ficou fora da escola por três anos, mesmo sendo qualificada para o ensino médio. Ansiosa para concluir seus estudos, a adolescente ousadamente abordou o pastor da igreja nazarena local que frequentava e lhe pediu ajuda. Ele a encaminhou ao superintendente distrital da denominação, um homem que tinha crescido em uma comunidade e cultura diferentes, e ele ficou feliz em ajudá-la a encontrar maneiras de concluir seus estudos. As mensalidades do primeiro ano do ensino médio de Sumprecia foram pagas por um fundo de compaixão estabelecido pelo distrito, e ela também recebeu dois porcos para criar. Os lucros que os porcos e seus filhotes geraram permitiram

que ela terminasse a escola sem ter que recorrer a homens que a explorariam.

Com o apoio da igreja, Sumprecia se tornou a primeira menina formada da sua família.

Ela diz que o superintendente nazareno a encorajou a continuar com suas aulas e nunca pensar em desistir. Ele disse até que o esforço dela encorajaria outras moças a acreditarem que poderiam ter sucesso.

“Pela primeira vez, senti que sou capaz de fazer algo bom, e que posso fazer mais”, ela diz.

Um sonho de justiça

O sentimento de Sumprecia, de que poderia fazer mais, não foi apenas uma ideia passageira. Ela fundou o Clube de Moças Nazarenas pela Justiça uma maneira de preparar e capacitar outras meninas.

Sumprecia sabia que sua história não era única. Ela também sabia que muitas moças não tinham tanta sorte quanto ela: quando saíam da escola, muitas vezes não conseguiam voltar. Ela diz que Deus começou a falar com ela sobre formar um clube para apoiar outras garotas do mesmo modo que ela havia sido apoiada.

“Tive muito incentivo para sonhar em viver e fazer qualquer coisa que os homens pudessem fazer, porque não sou um ser humano inferior”, diz Sumprecia. “Eu sempre encontro maneiras de compartilhar esse mesmo sonho com outras meninas e encorajá-las.”

Em 2009, o sonho do clube de justiça que Deus deu a ela se concretizou. Desde então, jovens mulheres têm se reunido para criar soluções tangíveis para os problemas que enfrentam.

A princípio, administrar o clube não foi fácil. No início, para conquistar o respeito e o apoio dos homens da comunidade, a liderança do clube foi entregue a um homem.

Isso gerou muita tensão. Como as jovens aprenderiam a conquistar as coisas por si mesmas, se não permitiam que liderassem? Ainda assim, elas não deixaram que o mal-estar as impedisse. Sumprecia e outras 14 moças com histórias parecidas se uniram para começar o primeiro clube.

“Discutimos livremente nossos problemas e encontramos maneiras de reagir com ensinamentos bíblicos e orações”, afirma Sumprecia.

Depois de quase um ano, a liderança da igreja ajudou o clube a fazer uma transição na sua estrutura. Agora o clube funciona de modo independente, sob a liderança das jovens. A liderança distrital nazarena continua oferecendo apoio na forma de mentoria e oportunidades de treinamento de liderança, além de recursos financeiros para propostas de projetos maiores. Os líderes da igreja também interagem com a polícia local quando é preciso recorrer ao sistema judiciário para situações específicas na vida das meninas, como violência sexual.

O clube não só continuou funcionando, como teve um crescimento explosivo. O clube original com 15 participantes cresceu para mais de 750 participantes, além de outras

que ainda não estão registradas oficialmente. O clube consiste em grupos que se reúnem em quatro zonas, em 11 comunidades diferentes. Os grupos se reúnem no primeiro sábado de cada mês, e as líderes de grupos locais também se reúnem a cada três meses. Uma vez por ano, todas as participantes são convidadas para uma reunião do clube todo, em um local central.

Embora o Clube de Moças Nazarenas pela Justiça tivesse nascido de uma igreja nazarena local e ainda mantenha seu nome, moças de outras denominações ou mesmo tradições religiosas também são bem-vindas. Qualquer moça que esteja enfrentando uma injustiça, ou que deseje ajudar outras a lidar com a injustiça, pode entrar.

Sonhando alto

O apoio que o grupo oferece é multifacetado e aparentemente interminável. Juntas, as participantes contribuem com “ofertas de amor” durante suas reuniões e administram uma conta bancária onde guardam fundos para o seu ministério.

Elas usam esses recursos para resolver problemas práticos que as meninas enfrentam. Uma das atividades de maior sucesso do clube tem sido cuidar de uma criação de porcos para ajudar as moças a continuarem seus estudos. As participantes trabalham juntas para criar os porcos. Quando uma menina recebe um porco, pode vender seus leitões para cobrir as despesas escolares, do mesmo modo que Sumprecia fez quando continuou seus estudos no en-

sino médio. Recentemente, a criação foi destruída por uma tempestade e por isso elas estão trabalhando para levantar os 5.600 Cedi (US\$ 1.265,00) necessários para restabelecer seu rebanho. Desta vez, elas planejam construir uma estrutura mais resistente.

O clube tem uma fazenda que produz amendoim, milho e arroz para gerar renda adicional para os seus projetos. Elas também compram máquinas de costura e oferecem cursos profissionalizantes para garotas que desejam aprender um ofício. Além, disso, elas convidam mulheres que alcançaram o sucesso profissional para dar palestras e organizam a vinda de especialistas para ensinar diversas competências.

Sumprecia observa que essa abordagem está funcionando. “O clube capacita as garotas e as encoraja a sonhar alto na vida”, ela diz. Muitas pessoas têm visto os frutos do clube. As garotas se formam e têm empregos remunerados ou aprendem um ofício e orientam o treinamento de outras.

Desde o início do clube, mais de 450 moças concluíram o ensino médio ou aprenderam uma profissão para se sustentarem. Muitas também foram além do ensino médio, incluindo Sumprecia, que estudou medicina e agora trabalha como enfermeira.

Além de encontrar maneiras práticas de suprir necessidades tangíveis e ajudar as garotas a evitarem situações de exploração, o clube também dá apoio em emocionais e espirituais. Elas começam se assegurando de que as participantes entendam e vivenciem o amor de Deus, e falam

muito sobre viver em um relacionamento cristão antes e depois do casamento.

“Ajudamos mais de 1.700 moças a terem uma visão positiva de si mesmas e a viverem de uma forma bíblica e moralmente correta”, diz Sumprecia. “Tenho orgulho de dizer que os casos de gravidez e os casamentos na adolescência diminuíram drasticamente, de 90 por cento para 20 por cento, nas áreas que atendemos.”

Fazendo mais

Embora os clubes ainda não tenham um forte apoio dos homens da comunidade, mais mulheres estão se envolvendo. As mães estão mudando de ideia sobre a importância da escola para as meninas e, na maioria das vezes, agora esperam que suas filhas frequentem, em vez de desencorajá-las.

As moças envolvidas no clube são pioneiras: nenhuma outra mulher assumiu as responsabilidades da liderança como elas. Quando as participantes se formam, elas se tornam líderes comunitárias, professoras, esposas, mães e muito mais. E, por causa do Clube de Moças Nazarenas pela Justiça, elas ensinam suas amigas e suas filhas que elas podem fazer mais, que podem sonhar mais.

Ester ouviu falar do clube pela primeira vez quando seus líderes ajudaram uma menina de 13 anos de sua comunidade a evitar um casamento arranjado. Quando Ester soube do trabalho de treinamento, suporte e justiça que elas estavam fazendo, decidiu se unir a elas.

Como parte do clube, ela conseguiu continuar sua própria educação. “Eu fui expulsa da classe porque não conseguia pagar minhas mensalidades”, Ester explica. “O clube me ajudou com dois leitões, e agora tenho conseguido suprir minhas necessidades escolares.”

Ester não concluiu só o ensino fundamental e o médio; agora ela está cursando licenciatura em uma faculdade.

“Eu amo este clube”, ela diz.

A partir desses exemplos breves, fica claro que muitos de nós têm muito a aprender sobre uma verdadeira “troca de alegria” que libere o enorme potencial encontrado em todas as pessoas. *Senhor, por favor nos perdoe se alguma vez fomos tentados a acreditar que o nosso modo de vida ou a nossa cultura são superiores às dos outros. Sabemos em nosso íntimo, quando o amor de Cristo nos transforma em novas criaturas, que somos instintivamente atraídos a alcançar os outros. Mas, Pai, ajuda-nos a sempre parar para fazer as perguntas básicas da “Troca de Alegria” antes de decidir “fazer o bem” em nome do nosso Salvador. Amém.*

Capítulo sete: O toque de cura

O missionário veterano acompanhou a jovem senhora até o hospital. A dra. Orpha Speicher, tinha chegado recentemente a Washim, Índia, depois de uma longa e cansativa viagem de navio desde os Estados Unidos. O ano era 1936.

Seu curso de medicina na Universidade Loma Linda tinha sido um processo extenso. Inicialmente, a única razão pela qual ela entrou na faculdade de medicina foi para obedecer à recomendação do superintendente geral, H. F. Reynolds, que tinha lhe dito: “Minha jovem, se quiser ser missionária, seja uma médica”. Orpha tinha o chamado para ser missionária, embora ela pensasse que era como professora.

Agora, aqui estava ela, pronta para ver o edifício que se tornaria o hospital nazareno na Índia. Para seu horror, ela viu um prédio que tinha sido uma escola, mas agora estava fechado. Estava infestado de ratos, pássaros e insetos. Os quartos estavam entulhados com móveis quebrados, as paredes cobertas de quadros negros, o reboco rachado e caindo.

Ela se virou para o veterano. Ele sorriu e disse: “Este é o seu hospital. Você vai ter que criar o que deseja”. A jovem

cirurgiã, fora dos Estados Unidos pela primeira vez, em um novo país com um idioma difícil, descobriu que não havia equipamentos, nenhuma equipe treinada, nenhum paciente, nenhum dinheiro. E assim, despretensiosamente, nasceu o Hospital Memorial Reynolds. Orpha Speicher fez tudo. Ela venceu a desconfiança e hostilidade da cidade; limpou, esfregou e reformou o prédio; arrecadou dinheiro; e começou a treinar a equipe. Ao longo dos anos, ela dirigiu caminhões, misturou cimento, projetou edifícios e começou uma escola de enfermagem.

A dra. Orpha Speicher é o exemplo típico do compromisso daqueles que estão no ministério de compaixão. Nenhuma tarefa é grande demais, nenhum trabalho é pequeno demais, nenhuma missão é suja demais, nenhum desafio grandioso demais para assumir no nome de Cristo.

A “história de Speicher” sempre tem ocorrido em missões e ministérios de compaixão. O dr. David Hynd ergueu do zero um hospital em Bremersdorp (agora Manzini), na antiga Suazilândia (agora Essuatíni). O dr. T. Harold Jones fez o mesmo em Acornhoek, República da África do Sul (o Hospital Memorial Ethel Lucas). Anos depois, o dr. Dudley Powers foi o superintendente médico fundador em Papua Nova Guiné.

No trabalho pioneiro, sempre foi assim e sempre será. Missões médicas (cuidados de saúde e atendimento) sempre fizeram parte do mandato cristão. Faça uma lista dos missionários mais famosos (Carey, Livingstone, Schweitzer, Moffat, Morrison e por aí vai) e verá que todos tiveram um componente médico como parte do seu ministério. Pode

ser uma aspirina, um curativo, uma pomada para feridas, conforto durante epidemias mortais, um estetoscópio, ou até um Band-Aid. Missões e medicina têm andado juntas como cavalos e carruagens.

Neste livro, não estamos apresentando uma história ou filosofia das missões médicas. Estamos contando uma amostra de algumas coisas que estão acontecendo hoje nessa importante área do ministério de compaixão.

Muito cedo na minha carreira missionária, eu (Steve Weber) enfrentei uma situação que teve um profundo impacto na minha maneira de pensar. Eu estava observando, ao longo dos meses, que as mesmas crianças pequenas voltavam vez após vez à nossa clínica nazarena. Obviamente, por um lado isso era bom. (Em termos dos nossos relatórios ao governo e ao quartel-general da nossa missão. Ter mais pacientes significava que tínhamos colocado a nossa clínica na área geográfica correta.) Contudo, quanto mais eu estudava a situação, mais confuso ficava. Esses pequenos pacientes que retornavam, em sua maioria, sofriam de coisas como parasitas intestinais, deficiência de proteínas e problemas semelhantes. Essa foi minha primeira apresentação ao conceito de “atenção à saúde baseada na comunidade”. Em outras palavras, tinha que existir uma maneira melhor de lidar com esses pequeninos do que receitar remédios contra vermes.

Depois de alguma pesquisa, descobrimos que TODOS os poços de água da região estavam poluídos. Convidamos profissionais para avaliar a situação. A conclusão foi a seguinte: a água da região toda era ruim. Essas crianças so-

freriam com parasitas intestinais enquanto a água estivesse contaminada. Assim, tivemos que fazer uma escolha difícil: deveríamos realocar parte do nosso incrivelmente precioso orçamento médico para resolver o problema da água? O que o governo e o nosso quartel-general missionário achariam, se o número de pacientes diminuísse significativamente como resultado de tratarmos o suprimento de água? (Entendo que essa não foi a melhor reação, mas foi uma consideração importante na minha mente.) Felizmente, decidimos fazer a coisa certa. Nós até encontramos outra agência especializada em tratar fontes de água contaminadas. Nossa carga de pacientes de fato diminuiu. Mas, como um amigo me disse uma vez: “Nunca confie em um sistema de saúde que avalie o seu sucesso pela quantidade de camas ocupadas”.



Atendimento médico em populações de baixa renda e países em desenvolvimento

Como a maioria das coisas na vida, vim a entender que o atendimento médico é um equilíbrio delicado. Em áreas carentes do mundo, como minha cidade em Nebraska, nos EUA, que não consegue atrair um médico para morar lá

desde 1948, a ênfase deve estar em prevenir as doenças para que não ataquem. (Como no caso dos pequeninos com parasitas intestinais.)

Observe o diagrama. Em muitos lugares do mundo, as pessoas são abençoadas com equipes bem treinadas em clínicas e hospitais. Essas instalações são equipadas com as melhores e mais novas ferramentas para tratar tanto doenças crônicas quanto agudas. Infelizmente, esse não é o caso em muitos lugares do mundo, inclusive a minha cidade. Portanto, nossas respostas devem ser contextualizadas para as situações em que as necessidades superam em muito os recursos. Assim, é necessário levar muito a sério o conceito de atenção à saúde baseada na comunidade.

Responder às necessidades de atendimento médico das pessoas tem sido parte da abordagem ministerial nazarena desde que os nazarenos existem. (Veja alguns exemplos na linha do tempo no Apêndice deste livro.) Neste capítulo, vamos examinar alguns exemplos dessas respostas que estão intimamente alinhados com o mandato da igreja local para ser uma comunidade atenciosa e amorosa. Isso, obviamente, inclui a preocupação com as necessidades físicas, emocionais e espirituais da comunidade na qual a igreja local se encontra.

☞ Cavando fundo: em Moçambique, igrejas locais veem Deus na água e no saneamento (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2018, Stevens)

A beleza da igreja global é que estamos por todo o mundo; estar na presença do povo de Deus é estar em casa. Em Moçambique, isso foi deixado claro pelas igrejas nazarenas locais. “Hoyohoyo”, as pessoas diziam. Bem-vindos. Venham compartilhar a vida conosco por um tempo.

Uma longa viagem

Na última década, a descoberta de petróleo em alto mar estimulou um boom econômico em Moçambique. A zona portuária de Maputo, a capital, mostra o pico no crescimento. Arranha-céus com muitos andares são tão limpos e brilhantes que é difícil olhar diretamente para eles. Guindastes se esticam para o céu por toda a cidade, e uma ponte suspensa construída pela metade se estende pela baía.

Ainda assim, a maior parte desse lucro inesperado percebido nunca será sentida pelo típico habitante de Moçambique. De acordo com o World Factbook, cerca de 46,1 % da população vivia em pobreza em 2015, embora a pobreza tenha continuado a aumentar devido às crises atuais em nível nacional e global.

A algumas centenas de quilômetros ao norte de Maputo, em uma comunidade chamada Babana, Beatrice, uma jovem mãe de seis filhos, sonha com uma escola local. Seus filhos têm de andar 14 km até a mais próxima, o que significa que eles passam quase quatro horas por dia em trânsito.

Outras comunidades rurais enfrentam desafios semelhantes, e muitas vezes as estradas para as escolas são perigosas.

Até recentemente, Beatrice tinha que andar quase a mesma distância para conseguir água para a sua família. E uma viagem nunca era suficiente: litros e litros eram necessários para cozinhar refeições, limpar, tomar banho, lavar a roupa e ficar hidratado. “Como a minha família é grande, no passado costumávamos ter três baldes de água que estávamos usando para muitas pessoas, e não era suficiente”, ela diz.

A água que eles traziam para casa precisava atender às necessidades de 18 pessoas, contando os seis filhos de Beatrice e os membros da família estendida.

Água para todos

Embora existam comunidades como essa por todo o país, Babana, junto com todas as outras aldeias desta história, está localizada em um distrito chamado Chibuto. É nesse distrito que um novo projeto denominado Água, Saneamento e Higiene (WASH, na sigla em inglês) está começando, por meio de uma parceria entre a World Hope International e os Ministérios Nazarenos de Compaixão. Parte desse projeto envolve a perfuração e instalação de 10 poços artesianos em Chibuto, em 2017.

Atualmente, 6.000 pessoas em 10 comunidades devem ser beneficiadas pelos projetos abrangentes do WASH. Em cada comunidade, 10 voluntários são treinados para a manutenção dos poços, promoção da higiene e conservação;

eles também ajudaram a conscientizar a população sobre higiene e saneamento, através da Igreja do Nazareno local.

Embora cada poço tenha sido instalado perto de uma igreja nazarena, a água está disponível para toda a comunidade. Miguel, um dos membros da igreja em Babana, observa o impacto tanto da igreja global quanto da local.

“No dia em que recebemos este poço, foi um presente para a igreja”, ele disse. “É a igreja apoiando a igreja aqui, mas também a comunidade toda. Assim, temos nos alegrando com isso.”

As igrejas que ficam próximas aos poços não são grandes edifícios. Às vezes, nem são edifícios: um grupo ainda está se reunindo debaixo de um grande cajueiro, embora eles tenham pedido oração por um prédio. Ainda assim, as igrejas são bem conhecidas nas aldeias vizinhas.

É verdade que muitas vezes as comunidades em torno dos poços são pequenas e que as igrejas podem ser conhecidas da mesma maneira como as pessoas por toda parte conhecem os edifícios dos seus bairros. Mas isso vai além do conhecimento superficial. Em outra aldeia, chamada Mukotuene, Palmira, que tem 10 familiares morando em casa, diz que o poço fez diferença em sua igreja.

“Algumas pessoas tinham desistido da igreja, mas quando esse poço foi perfurado elas voltaram a fazer parte desta igreja”, ela disse. “Além disso, existem membros novos que vieram por causa do que esta igreja está fazendo nesta comunidade, por causa do poço.”

Encontrando água boa

À primeira vista, pode parecer que a água é abundante em Chibuto. Até no inverno, a estação seca, o solo é coberto de coisas que estão crescendo. Junto com plantas não comestíveis, plantações como batata doce, mandioca, milho e pimentão são abundantes. E, embora não esteja na temporada, as copas das árvores (manga, mamão e banana, para dizer algumas) são altas e exuberantes.

Contudo, o perigo é se a água pode ou não ser bebida. De acordo com o World Factbook, 48,9 % da população de Moçambique somente tem acesso a água não tratada, ou insalubre.

Na comunidade de Palmira, antes da perfuração do poço, a fonte de água mais próxima era estagnada. Mesmo esse pântano era muito longe, e vulnerabilidade atrai vulnerabilidade; beber a água estagnada significa que as pessoas muitas vezes tinham que fazer essa caminhadas mesmo estando doentes.

Lídia mora sozinha perto de um dos novos poços; o marido dela faleceu e seus filhos estão crescidos. Ela costumava ter que transportar sua água sozinha, e tinha que escolher entre fazer muitas viagens com uma jarra pequena ou uma viagem com uma grande.

“Anos atrás, costumávamos buscar água muito longe, então, com o galão de 20 litros, levava muitas horas, porque eu tinha que andar e descansar, andar e descansar”, ela conta.

Agora, Lídia busca água três vezes por dia no poço, que fica a menos de cinco minutos da casa dela, a pé.

Os poços artesanais são cavados bem fundo na terra, e a água é puxada com uma bomba de duas mãos. Eles são mais confiáveis, é menos perigoso tirar água do que de poços cavados a mão, e fornecem água de maneira fácil e rápida. Eles fornecem água potável e mais confiável também. É difícil que a água esteja contaminada, o que significa menos doenças, de modo geral.

Helena é uma mulher cheia da alegria do Senhor. Ela faz todas as outras mulheres da comunidade dançarem com ela, pegando os baldes vazios perto do poço para usar na dança. Ela diz que o evangelho lhe deu boa água e boa saúde.

Helena também percebeu que aprender a cuidar da água ajuda a prevenir doenças. “Houve uma mudança, porque, desde que recebemos esta fonte de água, fomos ensinados a cuidar bem dela, a maneira de usá-la e a mantê-la em recipientes fechados”, ela diz.

“Houve uma mudança”, ela confirma. “Por exemplo, a diarreia e as doenças transmitidas pela água (cólera) diminuiram.”

Saneamento reduz doenças

Os poços fazem parte dos projetos WASH de Moçambique, mas não são a única coisa. Como o saneamento e a higiene fazem parte do título, eles são também um aspecto do plano de longo prazo. O objetivo é expandir o conheci-

mento desses dois aspectos para ajudar a enfrentar a disseminação das doenças.

Cólera, diarreia, infecções respiratórias e outras enfermidades são motivos para preocupação em Moçambique. Em março de 2019, ciclones e enchentes causaram um surto de cólera que afetou 6.382 pessoas. Surto semelhantes ocorreram todos os anos, nos últimos cinco anos.

A frequência das doenças é precisamente o motivo pelo qual os voluntários e a equipe de apoio do programa WASH levam suas posições tão a sério. Todos os meses, Victoria Mamuque, coordenadora do Projeto WASH para os MNC, lidera grupos de voluntários em apresentações em escolas e hospitais. Em junho, as apresentações focaram na importância de lavar as mãos.

“É importante ajudar as pessoas a entender como evitar doenças como cólera e malária”, diz Victoria.

Na escola fundamental de Mukotuene, um grupo de voluntários ensinou várias centenas de crianças a usar uma garrafa de dois litros como um posto de lavagem de mãos. É um design inteligente: buracos na base da garrafa liberam a água quando a tampa é afrouxada, mas o fluxo é interrompido quando a tampa é rosqueada novamente e a pressão é restabelecida. É uma variação daquelas garrafas de plástico que viram torneiras. As crianças caíam na risada durante as demonstrações.

Outra versão usa uma jarra de plástico com um furo no lado, que fica suspensa por uma armação, liberando água quando é puxada para o lado com uma corda. São exemplos

de como as pessoas podem praticar uma higiene melhor com coisas que já estão disponíveis, não coisas que têm que ser compradas com dinheiro que elas não têm. A exceção a essa disponibilidade é o sabão, embora cinzas de carvão possam ser usadas para limpar as mãos, se não houver outro jeito.

Em Babana, Beatrice puxava uma canção que elogiava o saneamento e o seu papel na vida dela. “Saneamento é um machado que corta toda doença e tudo de ruim”, ela cantava. “Saneamento corta toda doença.”

Tratando as doenças

Porque os programas WASH pretendem abordar a pessoa como um todo e a comunidade inteira, a abordagem ao saneamento também é holística. Esses princípios de limpeza são diretos e conhecidos: lavar as mãos, lavar a louça e manter a casa limpa. Mas outro fator a considerar para o saneamento adequado é garantir que estejam disponíveis instalações higiênicas adequadas.

Existe uma clara hierarquia de necessidades, e se a comida e a água não forem tratadas, cavar uma fossa vai para o final dessa lista. Por essa razão, as pessoas em muitas áreas rurais de Chibuto viviam sem banheiros. Até recentemente, isso criava outra vulnerabilidade considerável a doenças.

Victoria vem identificando lentamente a necessidade de latrinas e procurando resolver esse problema. Por meio de relacionamentos pessoais, as famílias mais vulneráveis de oito comunidades foram identificadas e receberam tampas

de cimento para criar banheiros em 2018. As placas são estáveis e duradouras. Elas também têm tampas, um recurso importante diminuir a proliferação de insetos.

Ângela, que mora em sua comunidade há dez anos, diz que as novas latrinas são uma melhoria animadora para cada lar. Ela disse que percebeu que sua saúde está melhor. “Como a nossa latrina tem tampa, isso ajuda a diminuir as doenças, então a vida melhora”, ela diz.

Em cada uma das oito comunidades, as latrinas estão novinhas. Algumas delas já estão em uso, e outras estão enfileiradas, secando ao sol. A animação por elas é geral. Telma, mãe de sete filhos, diz que a vida está melhorando. “Estamos muito felizes e empolgados com o que está acontecendo com relação aos novos projetos, ao recebermos a laje da latrina”, ela diz.

O entusiasmo fica evidente no grande esforço que cada casa dedica a cavar sua latrina. Isso faz parte do acordo: as tampas das latrinas são fornecidas, mas cada família tem que fazer a construção por si mesma. Quando os voluntários do WASH começaram a visitar as casas, mais de 180 estavam dispostos a construir sua própria latrina se tivessem uma tampa.

“Estou muito animada porque existem coisas que não tínhamos no passado, mas agora temos, como latrinas”, Ângela diz. “E temos onde lavar as mãos, então estou muito animada com isso.”

Abrindo espaço para a esperança

As pessoas podem não se sentir à vontade para compartilhar esperanças. Talvez seja porque acham muito pessoal; se vierem à luz, será que murcham? Ou pior, serão reveladas como as coisas mais terríveis: bobagens ridículas e inatingíveis?

Em Moçambique, isso também acontece. Perguntar sobre esperanças produz sorrisos rápidos e respostas inseguras. Mas, quando insistimos, as pessoas falam de esperanças universais: empregos, casas, familiares e educação.

Às vezes, quando perguntadas sobre o poço ou a tampa da latrina, as pessoas diziam que nunca sequer tinham esperado algo assim. Com certeza tampas e latrinas de cimento não vão mudar tudo. Simples poços não vão trazer eletricidade, prédios e igrejas, aulas de alfabetização para adultos, ou todas as outras coisas que as pessoas listaram como pedidos de oração.

Todavia, elas farão o que Beatrice canta: cortar a doença. E talvez também abram espaço para que outras esperanças cresçam.

Helena diz isso de forma sucinta, comparando a água viva de Cristo à água do poço. “O fato de que tenho Jesus em minha vida faz com que eu nunca tenha sede”, ela diz. “Além disso, bebo água desta fonte e minha saúde melhora porque estou bebendo água limpa. Então, tenho vida.”

☞ **Gotas de misericórdia: em Serra Leoa, igrejas refletem o amor de Deus por meio do dom da água limpa** (Publicado originalmente na Revista MNC, verão de 2016, Luthye)

Parado aqui onde os rios Alligator e George Brook convergem em Freetown, Serra Leoa, você encontra centenas de barracos espremidos ao longo de um labirinto de concreto de passagens estreitas. Você também verá que a água acumulada aqui se tornou uma fossa gigante.

Esta é Kroo Bay, a maior favela da capital de Serra Leoa.

Pa Alimamy Kargbo Kabempa, chefe de seção de Kroo Bay, abre um livro que registra uma população de 14.800 pessoas dentro de 2.622 casas. A maioria das famílias é de comunidades rurais. Muitas delas vieram originalmente para fugir de uma brutal guerra civil de 11 anos. Outras vieram procurando uma vida melhor, com emprego e educação para os filhos. Em vez disso, famílias de seis pessoas, em média, vivem em casas de um cômodo, feitas de folhas de metal onduladas.

Teoricamente, os córregos deveriam fluir facilmente para o Oceano Atlântico, mas a água está estagnada. Comunidades mais ricas despejam lixo doméstico e esgoto não tratado, que desce a corrente. Em uma área pobre com poucas instalações de saneamento, muitos moradores de Kroo Bay não têm outra escolha, a não ser também usar a água como seu banheiro. Aqui, as crianças brincam e tomam banho, ao lado de porcos que fuçam nos dejetos, agachando-se entre enxames de mosquitos mortais que carregam malária.

Redes de segurança

Não faz muito tempo, Serra Leoa estava combatendo o vírus Ebola, que causou 3.000 mortes. Com certeza foi uma crise. Ainda assim, meses depois que o país foi declarado livre do Ebola, outra crise permanece. A malária é a causa número um de doenças e morte no país, de acordo com a Organização Mundial de Saúde. Todo ano, mais de um milhão de casos são registrados, e milhares de pessoas morrem anualmente, tornando Serra Leoa o país com a quinta maior prevalência de malária no mundo.

“Crianças morrem de malária”, diz o Chefe Kabempa, uma figura determinada, com cara de avô. “Quero saúde para a comunidade.”

Quando o Rev. Vidal Cole, o superintendente distrital nazareno de Serra Leoa, encontrou-se com Kabempa e outros membros da comunidade, as prioridades que eles listaram eram relacionadas à malária: mosquiteiros para as camas e ferramentas para limpar o lixo e impedir a estagnação da água.

“Espirais contra mosquito não resolvem o problema, e as pessoas não têm dinheiro para comprar telas ou inseticidas”, afirma Kabempa.

A Igreja do Nazareno em Serra Leoa fez uma parceria com Kroo Bay para proporcionar mosquiteiros para 1.500 casas. A cerca de 10 dólares cada, mosquiteiros tratados com inseticida são o método com o melhor custo-benefício para evitar a transmissão da malária pela picada do mosquito.

Adama*, de 28 anos, é mãe de três filhos de 6 anos, 3 anos e 7 meses. Ela diz que seu filho de 3 anos ficou doente recentemente, mas está melhorando agora. Isso não é uma vitória pequena, em um país onde 41 % das mortes de crianças nos hospitais estão relacionadas à malária, de acordo com a OMS.

O medo é um companheiro constante para os pais de crianças pequenas, mas os mosquiteiros ajudam todos a dormir melhor. “O mosquiteiro funciona muito bem”, diz Adama. “Quando uso, os mosquitos não picam.”

O projeto está fornecendo mosquiteiros primeiro para as crianças com menos de cinco anos e mulheres grávidas, os mais vulneráveis. Em Serra Leoa, 18 % das crianças morrem antes do quinto aniversário, a taxa mais alta de mortes antes dos 5 anos no mundo, de acordo com a UNICEF. A gravidez enfraquece a imunidade das mães, deixando-as mais suscetíveis à malária, o que aumenta os riscos de aborto natural, morte do feto e baixo peso ao nascer. Ao prevenir a malária, os mosquiteiros estão salvando vidas.

Katiatou*, de 20 anos, também é uma mãe de três filhos, de 6 anos, 3 anos e 9 meses. Ela trabalha vendendo lanches, mas, quando uma criança fica doente, ela não só precisa pagar pelo atendimento médico, como também perde o dia de trabalho e a renda desse dia. Os filhos mais velhos já tiveram malária. “Não posso trabalhar quando eles estão doentes”, ela diz. “O mosquiteiro ajuda.”

Fatmata*, de 75 anos, mora em uma casa de um cômodo com quatro netos, incluindo uma neta bebê. A mãe de-

les morreu por causa do Ebola e o pai tinha falecido alguns anos antes. A avó teve uma fábrica de sabão, mas, da última vez em que Kroo Bay alagou, as águas levaram embora toda sua matéria-prima e o seu sustento.

Pelo menos agora ela não precisa se preocupar com uma coisa. Antes, ela e as crianças adoeciam com malária periodicamente, mas, com o novo mosquiteiro, ela pode dormir em paz, sabendo que eles estão protegidos dos mosquitos que carregam a doença. “Deus abençoe a igreja [que deu os mosquiteiros]”, diz Fatmata.

Catando lixo

Alusine,* de 30 anos, um jovem líder de Kroo Bay, faz parte de um grupo de 25 pessoas que trabalha das 8 às 16 horas limpando o lixo do canal onde os mosquitos se reproduzem. A igreja nazarena fornece luvas, baldes e outras ferramentas para ajudar o trabalho do grupo. Ele aponta para uma ponte que atravessa a água. Pedacos de lixo ficam presos nas bases de concreto, agravando os problemas de estagnação e inundação nas estações chuvosas.

“Se diminuirmos o lixo, diminuámos as enchentes e os mosquitos”, ele diz.

O simples acesso a atendimento médico básico pode mudar os fatos listados acima. Em resposta, os Ministérios Nazarenos de Compaixão trabalham em parceria com clínicas, hospitais e programas de saúde baseados em comunidade no mundo todo para fornecer educação, treinamento, recursos e suporte para serviços de saúde e comunidades

que precisem de cura, tanto física quanto espiritual. Alguns destaques adicionais recentes incluem:

🕒 Assistência a HIV e AIDS no Essuatíni, onde o MNC-Essuatíni atendeu 22.356 pacientes, proporcionando suporte ao tratamento e assistência. Membros do ministério se comunicam constantemente com os pacientes para acompanhar com exames e programas de manutenção. Esse projeto é uma parceria com o ICAP¹⁹ da Universidade de Columbia, que vem ocorrendo desde 2010. Um programa separado também capacita uma força-tarefa para proporcionar apoio psicossocial.

🕒 Durante a pandemia da COVID-19, que estava ocorrendo no momento desta publicação, os MNC apoiaram mais de 180 novos projetos em 85 países, alcançando mais de 350 mil pessoas.

🕒 Uma nova iniciativa ativará profissionais de saúde comunitários em cinco países da África, que equiparão membros da comunidade em parceria com clínicas locais e projetos de água, saneamento e higiene (WASH).

🕒 Projetos WASH em 13 países estão impactando diretamente mais de 60.000 pessoas por meio de escolas, igrejas e clínicas.

🕒 Especificamente na Libéria, voluntários de saúde comunitária estão promovendo saúde, saneamento e higiene em 26 comunidades e 9 escolas básicas, apesar dos desafios

19 ICAP é a sigla de International AIDS Care and Treatment Programs (Programas Internacionais de Cuidado e Tratamento da AIDS).

da distância e do acesso durante a estação chuvosa. Os poços continuam a servir aproximadamente 30.000 pessoas.

Começamos este capítulo com uma história da dra. Orpha Speicher. Muitas e muitas histórias semelhantes poderiam ser extraídas dos arquivos dos nazarenos envolvidos em ministérios de compaixão no mundo todo. Quase sem exceção, encontramos essas pessoas altamente qualificadas e dedicadas nadando contra a corrente, competindo por recursos escassos, precisando explicar constantemente que seu ministério para o corpo é importante e faz parte dos versículos que se encontram em Mateus 4:23 e Mateus 9:36, a fórmula de Jesus ensinar, pregar e curar, onde quer que Ele fosse. Só saberemos quando chegarmos ao céu a incrível contribuição que essas pessoas maravilhosas fizeram para edificar o Reino de Deus. Nos nossos anos combinados de ministério (mais de 100 anos), nós, autores deste livro, temos tido o privilégio de conhecer e amar muitos desses queridos profissionais de saúde. Eles vêm de todos os cantos do mundo nazareno. Continuam demonstrando a compaixão de Jesus em ministérios sacrificiais que aquecem o coração, mas, o mais importante: eles são lembretes vivos do fato de que o “propósito da vida cristã não está em fazer mais coisas para Deus, nem mesmo em consertar pessoas, mas simplesmente amar as pessoas como Deus nos ama [...] dar a todos os que encontramos um gostinho do céu nesta terra”.²⁰

20 Scazzero, Peter. *Emotionally Healthy Relationships: Day-By- Day* (New York: Zondervan, 2017), pp.145-6.

Capítulo oito: Sem um lugar para chamar de lar

Poucos de nós conseguem entender de verdade este pensamento chocante: “Nunca poderei ir para casa”. Existem muitas definições diferentes do que é ou não é um refugiado. Algumas dessas definições são políticas. Outras são econômicas. Para os propósitos desta publicação, um refugiado é qualquer pessoa que, por qualquer razão, não pode ir para casa.

Pessoas desabrigadas requerem outra definição. Pessoas desabrigadas são simplesmente isto: pessoas que ficaram desabrigadas por causa de desastres naturais ou causados pelo homem. Mesmo que as causas sejam bem diferentes, a resposta é quase sempre a mesma. Pessoas que perderam seu lugar de residência e estão lutando para entender o que aconteceu com elas, o que devem fazer a seguir e para onde devem ir; essas pessoas têm necessidades especiais. A maioria de nós nunca vivenciará o sentimento totalmente desconcertante de não ter lar, não ter base, não ter centro, não ter terra, não ter estabilidade, não ter um armário especial para guardar as coisas da nossa vida. Mal conseguimos

entender uma pequena parte que seja do sofrimento, do teor, da necessidade de pertencer, da necessidade de ajuda. Enquanto a política do nosso mundo continuar desestabilizando e perturbando, as pessoas serão cada vez mais impactadas. Por todos os lados vemos pessoas que foram desalojadas, refugiados da guerra, da fome ou de alguma outra tragédia. O modo como vivem, veem Deus e entendem a si mesmas passou por uma mudança traumática. A Igreja do Nazareno deve estar continuamente disponível para ministrar às pessoas que vivem como refugiados. Pois o amor de Deus torna-se mais claro por meio das ações do Seu povo em relação uns aos outros.

Desde a criação dos Ministérios Nazarenos de Compaixão, tem sido dada uma alta prioridade a assistir as igrejas locais em seus esforços para ajudar essas pessoas que foram forçadas a abandonar seus lares. Existem diferentes cenários relativos a ajudar pessoas que não têm um lugar para chamar de lar:

Sempre que possível, especialmente nos casos de desastres naturais, é oferecida ajuda para reinstalar essas pessoas de volta em seus lares originais assim que possível. A melhor solução, normalmente, é ajudar em algum tipo de esforço de reconstrução dos lares originais no mesmo local. Isso faz todo o sentido em locais onde há seguro e propriedade do terreno. Entretanto, em muitos lugares do mundo, isso simplesmente não é possível. Por exemplo, depois do terrível terremoto no Haiti, em 2010, centenas de milhares de pessoas acabaram morando em

tendas (algumas delas por vários anos). Suas casas tinham sido totalmente destruídas. Elas não eram donas de suas casas, nem dos terrenos onde estavam construídas. Na maioria dos casos, os proprietários da terra não tinham interesse em reconstruir as “moradias de baixo custo” nas quais essas pessoas tinham morado anteriormente. Nessa situação trágica, foram as igrejas locais saírem em socorro de seus membros e amigos. Em alguns casos, levou vários anos, mas, ao longo do tempo, as “cidades de tendas” na capital, Port-au-Prince, e em volta dela encolheram lentamente de 1,25 milhão de habitantes para menos de 30 mil. (Uma história muito diferente do normalmente curto “ciclo de notícias” que move o nosso pensamento para a próxima tragédia global e puxa as cordas do nosso coração de modo aparentemente interminável.) Foi incrivelmente tocante ver as igrejas locais alcançando suas comunidades em incessantes atos de compaixão. Um dos ministérios mais tocantes e práticos que vi pessoalmente durante esse tempo foram os lares dos membros da igreja sendo abertos aos moradores das cidades de tendas para que eles tomassem banho antes de irem trabalhar, todas as manhãs.

Se a reinstalação no lar original não for possível devido a uma guerra ou algum outro tipo de instabilidade política, alguma outra solução deve ser encontrada. Um dos primeiros programas de patrocínio de crianças instaurado pelos Ministérios Nazarenos de Compaixão foi desenvolvido para assistir um distrito

nazareno na América Central, que estava tentando ajudar as crianças de uma parte do país cujos pais tinham sido mortos em uma guerra civil desumana. Um lar de crianças foi aberto para abrigar aqueles órfãos de guerra até que moradias de longo prazo e/ou adoções pudessem ser arrançadas para aquelas preciosas crianças sem lugar para chamar de lar.

Cada vez mais, a crise de refugiados tem evoluído para uma crise global. Como você lerá nas páginas seguintes, a quantidade de pessoas que têm sido obrigadas a sair de seus lares e de seus países natais está alcançando proporções estonteantes. Mas, quando você ler sobre a quantidade impressionante de pessoas que passaram a se encaixar nessa categoria de “pessoas que não têm um lugar para chamar de lar”, não seja tentado a levantar as mãos em frustração e dizer: “O que eu posso fazer diante desses números impressionantes?”. Lembre-se do conselho que o dr. Gary Morsch recebeu de Madre Teresa: “Não podemos fazer coisas grandes, apenas coisas pequenas com grande amor”. Talvez você nunca esteja em condições de abrir sua casa para um vizinho que tenha perdido a dele em alguma crise ou desastre. Mas você pode chamar alguns amigos da sua congregação local para serem voluntários e servir os refugiados da sua comunidade, orar por milhões de pessoas desabrigadas pelo mundo, focando em áreas geográficas específicas, procurar pontos locais para doar roupas ou móveis em bom estado, comida ou artigos de higiene pessoal para as famílias refugiadas. Essas

ofertas de compaixão prática conferem tanto dignidade quanto esperança às pessoas que passaram a viver em uma nova terra e têm de começar de novo. Do mesmo modo, você pode procurar uma agência de reinstalação na sua comunidade para descobrir do que eles precisam e fornecer isso.

☞ Procurando refúgio (Publicado originalmente na Revista MNC, verão de 2017)

Seis anos de guerra na Síria destruíram comunidades e separaram famílias. Nesse período, mais de 11 milhões de pessoas tiveram de sair de suas casas por causa da violência e da perseguição. Cinco milhões de pessoas foram para outros países, onde atualmente moram como refugiados. Em países próximos e ao redor do mundo, a crise global de refugiados afetou mais de 60 milhões de pessoas. Atualmente, existem 21 milhões de refugiados vivendo fora de seus países natais e mais de 40 milhões de desabrigados. Mais da metade deles são crianças.

Enquanto existirem guerras e violência, existirão refugiados também. Pode ser fácil dar as costas à crise porque esses números são grandes demais e difíceis demais de encarar. Mas a nossa esperança é de que possamos começar a ver a crise de refugiados pelas lentes dos indivíduos atingidos, cada um com uma história de perda e esperança para o futuro.

Cada história é única. Algumas pessoas deixaram seus empregos como professores, médicos ou advogados, tendo

que renunciar ao status professoral em troca de um trabalho com baixo salário. Outros deixaram para trás membros da família, esperando desesperadamente serem reunidos algum dia. Alguns foram em grupos; outros, sozinhos. Alguns tiveram tempo para se despedir, enquanto outros só tiveram alguns minutos para agarrar o que conseguiram e correr. Cada história é diferente, mas todas elas envolvem pessoas que deixaram tudo na esperança de conseguir alguma coisa. Cada história é diferente, mas todas elas envolvem crianças, mulheres e homens que são amados e foram feitos à imagem de Deus.

Estas são apenas algumas das histórias deles, num relance de como Deus está usando a igreja para servir aqueles que buscam um refúgio.

Embora Mahdi* fosse jovem, ser perseguido por causa da sua fé não era novidade para ele. Ele e Amira* tinham acabado de se casar. Os dois eram de países diferentes do Oriente Médio, mas compartilhavam a mesma fé em Cristo.

Mahdi e Amira moravam e ministravam no país natal dela, a Síria, em uma área que antes era relativamente segura. No início de 2015, eles viajaram para visitar a família de Mahdi. Na viagem de volta, o ônibus lotado no qual viajavam foi parado e homens armados embarcaram. Logo ficou evidente que não era uma verificação militar aleatória. Os homens estavam assumindo o controle do ônibus e sequestrando todos os que estavam a bordo. O motorista e os passageiros foram obrigados a viajar por várias horas por estradas secundárias até um destino predeterminado. Quando desembarcaram, homens e mulheres foram sepa-

rados. Mahdi disse uma última palavra de encorajamento à esposa com quem estava casado havia tão pouco tempo.

Embora fossem tratadas com rispidez e trancadas juntas em um pequeno quarto, as mulheres não foram maltratadas. Mas, durante a noite, conseguiam ouvir os gritos torturantes dos homens no cômodo ao lado. A noite parecia não ter fim, mas, em algum momento, nas primeiras horas da manhã seguinte, os sequestradores se cansaram e as surras pararam. Amira não tinha ideia se Mahdi estava vivo ou morto. Ela sabia apenas que ainda estava viva, e orou sem cessar para que Deus de alguma maneira libertasse os dois.

Logo depois que o sol nasceu, a porta do quarto das mulheres se abriu, e um dos sequestradores chamou o nome dela. Será que os momentos seguintes seriam de tortura, abuso ou morte? Com uma mão trêmula, ela confirmou o seu nome, orando silenciosamente por força e libertação. Mãos ásperas a arrastaram pela porta e a empurraram para o ar frio da manhã. Amira foi jogada aos pés esfarrapados de alguém, quando levantou a cabeça, ela olhou direto nos olhos do seu marido. Mahdi agarrou o braço de Amira e eles começaram a mancar pelo terreno em direção à liberdade. Ela mal conseguia entender o que estava acontecendo, quando seu marido a puxava dolorosamente para a frente. Embora o manquejar e sangue seco deixassem claro que Mahdi tinha apanhado durante a noite, Amira estava grata porque ele estava vivo. Com frio, com fome e feridos, eles andaram por horas. Eles não queriam parar, com medo de que a qualquer momento seus sequestradores fossem atrás deles. Conforme o dia passava e a distância aumentava, eles

sentiam uma sensação crescente de segurança. Por fim, pararam em uma aldeia, onde pediram ajuda.

Jornada para a segurança

Muitos meses depois, Amira contou a sua história durante uma reunião com um grupo de pessoas de várias nacionalidades, enquanto todos tomavam chá em uma casa na Croácia, onde ela e Mahdi acabaram chegando depois de fugir da Síria. Amira suspirou e seus ombros caíram.

“Não temos a menor ideia do que aconteceu com o resto dos passageiros do ônibus, nem sabemos por que eles nos deixaram ir embora”, ela disse.

O sequestro foi o evento que catapultou o casal para a fuga da Síria, no outono de 2015. Diferentemente de muitos outros refugiados que também estavam começando a jornada para a Europa Ocidental para fugir da violência e da perseguição, Mahdi e Amira resolveram que a Croácia seria o seu destino. Quando chegaram, se reuniram a uma comunidade de refugiados abrigada em condições de vida temporárias, e muitas vezes desafiadoras.

Depois de ficar sabendo que um grupo estava oferecendo aulas de inglês grátis no dormitório onde estavam ficando, Mahdi e Amira se matricularam. Logo ficou evidente para eles que seus professores eram cristãos, e quando foi planejado um culto na casa de uma família missionária, eles foram rápidos em responder. Também começaram a encontrar muitos outros dentro da comunidade de refugiados que estavam famintos por saber mais sobre Cristo. Para surpre-

sa de Mahdi e Amira, de repente apareciam oportunidades para que eles falassem sobre o Senhor o tempo todo.

Fazendo conexões

Através do seu professor de inglês, Amira e Mahdi se conectaram a uma igreja local na sua nova cidade. A história deles teve outra virada empolgante numa manhã de domingo, quando Amira percebeu o logo nazareno sendo exibido em um vídeo. Ela tinha conhecido um pastor nazareno na terra dela e conhecia a denominação. Nem ela nem Mahdi tinham percebido que o professor de inglês, o pastor e a congregação faziam parte da Igreja do Nazareno, até aquele momento.

Logo depois, o casal recebeu a notícia de que seus vistos de residência de três anos tinham sido aprovados pelo governo croata. Isso significava que eles poderiam chamar esse país, essa congregação e essa comunidade de lar. Tendo conquistado estabilidade para o futuro, Mahdi e Amira procuraram os líderes da igreja, que tinham sido uma parte importante da jornada deles, para perguntar se poderiam se voluntariar oficialmente para ajudar outros refugiados do mesmo modo como tinham sido ajudados.

Mahdi também sinalizou um desejo de cumprir seu chamado como pastor através da Igreja do Nazareno. Hoje, Mahdi e Amira estão aprendendo o idioma e a cultura do seu novo país anfitrião, e Mahdi está se preparando para ser ordenado. Eles encontraram comunhão através da Igreja do Nazareno na Croácia.

☞ Pisando em terra santa: pessoas vivendo como refugiados criam uma igreja global (Revista MNC, verão de 2018, Sipes)

A Croácia fica na metade do caminho entre a Grécia e a Alemanha. Quando as fronteiras para o resto da Europa foram fechadas, as pessoas que fugiam da violência e da perseguição se viram presas ali, travadas entre o seu ponto de partida na Grécia e seu destino na Alemanha.

Assim, é nesse lugar que eles agora tentam fazer a sua vida, muitos morando em prédios antigos adaptados como campos de refugiados.

A igreja nazarena em Zagreb, na Croácia, está ministrando para indivíduos e famílias presos nesse espaço de transição, proporcionando roupas, comida, programas educativos, assistência com a moradia e apoio espiritual. Mahdi e Amira estão entre os principais anfitriões; eles sentem na pele o que significa ser refugiado. Eles chegaram na Croácia como todos os outros, mas se conectaram com a igreja nazarena em um momento crucial. Os Scott, missionários nazarenos na Croácia, estavam orando por líderes que pudessem se conectar mais profundamente com os refugiados. Acontece que Mahdi tinha trabalhado antes com um ministério cristão e tinha estudado para o licenciamento pastoral.

As histórias contadas pelas famílias nos acampamentos improvisados nos edifícios antigos eram bem parecidas. Alguns tiveram que abandonar familiares. Outros vivenciaram a perda de entes queridos ou a dor de não saber o que

tinha acontecido com eles. Todos tinham fugido da violência e da perseguição.

Na noite anterior, em um culto realizado na fachada de uma loja da cidade, outros residentes também compartilharam suas histórias. O lugar era uma bela confusão de atividade, com pessoas abrindo caminho gentilmente por espaços cheios de gente para fazer comida, preparar a música ou só conversar com outra pessoa. Havia muitos voluntários estrangeiros nos quartos, e alguns que eram naturais da região dos Balcãs.²¹ A grande maioria era de refugiados.

A cidade parece ser o ponto médio, uma escala em uma longa jornada. Mas o que ficou claro enquanto tropeçávamos no louvor multilíngue durante os cultos foi que aquela era terra santa.

Em meio a canções em seis idiomas, cantamos uma em inglês, “No Longer a Slave” (Não sou mais escravo). Ouvimos pessoas cantando sobre serem libertas por Deus de seus inimigos e sobre a redução de seu medo. Ouvimos aqueles que tinham sido lançados em botes infláveis, desesperados por terra firme, cantando sobre o Deus que abriu o mar para sua segurança. Vimos pessoas que foram levadas de uma terra de ninguém para uma terra santa.

Esse país não era a terra escolhida de muitos dos que viviam como refugiados, e estar preso ali parecia um far-

21 A região dos Balcãs, também é conhecida como Península Balcânica, é a área situada geograficamente na Europa Ocidental que inclui Albânia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Croácia, Kosovo, Montenegro, Macedônia do Norte, Romênia, Sérvia, Eslovênia e porções da Grécia e da Turquia.

do. Não era a vida que eles escolheram. Mas, pelo menos, alguns encontraram um lugar de cura e descanso na nossa igreja: um solo sagrado onde encontraram nova vida.

☞ **Compaixão ativa: venezuelanos encontram refúgio e socorro no Brasil** (Publicado originalmente na Revista MNC, inverno de 2019, Stevens)

William*, de 52 anos, e sua família estavam dormindo nas ruas perto de uma rodoviária em Boa Vista, Roraima, quando ouviram alguém pregando em espanhol. Eles são seguidores fervorosos de Cristo, e se dirigiram até o pastor para ouvir o que ele tinha a dizer.

William tinha saído da Venezuela com a esposa e a filha, que estava grávida na época, e eles sabiam que seu dinheiro não ia durar. Depois de vender algumas de suas coisas, eles tinham só o suficiente para comprar a passagem do ônibus e comida para a viagem. Eles sabiam que enfrentariam dificuldades quando chegassem, mas até isso pareceu uma opção melhor do que ficar; sua filha precisava de antibióticos, e não havia nenhum disponível. Por meio da Igreja do Nazareno, a família pôde ficar em um pequeno abrigo.

“Pela misericórdia do nosso Senhor, a Igreja do Nazareno Hispânica abriu as suas portas”, diz William.

Nos últimos seis anos, a Venezuela tem passado por vários estados de turbulência e instabilidade. A hiperinflação fez os preços dos produtos essenciais subirem até a estratosfera, e as pessoas ficaram sem condições de comprar comida com regularidade. No final de 2018, os preços estavam

dobrando em média a cada 19 dias. Os remédios foram ficando cada vez mais escassos. Doenças e enfermidades que se acreditava terem sido eliminadas (como sarampo e difteria) estão começando a ressurgir. Em um país que já tinha eliminado a malária, estão voltando a ocorrer casos dessa doença também.

As pessoas estão indo embora porque acham que não têm escolha. Segundo as Nações Unidas, três milhões de venezuelanos deixaram o país desde 2014. William afirma que a sua família veio quando eles não conseguiam mais comprar nada na Venezuela. “Eu vim para ter um futuro melhor para mim, para minha filha, para o meu neto que ia nascer”, ele disse.

Cuidado amplo

Os pastores e a congregação da Igreja do Nazareno em Boa Vista, Roraima, sabiam que queriam fazer alguma coisa para ajudar. Boa Vista não fica longe da fronteira com a Venezuela, e muitas pessoas estavam chegando ali. Em março de 2016, eles começaram a buscar as pessoas em espaços públicos, como parques, onde as centenas de pessoas que cruzavam a fronteira acabavam em acampamentos improvisados que davam pouca proteção. Em um ano, a igreja tinha começado um serviço de distribuição de comida nas noites de quinta-feira, que servia aproximadamente 1.500 pessoas toda semana. Rapidamente ficou claro que a necessidade era maior.

A partir dessa primeira resposta, a igreja em Boa Vista começou uma igreja falante de espanhol para ministrar aos venezuelanos no Brasil, onde o povo fala português. Quase 200 pessoas frequentam a nova igreja, 40 das quais ficam em um abrigo instalado no terreno da igreja. A necessidade também fez surgir novas classes; cerca de 400 pessoas frequentam aulas de língua portuguesa, e outras estão aprendendo competências para o mercado, como confeitaria e corte e costura.

Julio*, de 43 anos, tem ficado na igreja em Boa Vista, onde consegue ajudar com algum trabalho de carpintaria. Ele viajou ao Brasil com sua família. Na sua casa na Venezuela, a falta de comida e de atendimento médico estava ficando perigosa para a sua esposa, que estava grávida na época. “Pelo menos aqui temos comida, nutrição”, ele diz.

Embora Julio não tenha conseguido um trabalho estável, ele e sua família têm sido imensamente ajudados pelos membros da igreja. Eles os apoiaram em tudo, ele diz. Ajudaram com comida, abrigo e dando trabalhos de carpintaria no prédio. Não tem sido fácil para a família, e o que eles têm pela frente não é simples. Julio tem sorte de ter habilidades de carpintaria, o que deve tornar mais fácil conseguir um emprego. Mas, sem saber falar português, encontrar trabalho pode continuar sendo difícil. Mas a igreja começou a se parecer com uma família.

“No meio de tudo, Deus é a igreja”, ele diz. “Você precisa ter fé, dar graças por tudo também. [...] Mas a igreja para mim é o mundo inteiro.”

Resposta contínua

Jhonelis*, de 18 anos, acabou de se casar e mora no abrigo da igreja com seu marido. Ela tem uma família grande em sua terra natal, e ninguém estava comendo o suficiente. “Tive que vir para cá para poder trabalhar e ajudar minha família daqui, enviando o que puder, e tudo porque esse era o único jeito de eles sobreviverem”, ela diz.

Nos primeiros meses, o casal conseguiu encontrar trabalho vendendo coisas na rua. Mas esse trabalho acabou, e também a renda. A partir daí, a história dela ecoa as de muitos outros: eles foram obrigados a dormir nas ruas, vivendo um dia depois do outro. Jhonelis diz que estava a ponto de desabar quando as pessoas da igreja a encontraram. Agora, a esperança de conseguir ajudar sua família continua a motivá-la. Ela sente saudades deles, e quer prover suas necessidades. “Não posso voltar e nem pensar nisso”, ela diz. “Vim para cá em busca de um futuro melhor, ou para lutar por um futuro melhor, então fiquei por causa disso.”

É difícil encontrar trabalho em Boa Vista porque não é uma cidade muito grande; a população é de cerca de 280.000 pessoas. Comparada com Manaus, ao sul, que conta com uma população de quase 1,8 milhão, Boa Vista simplesmente não tem capacidade ou oportunidades para acomodar tantas pessoas em busca de emprego. E as 40 pessoas que a nova igreja que fala espanhol consegue abrigar se sentem desalentadamente insignificantes, diante das dezenas de milhares de venezuelanos que vieram para o Brasil.

O transporte é uma das áreas mais carentes. É difícil pagar a passagem de ônibus apenas com a esperança de conseguir trabalho. O Brasil é um país muito grande; chegar às cidades maiores de ônibus leva muitos dias, e as passagens de avião, caras, estão fora de questão.

Com uma quantidade tão grande de pessoas imigrando, tendemos a nos sentir desanimados. Mas uma história depois da outra sobre as pessoas que moram no abrigo da igreja em boa Vista falam, ao contrário, da esmagadora resposta da igreja em amor. As necessidades básicas são atendidas ali: um teto e comida. As necessidades espirituais e mentais também são supridas, através da igreja falante de espanhol e das aulas. A igreja viu a necessidade do amor de Deus e o tem compartilhado como pode.

☞ **Uma chance para voltar a sonhar** (Publicado originalmente no Blog dos MNC, em 25 de maio de 2017, Dutra.)

Embora a cobertura da mídia sobre a crise dos refugiados na Síria tenha ocorrido em ondas, o êxodo de sírios deixando o seu país não diminuiu desde que uma guerra civil terrível começou em 2011. Embora ouçamos falar muito sobre os que fogem para a Europa, cerca de 2,3 milhões de crianças e suas famílias estão vivendo em países que têm fronteira com a Síria. Atualmente, o Líbano e a Jordânia abrigam mais refugiados, em comparação com suas populações totais, do que qualquer outro país do mundo, de acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Por mais de cinco anos, igrejas nazarenas na Jordânia e no Líbano tem provido socorro alimentar contínuo e suprimentos domésticos para milhares de refugiados, além de oferecer assistência médica, aulas de inglês e amizade. Além das necessidades imediatas, as igrejas estão focando no futuro, proporcionando educação para as crianças. Bolsas de estudo estão disponíveis para que as crianças que vivem como refugiados possam frequentar escolas nazarenas credenciadas.

Muitas crianças da Síria perderam anos de educação durante a guerra. De fato, um terço das escolas de lá ficou imprestável por causa da violência. Em países vizinhos, as famílias de refugiados que um dia tiveram vidas estáveis foram mergulhadas na pobreza, colocando o custo das mensalidades escolares fora de questão. De fato, crianças vivendo como refugiados têm cinco vezes mais probabilidade de sair da escola do que outras crianças, diz o ACNUR.

Sem escola, as crianças têm maneiras limitadas de se adaptarem em novos países, reconquistar a estabilidade e serem curada do trauma. Sem educação, o futuro de uma criança é limitado e os sonhos começam a desbotar. Porém, com educação, a esperança floresce.

Estas são algumas histórias de crianças que foram desabrigadas pela guerra e como as escolas nazarenas as estão ajudando a ter esperança novamente.

Reconquistando a estabilidade: a história de Sami

“Três anos atrás, minha vida mudou para sempre”, diz Sami, de 11 anos.

Foi então que Sami, seus pais e seus quatro irmãos saíram de sua casa em Alepo, na Síria. Os pais dele estavam preocupados com o bombardeio constante e temiam pela vida dos filhos. Por isso eles fugiram para a Jordânia.

Apesar de o pai de Sami ter família na Jordânia, eles tiveram dificuldades para atravessar a fronteira. Eles esperaram por diversos dias em um acampamento. Uma vez, foram obrigados a sair temporariamente da fronteira porque as lutas chegaram muito perto da região. Por fim, seu pai conseguiu fazer contato com familiares, e Sami e sua família puderam atravessar para seu novo lar.

Mas a vida de Sami tinha começado a se desfazer antes mesmo que eles saíssem da Síria. Seus amigos estavam partindo diariamente, e ele ficou sozinho. Ele não podia ir à escola regularmente por causa da guerra.

“Quando algo tão simples quanto a estabilidade está ausente da sua vida, isso pode ter efeitos negativos em outra área”, ele diz. Mas, na Jordânia, Sami começou a frequentar uma escola nazarena todos os dias. Os amigos que ele fez também ficavam na escola. Ele encontrou estabilidade, e agora sonha em se tornar médico um dia. “Aprender e avançar nos meus estudos me deu esperança para meu futuro”, ele diz. “Considerando-se como a minha vida tem sido até este momento, sou incrivelmente grato por esta chance de sonhar de novo.”

☞ Minha esperança na vida: a história de Rasha (Revista MNC, 27 de outubro de 2016, Luthye).

“Saímos do nosso país, a Síria, por causa da situação atual”, diz Rasha, de 13 anos, com uma voz baixa e triste.

Há quatro anos, ela chegou ao Líbano com sua mãe e quatro irmãos. Eles deveriam encontrar seu pai lá, mas, quando chegaram, ele tinha ido para a Turquia. Eles não ouviram mais falar dele.

Embora seus dois irmãos estejam trabalhando para ajudar a mãe com as despesas da casa, o dinheiro é escasso. Felizmente, Rasha ganhou uma bolsa de estudos para frequentar uma escola nazarena próxima.

A princípio, ela teve dificuldades para se adaptar. Ela não sabia inglês, que é o idioma ensinado na escola, e tinha dificuldade até para entender seus colegas libaneses. Mas seus professores e uma nova amiga a encorajaram a continuar seus estudos. Agora, ela também sonha em se tornar médica e quer ajudar as pessoas da Síria.

“A escola nazarena me deu esperança e confiança para lutar por um amanhã melhor”, ela diz.

Embora Rasha tenha enfrentado dificuldades no início, agora, na oitava série, ela é uma das melhores alunas da sala.

“Eu agradeço a Deus por tudo, tanto pelas coisas difíceis quanto pelas maravilhosas que aconteceram na minha vida”, ela diz. “Eu creio que Deus está sempre conosco e que Ele nunca nos abandona. Essa é a minha esperança na vida.”

☞ **Esperança para continuar: a história de Halil**

(Revista MNC, 21 de outubro de 2016, Luthye)

Depois que seu pai foi sequestrado na Síria, Halil, sua mãe e seu irmão fugiram para o Líbano.

“Eu amo meu pai e sinto falta dele todos os dias”, diz Halil, de 14 anos. “Se ele estiver vivo, a nossa vida será mais fácil e mais linda. Eu amo a minha mãe. Ela sacrificou muitas coisas por nós.”

Hoje, Halil frequenta uma escola nazarena, onde se esforça muito para acompanhar as matérias depois de perder muitos anos de educação formal. Ele diz que a escola o ajudou a fazer um progresso enorme na sua educação. Ele se apega à esperança de que conseguirá realizar seus sonhos e ajudar a melhorar a vida da sua família.

“A escola nazarena sempre nos encoraja e nos dá esperança para continuar”, ele diz. “Eles são como uma família para mim, e me ajudam a avançar e evoluir na vida”, diz ele.

Halil também encontrou esperança na sua fé recém-descoberta. “Minha vida espiritual é ótima”, ele diz. “Conheço Jesus, e eu O aceitei como meu salvador pessoal.”

Capítulo nove: O cadinho

Então, o que é igreja? Parece uma pergunta simples, que deveria ter uma resposta simples. Mas ela não é simples.

Uma busca rápida na internet nos dá uma definição básica de igreja. Edifício! Praticamente todas as definições de todos os dicionários estão atreladas à ideia de uma estrutura arquitetônica.

Mas temos uma ideia melhor. Uma igreja é um grupo de pessoas que concordam com um propósito comum, escolhem ter comunhão e adorar juntas, aceitam as alegrias e as dificuldades da vida juntas e se envolvem em uma missão juntas. Um edifício é uma conveniência. Mas olhe ao redor do mundo e aprenda que a igreja pode ser uma catedral ou uma tenda de pano, grande ou pequena, com ar-condicionado ou não, debaixo de uma árvore ou dentro de uma casa, subterrânea ou acima do nível do chão. Não importa, porque a igreja são as pessoas e as pessoas sempre complicam as coisas.

Ao longo da história registrada, um cadinho é visto como uma tigela ou um pote feito de porcelana ou de outro material no qual metais podem ser misturados sob condições de calor extremo. O propósito de um cadinho é pegar

uma mistura de substâncias, sujeitá-las a temperaturas extremas e assim fazer surgir algo novo.

A igreja pode ser comparada a um cadinho. Ela é um lugar onde pessoas em todas as estações da vida podem estar juntas, às vezes debaixo de grande pressão ou sofrimento, às vezes durante grande alegria e paz, e juntas se tornarem algo novo e diferente. Uma igreja é um organismo. É uma organização, com seres humanos, incluindo todos os seus defeitos, falhas e deficiências, divinamente ordenado como o Corpo de Cristo para executar a missão de Deus (*Missio Dei*) no mundo. O apóstolo Paulo usa a analogia do corpo humano (mãos, pés, cabeça) para descrever o Corpo de Cristo, a Igreja.

A igreja local é como um cadinho. Uma caldeirão fervente com um único propósito, mas muitas atividades. Um lugar onde pode haver discordância de método, mas há unidade de propósito. Em outras palavras, pode haver unidade sem uniformidade.

No contexto da Igreja do Nazareno, a igreja local não é um corpo autônomo, agindo sozinha e fazendo o que quer. Ela está conectada a um corpo maior, chamado de denominação, que, segundo a nossa definição, é um corpo global de crentes que concordam com uma declaração de fé e com uma convergência de propósito. Esse caldeirão é uma panela fervente de criatividade, de uma multitude de atividades, que se estende para mais de 150 nações da terra. Por definição, é um corpo de “extroversão”, que se preocupa com o sofrimento do mundo e traz esperança de redenção e renovação.

A saúde de uma igreja local não se baseia no tamanho ou no edifício, nem em um campus ou em programas. O sentido da saúde é a capacidade de alcançar pessoas, trazê-las para dentro, e de sair, aceitar e acolher. Em outras palavras, um núcleo interno forte como um cadinho, com um olhar externo para a comunidade e para o mundo.

Uma expressão da igreja é missão. Como Emil Brunner, teólogo suíço, disse há muito tempo: *“A Igreja existe pela missão, assim como um incêndio existe pela combustão”*. Sem missão (Missio Dei) não existe igreja. Ela dá vida a todo o resto.

A missão é muitas vezes feita por procuração, ou seja, por meio de doações, pela oração e por algum outro tipo de apoio à “causa”. Mas isso não é o suficiente. Também deve haver envolvimento pessoal. Assim, na Igreja do Nazareno, tem proliferado um grande número de programas de voluntariado que oferecem oportunidades para o envolvimento pessoal prático em missões.

Por exemplo, Maureen Dickerson, bibliotecária de diversas universidades nazarenas por muito tempo, voluntariou seu tempo muitas vezes para ir a faculdades bíblicas e instituições educacionais pelo mundo para montar bibliotecas e recursos para estudantes. Dan Dillon, de Idaho, tem se voluntariado praticamente sem parar por décadas com equipes que muitas vezes servem em locais de fronteira assolados por dificuldades e perigos para melhorar instalações físicas. A lista chega aos milhares em praticamente todas as áreas. Nos primeiros dias da obra nazarena na Rússia, um “esquadrão geek” muitas vezes aparecia para instalar labo-

ratórios de informática para o aprendizado dos alunos de educação teológica.

Obviamente, esses milhares de “missionários” voluntários carregam com eles o amor e a mensagem de Jesus. Eles se tornam Suas mãos, Seus pés, Sua voz, muitas vezes falando a lugares que não ouviriam ou não poderiam ouvir o Evangelho de qualquer outra pessoa. Muitas vezes, suas habilidades profissionais lhes dão acesso a outros profissionais, e alguns dos novos materiais resultantes desse cadinho produzem histórias que são um panorama de milagres.

No contexto nazareno, o Fundo de Evangelismo Mundial (FEM) é como o alicerce, o assoalho. Essa centralização do dinheiro oferece um fundamento, o suporte, para o ministério como um todo. Sem ele, a denominação geral não conseguiria fazer tudo o que faz no exercício da missão da igreja.

Pense sobre o ministério de compaixão desta maneira: ele é um sistema de distribuição. As pessoas que se envolvem em atos de compaixão, seja em um programa ou como indivíduos, estão distribuindo amor, cuidado e atenção aos que precisam. Esse sistema de distribuição foi formado, de alguma maneira, no cadinho, a Igreja, o Corpo de Cristo.“

A Igreja existe pela missão, assim como um incêndio existe pela combustão. Quando não há missão, não há Igreja; e onde não há nem Igreja nem missão, não há fé.”

(Emil Brunner)

Capítulo dez: Sempre existiu

A história é um professor envolvente. No mundo de hoje, é fácil pensar que o ministério de compaixão (como expresso na igreja) é alguma nova “invenção” ou “criação”. Mas a história nos compele a ouvir ao seu chamado. Os ministérios de compaixão sempre existiram.

As raízes do ministério de compaixão na Igreja do Nazareno remontam às primeiras fundações, mesmo antes das fusões consumadas em Pilot Point, Texas, em 1908. Os ministérios de pequenos grupos, em sua maioria igrejas locais, quase sem exceção, apresentavam uma diversidade do que chamamos hoje de “centros de ministério de compaixão”. De fato, muitos grupos locais começaram como “missões de resgate” ou “missões do evangelho”, cujo foco estava no núcleo urbano das cidades norte-americanas.

Também é útil observar que muitos dos primeiros líderes nazarenos vieram (eram conhecidos, de fato, como “saídos”) de igrejas estabelecidas, principalmente a Metodista, quanto ao regime, e a Wesleyana, quanto à teologia. Eles trouxeram uma paixão pelos perdidos, um desejo ardente pela reforma social nas cidades e uma “renovação” da vitalidade espiritual nas cidades e para elas. Eles também

trouxeram um nível de educação que variava de faculdades bíblicas a grandes universidades. Esse é um dos motivos pelos quais a educação foi plantada desde o início no DNA da denominação. Vale a pena observar que a maioria das novas denominações começou com faculdades bíblicas e depois migrou para escolas de pós-graduação em teologia, seminários e faculdades de artes liberais. Contrariando essa tendência comum, a Igreja do Nazareno começou com faculdades de artes liberais e, em 1944, na Assembleia Geral, autorizou a criação de uma escola de pós-graduação em teologia, o Seminário Teológico Nazareno, e depois esperou mais 20 anos, até a Assembleia Geral de 1964, para autorizar a criação da Faculdade Bíblica Nazarena.

Desde a sua fundação e até 1925, o ministério de compaixão na Igreja do Nazareno atacava o núcleo dos problemas sociais mais difíceis da época, incluindo o alcoolismo e a falta de moderação, a gravidez inesperada e paternidade fora do casamento, a dependência de drogas, o racismo e discriminação, os direitos das mulheres, incluindo o movimento sufragista pelos direitos de voto para as mulheres. Em outras palavras, reforma social, ou o que alguns rotularam como “evangelho social”.

Com base nesse histórico, o dr. Tom Nees escreveu sua tese de doutorado com o tema “Ética social da santidade no ministério urbano nazareno”. Para sua pesquisa, Nees passou centenas de horas nos arquivos da denominação, lendo cada panfleto, artigo e manchete de publicações oficiais para reunir um repertório sobre a conexão entre a teologia da santidade (um dos propósitos declarados da Igreja do

Nazareno era “disseminar a Santidade Escriturística”) e reforma social e ministérios urbanos.

Ele descobriu o que o dr. Timothy Smith, professor durante muitos anos no Colégio Nazareno do Leste (em Wollaston, Massachusetts) e na Universidade Johns Hopkins, em Maryland, tinha concluído: que a reforma social e a teologia wesleyana estavam alinhadas em conteúdo e propósito, até 1925, quando houve o que Smith chamou de “a grande reversão”.

Em 1925, muitos fatores tinham entrado na corrente sanguínea da sociedade norte-americana e os elementos conservadores da denominação dirigiram a igreja para uma prioridade mais “evangelística”. Nas cinco décadas seguintes, ocorreu um abandono no nível geral das paixões iniciais pela verdadeira profundidade da teologia de John Wesley. Também houve um afastamento do (impulso para realizar) ministério urbano, que não foi renovado até a década de 1980. Enquanto isso, a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial, os avanços tecnológicos e o New Deal durante os mandatos de Roosevelt tinham estabelecido uma estrutura na qual a denominação vivia e reagia.

Então, quem é esse Tom Nees? Tom cresceu em uma casa pastoral nazarena, filho de um líder proeminente, o dr. L. Guy Nees, que foi pastor, inclusive da Primeira Igreja do Nazareno em Los Angeles, a igreja mãe de Bresee, superintendente distrital, reitor da faculdade e diretor da Missão Global. Tom sofreu a influência das amplas experiências de seu pai e de sua paixão por ministrar a todas as pessoas, o

tempo todo. “Atender à necessidade humana” era um tema recorrente.

Depois de se formar na Faculdade Nazarena do Nordeste (hoje Universidade) e no Seminário Teológico Nazareno, Tom e Pat pastorearam três igrejas locais antes de ele ser chamado para ser pastor da importante e influente Primeira Igreja do Nazareno em Washington D. C. Foi durante esses anos que ele começou a trabalhar no projeto de doutorado mencionado acima.

Depois de alguns anos, Tom sentiu que era hora de mudar e se tornou o diretor fundador do que ficou conhecido como a Comunidade da Esperança, começando o seu trabalho em um conjunto habitacional caindo aos pedaços, no corredor da 14ª Avenida, em Washington, uma área conhecida pela alta criminalidade, proliferação de drogas e outros problemas. Uma das características singulares da Comunidade da Esperança era que, desde o início, sua equipe, e depois sua liderança, era composta por pessoas da comunidade, uma iniciativa autóctone financiada pela Igreja do Nazareno geral, por doações privadas e por verbas federais. Agora, três décadas depois, esse ministério amadureceu e se transformou em um empreendimento de muitos milhões de dólares que executa a mesma missão da sua carta de fundação.

Ao refletir sobre isso, Nees afirma hoje que “naquela época, você precisava explicar por que estava engajado com as necessidades humanas da comunidade. Agora precisa explicar por que não está engajado com as necessidades humanas da comunidade”. Isso é algo bom, um desenvol-

vimento positivo. A atitude mudou radicalmente desde aqueles primeiros dias em que a igreja estava saindo da sua hibernação geral. Ainda assim, segundo Nees, “nossa teologia não acompanhou a prática” no entendimento não apenas do que, mas de por que fazemos o que fazemos como parte da nossa herança e crença wesleyanas. Então, muitas coisas foram feitas, mas ainda há muito a fazer.

Em resumo, a Igreja do Nazareno nasceu em uma chama de evangelismo e reforma social. Depois, passou por um tipo de hibernação teológica no tocante à reforma social. No entanto, mesmo nessas décadas, houve pioneiros e heróis, todos eles membros de igrejas locais, engajados nas necessidades humanas nos centros urbanos. Então, começando no final da década de 1970 e na de 1980, a igreja começou um longo processo de se reengajar em nível geral. A criação do escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão foi parte desse processo. E hoje estamos onde estamos, com milhares de igrejas locais e líderes totalmente engajados, com um leque vertiginoso de ministérios como uma expressão das “boas novas” do Evangelho, sendo as mãos e pés de Jesus para as pessoas que sofrem na necessidade humana.

Sempre existiu. Sempre foi assim.

Posfácio

“Foi uma jornada e tanto.” Steve Weber e eu dissemos isso várias vezes, na nossa empreitada de revisar nosso trabalho original de 30 anos atrás e ao observar todos os eventos subsequentes (a “água debaixo da ponte”) que fluíram para esta atualização e revisão.

Ficamos perplexos com a amplitude e a diversidade de atividades. Ao mesmo tempo, muitas vezes notamos que “não há nada de novo debaixo do sol”, querendo dizer com isso que os princípios são os mesmos. Os impulsos para a ação permanecem válidos. As pessoas, na maior parte, não mudaram seu caráter ou comportamento. Alguns maus. A maioria bons. Motivações diversas, mas resultados quase sempre positivos.

Então, para nós, ter o privilégio de participar desta atualização “tem sido uma jornada e tanto”.

Há muitos anos, meus pais me levaram à nascente do grande rio Mississippi. Eu tinha atravessado muitas vezes esse poderoso rio em Saint Louis, no Missouri, e em Memphis, no Tennessee, onde a largura era impressionante. E em Nova Orleans, onde o poder imenso do rio era avassalador. O rio estava fervilhando de atividade, balsas e cargueiros, iates e barcos de cruzeiro e lazer, pessoas pescando e barcas de óleo. O rio sempre parecia estar cheio de lama, o que

o rotulou com um de seus apelidos, o “Grande Lamacento”. Mas eu nunca tinha pensado sobre o começo do rio, em Minnesota, no lago Itasca. Lá ele tem só 5 metros de largura e chega até os joelhos. E a água é límpida. Eu me lembro de enfiar as pernas na água fria, olhando para baixo, para a corrente borbulhante que ondulava por um fundo arenoso, através de seu curso com afluentes, árvores de lariço e juncos. Havia flores silvestres (era verão), pequenos botões de ervas do campo e alguns buquês de flores cor-de-rosa e roxas, misturados com flores cor-de-laranja, em forma de corneta, do miosótis pintado. Eu dificilmente imaginaria que aquele rio lamacento, poluído e poderoso, quase 4.000 km ao sul, viesse dessa corrente pura e inocente.

Para mim, esse e outros grandes rios do mundo se tornaram uma metáfora para o que chamamos de “ministério de compaixão”. Ele flui do coração puro e santo de Deus, e toda essa atividade no final das contas é resultado da natureza e do caráter de Deus. João, em Apocalipse 22:1, diz assim: “Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro”. João prossegue: “De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações”.

Esse grande rio, fluindo do coração de Deus, é o ministério de compaixão, feito de muitos afluentes. Em termos simples, um afluente é um rio ou riacho que flui para um rio maior ou para um lago. Os afluentes alimentam o grande rio com frescor, nutrientes e vida. Todo grande rio tem centenas, ou milhares, de afluentes. Cada afluente pode ter

sua característica e seu padrão de fluxo únicos, mas todos têm em comum a sua contribuição para o rio maior, que se torna um composto dos seus afluentes. Alguns afluentes vêm de geleiras que derretem, outros, da chuva que cai e outros ainda brotam da boa terra.

Então, pense em todas essas milhares de ações que descrevemos neste livro como brotando (jorrando) do Coração de Deus, através da organização local, geralmente uma igreja local. Elas são afluentes que contribuem para o todo, o rio maior. O ministério de compaixão é, por definição e descrição, o rio maior. Um rio que está sempre se movendo, nunca estagnado, sempre crescendo, sempre se purificando.

Conforme os afluentes fluíam para esse rio, também eram acrescentados os poluentes da irresponsabilidade humana e a desumanidade da humanidade em relação aos outros, dos desastres naturais, dos recursos mal distribuídos — todas essas coisas que representam a paisagem irregular da terra. Mas nesses afluentes estão os elementos purificadores da fé e do caráter cristãos, proporcionando “abrigo para o órfão e a viúva”, sustento para os famintos, um “copo de água” para o sedento. Esses são os ingredientes da compaixão: compaixão como estilo de vida.

Conforme Steve e eu refletíamos sobre isso enquanto líamos centenas de relatos de atividades específicas, algumas coisas nos ocorreram vez após vez. Uma delas é a absoluta primazia do trabalho da igreja local. Praticamente toda atividade (afluente) flui da igreja local, o Corpo de Cristo vivo no mundo. A dra. Nell Becker Sweeden, atual diretora dos MNC, ressalta isso repetidamente. Qualquer ação assumida em ní-

vel corporativo ocorre em suporte à compaixão demonstrada pela igreja local e seus membros. É por isso que as Missões Nazarenas Internacionais enfatizam: “nutrindo um espírito de missões em toda igreja local”. É um imperativo, não uma opção de pegar ou largar.

Outra coisa que ocorreu aos seus coautores foi o que eu chamo de “consistência histórica”. Visualmente, tentamos retratar isso na linha do tempo que você verá neste livro. E isso é apenas uma amostra. Esperamos que você tenha lido com atenção e compreendido o fato evidente de que existe uma coerência histórica: uma ação se desenvolve a partir de outra. Uma resposta flui de outra resposta, e tudo isso, no final, flui do Coração Santo de Deus. Como as águas puras do lago Itasca.

Como David Kauffman escreveu na letra da sua canção:

“Flui como um rio, cai como chuva
Ribeiros de compaixão fluem do seu trono
Vasto como o oceano, profundo como o mar
Fonte de vida É o amor de Deus por mim.”

Franklin Cook e Steve Weber

APÊNDICE

UMA LINHA DO TEMPO DA OBRA SOCIAL

PANORAMA DA COMPAIXÃO NA IGREJA DO NAZARENO, DE 1853 A 2020



A Missão de Cinco Pontos se estabelece na cidade de Nova York, no local de uma antiga cervejaria. Phoebe Palmer, “mãe do Movimento de Santidade”, foi uma das senhoras metodistas que fundaram a missão. A Missão de Cinco Pontos se tornou um modelo para o movimento das “casas de assistência social” e para missões posteriores, como a Missão Peniel, em Los Angeles, EUA.

✚ Desenvolvimento do Ministério de Compaixão



Desenvolvimento denominacional



O Exército da Salvação é fundado no East End de Londres, na Inglaterra, por William e Catherine Booth, que combinam a teologia wesleyana com uma “teologia do Reino” e focam seu ministério nos pobres.



A Igreja Evangélica do Povo é fundada em Providence, no estado de Rhode Island, EUA. Essa foi a primeira congregação da denominação.

1853

1865

1887

1890-1895



O povo de santidade da Nova Inglaterra apoia o Lar Bethesda para mulheres perdidas em Lynn, Massachusetts.



A Igreja de Cristo do Novo Testamento é fundada em Milan, Tennessee, pelo evangelista Robert Lee Harris.



A União Central Evangélica de Santidade é fundada na Nova Inglaterra, EUA. Essa foi a primeira organização-mãe da futura Igreja do Nazareno.



A Primeira Igreja do Nazareno em Los Angeles se organiza em outubro. Mais tarde, Bresee afirma que seu propósito é a “salvação de almas e alívio aos necessitados”.

A Primeira Igreja de Los Angeles institui a ordem de diaconisas e reconhece Arabella Widney como sua primeira diaconisa. As diaconisas ministravam aos enfermos e aos aflitos, visitavam prisioneiros, distribuíam remédios e roupas, trabalhavam de maneira geral com os pobres, pregavam e evangelizavam quando necessário.



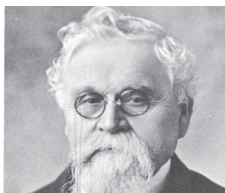
A Associação de Igrejas Pentecostais da América é organizada no bairro do Brooklyn, em Nova York, por William Howard Hoople, fundador de três igrejas lá.

1890

1894

1895

1896-1900



O Rev. H. D. Brown, metodista, funda a Sociedade do Lar de Crianças em Washington em Seattle, no estado de Washington, EUA. Ela funciona na casa dele até 1908, ano em que o Brown Hall foi consagrado. Em 1904, Brown se torna o primeiro superintendente distrital nazareno, supervisionando o Distrito Noroeste.



O Orfanato de Oklahoma é fundado por Mattie Mallory em Oklahoma City, no estado de Oklahoma, EUA.



A Associação de Santidade do Texas é constituída com sua sede em Peniel, uma colônia de santidade perto de Greenville, no Texas, EUA.



Fusão entre a Associação Central Evangélica e a Associação de Igrejas Pentecostais da América. O nome desta última é mantido para a entidade unida.



A Aliança Pentecostal (mais tarde Missão Pentecostal) é fundada em Nashville, no estado do Tennessee, EUA, pelo Rev. J. O. McClurkan. Pentecostal Mission

1896

1898

1900

1901-1903



Uma filial do Orfanato de Oklahoma é aberta em Pilot Point, no Texas.



C. B. Jernigan organiza a primeira congregação da Igreja de Santidade Independente, que cresce no leste do Texas.



O Orfanato de Pilot Point se muda para Peniel, uma colônia de santidade perto de Greenville, no Texas, e recebe o nome de Orfanato Peniel. Ele se filia à Associação de Santidade do Texas.

Tim Moore e sua esposa começam a cuidar de garotas órfãs em sua casa em Nashville, no Tennessee.



A Casa de Descanso, um lar para mães solteiras, abre em Pilot Point, no Texas. O Rev. J. P. Roberts é o superintendente fundador. Ela funciona até por volta de 1970.

O Lar Industrial Berachah para a Redenção de Garotas Desviadas abre em Arlington, no Texas. É fundado pelo Rev. J. T. Upchurch como fruto da sua Sociedade de Resgate Berachah, que vinha executando trabalhos sociais nos cortiços de Dallas, Fort Worth e Waco, no Texas, entre outros lugares.

1901

1902

1903

1904-1907



O lar-maternidade Casa de Descanso de Kansas City é inaugurado em Kansas City, no Missouri. A Senhorita Lue Miller é a superintendente fundadora. Até 1925, tinha ministrado para mais de 1.000 meninas e mulheres, e mais de 500 crianças. O lar funcionou até 1941.



A Igreja de Santidade de Cristo resulta da união da Igreja de Cristo do Novo Testamento com a Igreja de Santidade Independente. A sede está localizada em Pilot Point, no Texas.

1904



O Orfanato Peniel agora cuida de 64 crianças: 27 meninos e 37 meninas. Os nazarenos de Bresee, na costa do Pacífico, concordam em apoiar a Escola Esperança para meninas e viúvas em Calcutá, na Índia, um trabalho iniciado anteriormente por duas mulheres na Índia.

1906



O Lar para Crianças da Casa de Descanso abre em Pilot Point, no Texas.

J. F. Spruce se muda do Kentucky com os órfãos e abre um orfanato familiar em Floresville, no Texas. Mais tarde, ele é anexado ao Orfanato Peniel.

O Lar de Resgate Porta da Esperança para meninas desafortunadas abre em Nashville, sob os auspícios da Santidade Pentecostal.



A Primeira Assembleia Geral, realizada em Chicago, une a Igreja do Nazareno e a Associação de Igrejas Pentecostais da América. Bresee e H. F. Reynolds são eleitos superintendentes da entidade unida, que adota o nome de Igreja Pentecostal do Nazareno.

1907

1908-1910



O Lar de Treinamento para Moças (orfanato e escola), com 35 moças residentes, é consagrado em 1º de janeiro de 1908, fruto do ministério de Tim Moore e da Missão Pentecostal.

A Segunda Assembleia Geral, realizada em Pilot Point, no Texas, une a Igreja de Santidade de Cristo e a Igreja Pentecostal do Nazareno. Depois da consolidação, a igreja unida tinha trabalhos em seis países: Estados Unidos, Canadá, México, Japão, Cabo Verde e Índia.

1908



O Orfanato Oklahoma se muda para Bethany, em Oklahoma, onde Mattie Mallory, o superintendente distrital C. B. Jernigan e outros estabelecem uma colônia de santidade.

O Lar Nazareno para mães solteiras abre em Bethany sob a direção da sra. Johnnie Jernigan, que antes era defensora itinerante da Casa de Descanso de Pilot Point.

O Lar de Refúgio de Hutchinson foi constituído no Kansas, um ministério da Primeira Igreja do Nazareno em Hutchinson.

1909



O Lar de Resgate Nazareno abre em Texarkana, no Texas, um projeto conjunto dos distritos de Arkansas e Dallas.

O Orfanato Peniel depende cada vez mais dos nazarenos, após a dissolução da Associação de Santidade do Texas.

1910

1912-1914



A Casa de Descanso de Oakland, na Califórnia, abre como um ministério do Distrito de São Francisco. Ela ministrou a mães solteiras até 1920.

O Lar de Resgate Nazareno (Texarkana) se funde com o Lar Berachah (Arlington, Texas).



A Casa Publicadora Nazarena é fundada em Kansas City, no Missouri.



A Casa de Descanso Hillcrest é fundada perto de Los Angeles, Califórnia, e funciona por dois anos.



O superintendente geral Hiram Reynolds visita orfanatos nazarenos em Khardi e Buldan, na Índia.

1912

1913

1914

1915-1917



A Missão Pentecostal e a Igreja Pentecostal da Escócia (sediada em Glasgow, Escócia) se unem à Igreja Pentecostal do Nazareno.

1915



O Lar para Órfãos Peniel se torna um ministério especial dos distritos nazarenos do sudeste. Há 40 órfãos no lar.



O Lar de Treinamento Bethany para mães solteiras é fundado em Memphis, no Tennessee, pelo Rev. A. J. Vallery.

1916

1917

1919-1921



Um hospital com 18 leitos é aberto em Pigg's Peak, na antiga Suazilândia (agora Essuatíni), supervisionado pela enfermeira Lillian Cole.

O Fundo de Alívio à Fome na China arrecada mais de US\$ 25.000,00 para aliviar o sofrimento humano, depois de apelos do missionário Peter Kiehn.



A União Médica Missionária Nazarena é fundada por C. J. Kinne, gerente fundador da Casa Publicadora Nazarena.



A Quinta Assembleia Geral cria a Junta Geral de Orfanatos.

Os nazarenos removem a palavra "Pentecostal" do nome da igreja para evitar confusão com o movimento religioso conhecido como pentecostalismo.

1919

1920

1921

1922-1925



Santos Elizondo estabelece um orfanato em Juarez, no México, em conexão com a igreja local. Seis anos depois, o orfanato abriga 43 órfãos.

1922



O Hospital Memorial Bresee é aberto em outubro de 1925, em Tamingfu, na China, com 100 leitos. Ele foi desenvolvido a partir da visão de C. J. Kinne, que supervisionou a construção, iniciada em 1923.

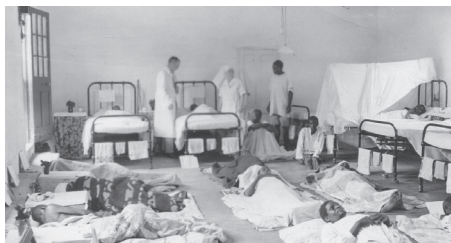


A Sexta Assembleia Geral combina orfanato e trabalho de resgate, sob a direção da Junta Geral de Assistência Social.

1923

1925

1926-1928



Uma enfermaria é estabelecida na Guatemala.



o Hospital Memorial Raleigh Fitkin é aberto em Manzini, na antiga Suazilândia, sob a superintendência do dr. David Hynd, da Escócia, que supervisionou a construção, iniciada em 1925.



Um programa de treinamento em enfermagem é estabelecido na antiga Suazilândia.



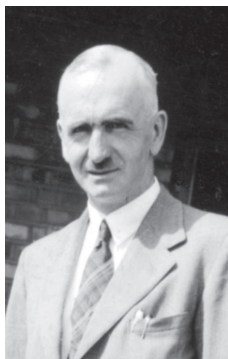
Mary Parnell inicia um programa de treinamento em enfermagem no Hospital Memorial Bresee (1927-1928).

1926

1927

1928

1932-1935



O dr. David Hynd
lança a Cruz
Vermelha na antiga
Suazilândia.



O Hospital e Escola
de Enfermagem
Samaritano abre em
Nampa, no estado
de Idaho, EUA, sob
a direção do dr.
Thomas Mangum.
Uma de suas missões
principais é treinar
enfermeiros para o
serviço no exterior.



O Lar Berachah
fecha e reabre como
Instituto Infantil
Berachah, que
funcionou até 1942.

1932

1933

1935

1936-1941



👤
O Hospital Memorial Reynolds para mulheres e crianças abre em Washim, sob a direção da dra. Orpha Speicher.



A dra. Orpha Speicher chega a Washim, na Índia, para dirigir o trabalho médico ali.



Um orfanato é aberto na antiga Suazilândia pelo dr. David Hynd.

1936

1938

1941

1947-1950



Uma escola de enfermagem ligada ao Hospital Memorial Reynolds é fundada na Índia por Jean Darling, do Canadá.



O Hospital de Lepra Mbuluzi, ligado ao Hospital Memorial Raleigh Fitkin, é aberto na antiga Suazilândia, sob a supervisão de Elizabeth Cole.



A Missão de Resgate de Kansas City é fundada pelo superintendente distrital Jarret Aycok.

1947

1948

1950

1952-1970



O Hospital Kudjip é desenvolvido na Papua Nova Guiné através do trabalho dos drs. Dudley Powers e Evelyn Ramsey. O hospital é consagrado em 1967.



O Hospital Memorial Ethel Lucas, em Acornhoek, na África do Sul, vem para a igreja com a fusão da Missão Internacional de Santidade com a Igreja do Nazareno.



Gilbert Leigh funda o Ministério Novo Mundo em Chicago.

1952

1965-1969

1970

1973-1976



A Comunidade da Esperança é fundada por Tom Nees no “corredor rebelde” em Washington, D. C., depois da compra das 48 unidades do condomínio Cresthill Apartments.

A Comunidade da Esperança faz uma parceria com o Residencial Jubilee para cuidar das moradias para pobres e começa a fornecer comida, roupas e serviços médicos na sua vizinhança. Manhattan, Nova York, a Igreja do Nazareno compra The Lamb's como um centro para o seu ministério urbano multifacetado. Alcançar os pobres, especialmente os sem-teto, é um aspecto da sua missão.



O Serviço de Aconselhamento Cristão é lançado em Nashville, no Tennessee. Os serviços incluem aconselhamento, cultos para mães solteiras, acolhimento familiar e educação para pessoas com dificuldade de aprendizagem.



O Fundo Nazareno para Fome e Desastres é criado logo após a fome no Haiti, em 1975, e o terremoto na Guatemala, em 1976.

1973

1975

1976

1980-1982



Os nazarenos assumem a “internacionalização” como o modelo para o seu futuro: uma igreja não dividida por fronteiras nacionais.

1980



A Igreja Comunitária Golden Gate é fundada em São Francisco, na Califórnia, como uma missão urbana ministrando aos sem-teto e pessoas em recuperação. Mais tarde, ela passa a ministrar a pessoas com AIDS.

1981



O escritório dos Ministérios Nazarenos de Compaixão é criado.

Uma pesquisa do Departamento de Extensão da Igreja mostra que mais de 2.000 congregações nos EUA estão envolvidas em algum tipo de ministério social.

1982

1984-1989



A Associação de Nazarenos no Trabalho Social (ANSW, na sigla em inglês) é lançada em junho de 1985.



Steve Weber é transferido do Haiti por L. Guy Nees, executivo da Missão Mundial, para servir como o primeiro coordenador em tempo integral dos Ministérios Nazarenos de Compaixão.

L. Guy Nees anunciou que mais de 1 milhão de pacientes haviam sido tratados em clínicas e hospitais da missão nazarena mundial desde 1980.

A primeira conferência dos Ministérios Nazarenos de Compaixão é realizada, com quase 500 participantes registrados, contrariando todas as previsões. Local: Seminário Teológico Nazareno.



Os nazarenos contribuíram com mais de USD \$3,7 milhões para ministérios de compaixão, aos quais se juntaram outros USD \$3,5 milhões de fontes não nazarenas.

1984

1985

1985-1989

1990-1996



 A Resposta a Desastres Nazarena é criada em resposta às enchentes generalizadas nos Estados Unidos.

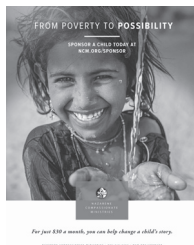
A igreja anuncia mais de 50 centros de ministérios de compaixão e 200 igrejas Bom Samaritano nos EUA e no Canadá.



A NCM Inc. é constituída separadamente como uma organização sem fins lucrativos.



O programa de patrocínio de crianças dos MNC apoia mais de 28.000 crianças, e os Ministérios Nazarenos de Compaixão financiam 218 projetos para alívio a desastres ou transformação social.



1990

1993

1996

1997-2005



A igreja anuncia 100 centros de ministérios de compaixão e 700 igrejas Bom Samaritano na região dos EUA e Canadá.



Pela primeira vez, a maioria dos nazarenos mora fora dos Estados Unidos e Canadá.



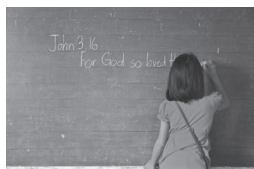
A Resposta a Desastres Nazarena responde ao furacão Katrina e mais de 4.600 voluntários viajam para locais de desastres para oferecer serviços.

1997

1998

2005

2009-2013



Existem 175 centros de ministério de compaixão nos Estados Unidos e no Canadá.



Os Ministérios Nazarenos de Compaixão têm mais de 160 centros de desenvolvimento infantil no mundo.



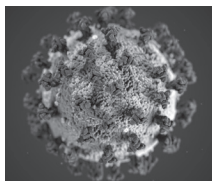
A Junta de Superintendentes Gerais designa o primeiro domingo de novembro como o Domingo dos Órfãos.

2009

2012

2013

2018-2020



Irrompe a pandemia global da COVID-19, e nazarenos do mundo todo buscam assistir as populações impactadas pelo vírus. Igrejas são fechadas por causa das restrições do distanciamento social, as viagens são restringidas para todos os líderes, missionários e obreiros; ainda assim, os ministérios de compaixão da Igreja do Nazareno são fortes globalmente.



29,3 % dos nazarenos vivem na África e 28,8 % na América Latina e Caribe.

Quem sabe o que o próximo capítulo pode trazer? Estaremos prontos? Permaneceremos comprometidos com a *Compaixão como estilo de vida* diante do futuro desconhecido?

2020



Qual será o SEU papel?

2018

2020

O FUTURO

Sua hora de agir!

✿ Depois de ler este livro, quais os passos práticos que você acha que pode dar para se tornar intencionalmente mais engajado no ministério de compaixão, em nível local?

✿ Conhecendo o impacto significativo da compaixão em ação e sabendo que as ações dos indivíduos fazem diferença, comprometa-se a agir em áreas que toquem o seu coração. Compartilhe suas conclusões com outras pessoas, e juntos desenvolvam um ministério de compaixão.

✿ A compaixão é um estilo de vida, não apenas uma reação a eventos e circunstâncias que surgem. Você está disposto a ajustar o seu estilo de vida para permitir que a compaixão o guie? Que passos você estaria disposto a dar para tornar o seu estilo de vida mais compassivo?

✿ Aprenda sobre as necessidades relacionadas à fome na sua comunidade. Encontre uma organização local que trate da fome e entre em contato para descobrir quais as suas maiores necessidades. Então, avalie como você pode atender a uma ou duas dessas necessidades com seus recursos e habilidades.

✿ Descubra se existe algum “deserto alimentar” na sua comunidade. Esses desertos são as áreas onde comida

fresca e saudável não está disponível ou é cara demais para os residentes. Envolve o seu governo local para suprir essa carência.

✿ Caso você esteja em uma área propensa a desastres, descubra se há algum treinamento da Cruz Vermelha para que você possa ser voluntário, caso ocorra alguma catástrofe. Descubra como a sua igreja ou distrito nazareno está envolvido na ajuda de emergência com os MNC (muitas estão) e o que você pode fazer para ajudar.

✿ Pesquise na Web sobre o tráfico humano na sua cidade. Informe-se em sites e organizações reconhecidos e ore sobre como poderia ajudar. O Centro para Justiça e Reconciliação da Universidade Nazarena de Point Loma é um recurso excelente. Visite o website <https://www.pointloma.edu/centers-institutes/center-justice-reconciliation>.

✿ Escreva cartas ou bilhetes de agradecimento aos seus profissionais de saúde locais, seja em um hospital, clínica ou consultório médico.

✿ Em muitas áreas, existem centros nazarenos de ministério de compaixão que trabalham no ministério, comunitário local. Descubra se existe algum centro perto de você e o contate para saber quais são as suas necessidades. Pense a respeito e se voluntarie, doe ou use suas habilidades para dar apoio.

✿ Veja se existe algum centro de apoio a refugiados ou imigrantes na sua comunidade. Doe seu tempo ou recursos para ajudá-los.

Reflexões pessoais

❧ CRÉDITOS ❧

Dos autores das histórias, Revista MNC e blog Ilustrações envolventes dos princípios mais amplos, adaptadas para o uso nos capítulos onde aparecem.

- Página 26 **“When Waters Rise: Providing Care After South Asia Floods”**. NCM Magazine, inverno de 2017.
- Página 28 **“When Hunger Hits: Churches Are Responding”**. NCM Magazine, verão de 2017.
- Página 38 LUTHYE, Beth Clayton. **“Red Light Redemption in India”**. NCM Magazine, 20 de maio de 2018.
- Página 51 GSCHWANDTNER, Dorli. **“Redeeming Grace in Moldova”**. NCM Magazine, 18 de julho de 2016.
- Página 73 **“When Deadly Quakes Shook Mexico”**. NCM Magazine, inverno de 2017.
- Página 79 **“Feeling the Force of the Storms”**. NCM Magazine, inverno de 2017.
- Página 100 **“Baskets of Love: Responding to Food Shortages in Venezuela”**. NCM Magazine, inverno de 2017.
- Página 102 STEVENS, Callie. **“Breaking the Cycles: Shepherd Community Center Serves Indianapolis Neighborhoods”**. The Greening [O avivamento da compaixão], 2021.
- Página 105 STEVENS, Callie. **“Conservation Agriculture Means More Food Security”**. The Greening, 2021.
- Página 114 LUTHYE, Beth Clayton. **“Becoming Somebody: Church-based Vocational Training Helps Women Discover Their God-Given Dignity in Liberia”**. NCM Magazine, inverno de 2018.

- Página 119 STEVENS, Callie. **“For Girls, By Girls: A Youth-led Justice Club in Ghana Is Changing the Future for Hundreds”**. NCM Magazine, 5 de novembro de 2017.
- Página 132 STEVENS, Callie. **“Digging Deep: In Mozambique, Local Churches See God in Water and Sanitation”**. NCM Magazine, 14 de outubro 2018.
- Página 141 LUTHYE, Beth Clayton. **“Drops of Mercy: In Sierra Leone, Churches Reflect God’s Love Through the Gift of Clean Water”**. NCM Magazine, 18 de julho de 2016.
- Página 151 **“Seeking Refuge”**. NCM Magazine, verão de 2017.
- Página 156 SIPES, Brandon. **“Standing on Holy Ground: People Living as Refugees Create a Global Church”**. NCM Magazine, verão de 2018.
- Página 158 STEVENS, Callie. **“Active Compassion: Venezuelans Find Refuge and Aid in Brazil”**. NCM Magazine, inverno de 2019.
- Página 162 DUTRA, Sarah. **“A Chance to Dream Again”**. NCM Blog, 25 de maio de 2017.
- Página 165 LUTHYE, Beth Clayton. **“My Hope in Life: Rasha’s Story”**. NCM Magazine, 27 de outubro de 2016.
- Página 166 LUTHYE, Beth Clayton. **“Hope to Continue: Halil’s Story”**. NCM Magazine, 21 de outubro de 2016.

Agradecimento

Somos muito gratos ao dr. Stan Ingersol, diretor dos Arquivos Nazarenos, por ajudar a reunir informações para a linha do tempo da história social, encontrada no Apêndice deste livro.